

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

FLÁVIA PADULA

O PODER DO
AMOR



SÉRIE DAWSON WESTERN LIVRO 2



O Poder do Amor

A origem da Família Dawson no Texas

SÉRIE DAWSON WESTERN

LIVRO 2

Flávia Padula

Copyright©2019 Flávia Padula

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora.

Dedico este livro a Morgana Brunner que me incentivou a escrever a história de Beth Lee Malick e Robert Clarkson. Agradeço o seu trabalho e a amizade que temos cultivado.

Gratidão!

Desistir
Eu desistiria de tudo
Cada último suspiro
Todo primeiro gosto, por você (...)
(...)Mas é tarde demais para voltar
Trecho da Música Day is Gone – Noah Gundersen

CAPA: JESSICA MACEDO
REVISÃO: MORGANA BRUNNER

SUMÁRIO

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO

Depois de reescrever o livro A Força do Amor, eu vi a necessidade de contar a história de amor de Beth Lee e Robert Clarckson. Então, por que não dar vida a história onde o amor tem o poder de destruir mágoas, sentimentos de vingança, mentiras e traições? Pode realmente o amor vencer tantas barreiras para findar na alegria e confiança? Eu acredito que sim. Mas será que Beth Lee e Robert estarão dispostos a tudo para ficarem juntos? Fique com essa singela história da doce e amável Beth Lee e seu noivo possessivo e ciumento.

Com amor e gratidão,

Flávia Padula.

Capítulo I

1782

A fumaça negra cobria o céu, formando uma nuvem pálida no horizonte vertiginoso. O sol estava a pino, o calor era insuportável e o ar parado, quase morto. A única coisa que restara do simples rancho foi o cercado, além disso, tudo fora destruído e incendiado. Os habitantes da casa estavam mortos: foram torturados e enforcados. Seus corpos pendiam nas cordas, cheios de moscas.

O grupo de Texas Rangers se aproximou e olhou ao redor. Mais uma vez chegaram tarde, o Bando da Morte já havia feito o estrago e partido. Eram mais de vinte criminosos reunidos em um grupo que vinha devastando o meio oeste: Adam Palmer e Sandy Lee, conhecidos como senhor e senhora Morte eram chefes do grupo. E o restante eram criminosos que matavam por diversão pessoas inocentes e roubavam tudo.

Os Texas Rangers os caçavam e teve um forte confronto contra eles em Jabersville, perto de El Paso. Dois Texas Rangers morreram e onze homens do bando, mas os líderes fugiram. E a cada dia, mais criminosos chegavam para se unir ao grupo. Não havia critério para os crimes que cometiam, apenas matavam quem quer que estivesse no meio do caminho. E eram covardes e desumanos.

Robert Clarckson pegou seu revólver com coroa de marfim e atirou nas cordas e os corpos caíram num som oco.

— Vamos enterrá-los — avisou.

Ele desceu do cavalo e procurou algum objeto que o ajudasse a cavar covas. A primeira vez que viu uma criança enforcada, chorou escondido de seus companheiros, caiu de joelhos como se tivessem matado alguém de sua família. Agora, estava acostumado. Depois de dois anos na corporação, a morte de inocentes se tornara sua companheira de trabalho, naquele chão de terra de pessoas sem alma.

Seu dever era perseguir e prender criminosos e levá-los a julgamento. Entretanto, a maioria das vezes não havia tempo para humanidade ou misericórdia, a sentença era dada pela velocidade do disparo da arma e a pontaria.

Contudo, perseguir Adam Palmer e Sandy Lee Malick era uma questão pessoal, envolvia sua existência, sua honra. Aquele maldito casal frio e sanguinário havia destruído sua vida e ele estava disposto a tudo para pegá-los.

Ele, Stewart, Lewis e Clarck abriram as covas e enterraram aquelas pessoas, dando-lhes um fim digno, deixando as cruzes improvisadas com tocos de madeira, cravadas na terra. Depois seguiram viagem, saindo no rastro do bando mais uma vez e eles se dirigiam para o norte. Às vezes, Robert tinha a sensação de que estavam sendo seguidos, mas não havia nada atrás deles e depois de horas essa sensação desapareceu. Viajaram por toda a manhã e tarde até chegarem o Vale da Garganta Dourada, conhecido assim por ter sido palco de morte em nome do ouro que existia naquele lugar.

O antigo Canyon tornara-se um grande buraco com extensas paredes vermelhas, que davam acesso a estrada principal. O rastro do bando seguia para além da estrada. Passaram pelo Vale, desconfiados, naquele silêncio mórbido aonde o vento uivava um mau presságio.

Um grito de guerra ecoou pelo vale e a flecha atravessou a garganta de Clarck, derrubando-o do cavalo. Vários índios Sioux surgiram saltando do meio das rochas, Robert atirou em dois. Viu o instante em que o índio decepou a cabeça de Lewis com um machado. Atirou no índio que caiu do cavalo, arrastando-o para longe.

Eles atacaram Stewart e o dominaram, arrastando o rapaz que berrava por socorro. Robert pegou seu rifle e apontou, mas uma flecha atingiu seu abdômen e ele se curvou.

Bob levava um tiro uma vez, durante uma inspeção, mas não doera como agora. Sua carne ferida ardia e parecia queimar a cada batida do seu coração. Caiu do próprio cavalo, enquanto o corpo todo se contorcia, fora envenenado. Olhou para o lado e viu escarpelarem Stewart ainda vivo e gritarem a vitória.

Então, eles vieram em direção a Robert e ele gemeu, pegou o revólver e atirou, acertando apenas um, o outro correu em sua direção para matá-lo, o machado erguido no ar, o grito de guerra bramindo vitória. Era como se seu corpo estivesse muito pesado e lento. Sua visão foi ficando turva.

Viu as botas do índio bem diante dos seus olhos e gemeu novamente, querendo se erguer, mas não conseguia. Ouviu um tiro, depois outro. Os índios foram caindo mortos um a um. Ele se virou e respirou fundo, viu o vulto de um cowboy se aproximar, e parar diante dele. O cowboy se abaixou e o segurou pelas pernas. Bob sentiu que era arrastado.

O sol brilhou forte no alto do céu, e ele fechou os olhos e não os abriu mais.



Robert acordou de repente. Estava em seu quarto em Shepherd, na fazenda de gado da família, ao sul do Texas. Sentiu um imenso alívio ao constatar que tudo fora um pesadelo. Ele não era um Texas Ranger, não fora atacado por índios Sioux e nem salvo por um cowboy. Os Sioux não viviam no Texas. Tranquilo, levantou-se e lavou o rosto na bacia com água fresca e então, enquanto enxugava o rosto com a toalha que possuía perfume de lavanda, ele se aproximou da janela. Lá fora, o céu brilhava para mais um dia de trabalho. O céu azul e a paragem cor de palha que cercava Shepherd, era inspirador, nada como estar em casa.

Desceu para a cozinha e encontrou Beth Lee arrumando a mesa do café da manhã. Ela estava linda com o vestido azul que ele comprara de presente em sua última viagem à San Antonio. Os cabelos ruivos estavam presos num coque e os cachos se desprendiam da linda presilha dourada que ele lhe dera de presente de noivado há alguns anos.

Ela levantou o olhar doce e meigo, e um sorriso esplêndido surgiu nos lábios feitos para um beijo. Sem entender o motivo, talvez pelo excesso de amor, ele sentia saudades dela. Tanto que não se conteve e a abraçou, fazendo-a rir. Ele a beijou apaixonado. Nenhuma mulher tinha aquele sabor da vida que Beth Lee possuía.

— Bob! — Ela o reprovou quando ele se afastou. — Alguém pode nos ver! Comporte-se!

— E quem poderia nos ver? — Ele sorriu malicioso. — Donna e Brad não moram aqui, tem sua própria casa.

— Mas há outras pessoas... — Ela fugiu da investida dele, rindo sem parar.

O som daquela risada era o som mais poético que Bob já ouvira, o fazia alcançar o paraíso. Mas ele não se rendeu aos apelos dela, ele a puxou de volta, e a abraçou por trás, beijando sua nuca.

— Preciso de você, Beth Lee — confessou e sentiu uma dor no peito inexplicável.

— O que é isso? — Caroline entrou na cozinha e os reprovou com um sorriso.

Beth Lee o empurrou e Bob fez uma cara feia para a tia.

— Vou pegar o pão. — A moça avisou e se retirou.

— Bom dia a todos. — A voz de John Clarckson soou forte.

Bob olhou para o pai saudável e bem. Era estranho, mas estava tão feliz em vê-lo. Aquele pesadelo o deixara emotivo como jamais ficara. Era como se tivesse um buraco negro no peito, tamanha a falta que eles pareciam lhe fazer. Então, Jerry entrou tirando o chapéu e mostrando a farta cabeleira loira.

— Hoje é o dia da festa? — Jerry perguntou animado.

— Festa? — Bob não se recordava.

— Sim. Esqueceu do aniversário de Tim! — Jerry balançou a cabeça. — Anda muito avoado ultimamente, rapaz.

— Eu ouvi meu nome? — Tim perguntou ao entrar em seguida.

O sorriso de Robert desapareceu. Ele fitou o irmão mais velho e sentiu grande pesar. Beth Lee voltou com uma cesta nas mãos e a colocou sobre a mesa.

— Meus pais devem vir à festa. — Ela comentou e sorriu para Bob.

Ele olhou para ela e seu coração bateu forte, havia chorado poucas vezes na vida, e naquele momento sentia as lágrimas arderem em seus olhos.

— Você está bem, Bob? — Ela se aproximou dele preocupada.

Ele não estava bem.

Seu pai estava morto.

Tim fora assassinado.

Joseph Malick morreu em uma briga de bar.

Maggie Malick morreu de tristeza.

Aquilo era uma dolorida e doce mentira. Robert balançou a cabeça, negando a realidade e gritou de raiva, enquanto as pessoas começavam a se dissolver diante dos seus olhos.

Ele deu mais um grito e acordou, finalmente.

Capítulo II

Robert sentou-se ofegante. Desta vez era real, não estava sonhando. Uma velha índia veio em sua direção falando o dialeto Comanche. Ele compreendia o que ela dizia, aprendera com Jack, o índio que trabalhava na fazenda de sua família.

— Deite-se ou sua ferida vai abrir. — Ela falou.

Ele se deitou.

— Onde estou? — Ele perguntou em seu dialeto e a mulher o fitou, surpresa. Então respondeu:

— Está em minha casa — respondeu e se afastou.

Bob olhou ao redor e viu que estava dentro de uma cabana feita com madeira e barro. A janela estava aberta, deixando a luz do sol entrar e o calor era forte. A índia voltou e olhou para ele.

— A moça branca o trouxe. — Ela contou e saiu de novo, indo em direção ao fogareiro no canto do outro cômodo.

— Moça branca? — Bob estranhou.

— A que chamam de fantasma.

Outra criminosa procurada pelas autoridades, conhecida por caçar fora-da-lei e fazer justiça com as próprias mãos. Agora Bob devia um favor a uma criminosa. Lembrou-se dos amigos mortos na luta contra os Sioux, tinha que realmente agradecer por estar vivo.

A índia lhe trouxe algo para beber. O gosto era horrível, mas matou a sede de Bob e ele sabia que de algum modo ia ajudá-lo a se recuperar. Ele acabou adormecendo de novo e quando acordou, a velha ainda estava lá, mas já era noite.

Não fez muitas perguntas e como a índia não era de falar, o silêncio lhe fez companhia. Levou alguns dias para ficar de pé. Descobriu que a índia se chamava Raposa Branca, fora casada com um soldado norte-americano desertor, que foi assassinado pelos próprios americanos em uma emboscada contra a tribo dela. Repudiada pelos de sua tribo e pelos homens brancos, vivia isolada perto da Garganta Dourada, ajudando viajantes perdidos como ele.

— E quem me atacou? Achei que fossem os Sioux. — Robert comentou.

— Mas não tem Sioux no Texas.

— Eles se uniram ao povo Cherokee contra a sua gente. — Ela explicou. — Estamos sendo dizimados, precisavam fazer algo. Estamos sendo mortos sem motivo nenhum para vocês enriquecerem e ficarem com as nossas terras. — Ela fitou Bob. — Não era mais fácil comprar? Não, mas vocês brancos resolvem tudo com guerra e escravidão.

Robert sabia o que estava acontecendo bem diante dos seus olhos e de todo o restante, mas todos fingiam não ver. O governo mandara o exército para matar os índios e tomar suas terras, sem qualquer tipo de negociação. A tomada começou na Guerra de Secessão e agora se mantinha firme, no desbravamento do oeste. Estavam destruindo tribos, matando gente inocente.

— Teve sorte em sobreviver, geralmente os Sioux são impiedosos. — Ela comentou.

— Eles foram, mas essa tal mulher salvou minha vida, como disse — retrucou. — E sabe para onde ela foi?

— Ela foi ao encontro de seu próprio destino... Deveria fazer o mesmo!

Bob encolheu os ombros sem dar importância as palavras dela. Os índios adoravam falar em enigmas e ele não tinha paciência para isso.

— Eu já encontrei meu destino — afirmou.

A mulher fez que não:

— Não.

— Não sabe nada sobre mim, índia — falou ríspido.

— Está correndo atrás do vento. — Ela continuou a falar: — Tem que ir atrás dessa mulher branca.

— E por que eu faria isso?

— Porque tem que se redimir de suas próprias culpas...

Nisso a índia tinha razão. Bob carregava muitas culpas, mas não seria uma mulher qualquer que o faria mudar seu rumo. Seu passado fora morto e enterrado e ele deixou tudo para trás, estava vingado, agora, era ser um Texas Ranger e fazia a lei se cumprir, custasse o que custasse. Por um instante, pensou em Crescentfalls, em seu irmão Jeremiah, tia Caroline, sua irmã Donna Mae e o marido dela, Bradford Dawson. Eram imagens tão distantes de sua realidade.

O restante se fora para sempre.

Timothy, seu irmão e o primogênito da família, estava morto. O pai deles, John Clarckson sucumbira a uma doença após descobrir que Tim era o ladrão de

gado da fazenda Shepherd e estava morto. John morreu dois invernos depois, deixando sua tia Caroline viúva.

Na mesma época, Joseph Malick bebeu demais e se envolveu em uma briga no bar dos Rancheiros e levou um tiro no peito. Sua esposa, Maggie morreu meses depois completamente louca e sem reconhecer ninguém. Na mesma semana, Beth Lee foi raptada e ele nunca mais a viu.

A história da vida de Bob terminara naquele momento obscuro quando perdeu Beth Lee para sempre. A única coisa que restou como lembrança foi a presilha que ele lhe deu e encontrou caída na porta da pensão. Ele a carregava no bolso como um talismã desde então. Lembrou-se disso e levantou depressa, verificou se tudo estava em perfeita ordem. Vasculhou suas bolsas e não havia sinal da presilha.

— Onde está a presilha? — Ele saiu da casa e encontrou a índia perto do poço de água.

— *Ela* levou embora. — A índia contou sabendo exatamente do que ele falava.

— E você deixou? — esbravejou.

— O que queria que eu fizesse? Ela estava armada e sou apenas uma índia velha — falou e voltou sua atenção para o poço. Bob acabou ajudando-a a puxar o balde cheio de água.

Ele ia matar aquela desgraçada que roubara sua presilha! Ela podia ter levado qualquer coisa, até mesmo seu revólver de cano de marfim que tinha desde a adolescência. Entretanto, ao roubar a presilha de Beth Lee, a mulher lhe declarara guerra. Aquele era o único elo que o mantinha preso a promessa de que encontraria Sandy Lee e Adam Palmer e vingaria a morte de tantas pessoas e a perda irreparável da mulher que amava.

Lembrou-se do dia em deu a presilha a Beth Lee. Ela estava com aquele vestido azul que ele adorava tanto. Ao abrir o pequeno pacote, lágrimas escorreram pelo rosto delicado, e sorriu com alegria. Era o maior presente que ele poderia ter: vê-la feliz.

— Coloque em meu cabelo, Bob, por favor. — Ela pediu com sua voz delicada.

Ela virou-se e ele a colocou em meio ao emaranhado de cachos vermelhos.

— Estou bonita? — Ela se voltou para ele.

— Sempre vai estar, Beth Lee. Nenhuma mulher pode ser mais bonita

que você!

E ela ficava vermelha de vergonha e abaixava o olhar para as mãos e isso o deixava ainda mais apaixonado, essa inocência, essa timidez. Bob ainda podia sentir o perfume dela, a maciez da nuca delicada. E ele a havia perdido para sempre. Com raiva, voltou para dentro da casa e vestiu sua roupa. Ficou surpreso quando Raposa Branca veio até ele e colocou um colar em seu pescoço.

— O que é isso?

— Proteção — explicou. — Para que a morte não o atrapalhe nessa nova jornada. Você vai precisar.

Respeitando a crença e a fé dos índios, que ele sabia ser muito poderosa, agradeceu e escondeu o colar debaixo de sua camisa. Vestiu sua inseparável jaqueta de couro marrom, pegou suas coisas e foi até o estábulo selar o cavalo. Partiu sem olhar para trás.

Capítulo III

Robert Clarckson entrou no bar pelas portas vai-e-vem e olhou ao redor. Embora o ar do deserto estivesse seco, ali dentro estava mais fresco que nas ruas poeirentas de Hunterhall. Os olhos argutos notaram os homens que jogavam pôquer na mesa principal, as prostitutas que dançavam com os homens bêbados e sujos. A outra leva de cowboys estava encostada no bar bebendo e falando besteira, contando mentiras.

O dono do bar, Travel, o cumprimentou com um leve aceno e seguiu enchendo os copos de uísque barato. Uma das garotas tocava piano muito mal, entretanto, o pessoal se divertia do mesmo jeito. A maioria das vezes que passava pela cidade, Bob ficava por um ou dois dias, relaxar, arranjar diversão e jogar cartas. Entretanto, estava ali apenas para se refrescar e seguir viagem, precisava investigar em que direção deveria ir. Estava caçando a maldita mulher fantasma.

— Olá, Bob. — Uma das dançarinas passou a mão em seu ombro sorrindo com interesse. — Quer dar uma voltinha lá em cima comigo?

— Obrigado, Susie, mas hoje preciso de uma bebida forte.

Ela sorriu coquete:

— Se quiser diversão, sabe onde me procurar.

— Pode deixar, docinho... — piscou para ela e parou diante do balcão e Travel lhe serviu uísque.

— O que há de novo, Clarckson? — Ele perguntou.

Bob virou a bebida de uma vez sem fazer careta e colocou o copo sobre o balcão.

— O de sempre... Nenhuma novidade nesse mundo velho — fez sinal para que lhe servisse mais. — E por aqui?

Travel fechou a garrafa e sorriu:

— A cidade está polvorosa!

— Por quê? — fingiu interesse.

— Dizem que a tal Fantasma prendeu mais dois...

Robert sentiu um soco no estômago ao ouvir aquele nome. Virou a bebida e encarou Travel:

— Tem certeza?

— Eu a vi. Esteve aqui mais cedo. Ela é bonita de se ver a mulher! — elogiou. — É um demônio em forma de anjo.

Bob sentiu o sangue correr depressa e a veia pulsou em seu pescoço.

— E o que ela veio fazer aqui?

— Conhecer o lugar, parece que ela está atrás do Bando da Morte, é o que dizem, ela é a pedra no sapato deles. Não é muito de falar, apenas perguntou como foi o roubo de gado da fazenda Gretie e se alguém sabia quem realmente eram os assaltantes...

Bob jogou o dinheiro em cima do balcão e saiu a passos largos até a pensão. A única que havia na cidade e em que acostumava a se hospedar. O dono, Cullen, estava sentado perto da porta com outros rancheiros, se aproximou dele e perguntou:

— Onde *ela* está?

Os homens se entreolharam. Claro que sabiam do que ele falava.

— Subiu para o quarto a pouco, ao lado do principal — avisou. — Clarckson. — Ele o chamou antes que entrasse. — Não quero morte em minha pensão...

Robert não respondeu, entrou e subiu as escadas pulando os degraus e atravessou o corredor como um touro bravo, abrindo a porta de uma vez. Não havia ninguém. Cullen apareceu logo atrás.

— Ela pagou — olhou dentro do quarto. — Ninguém a viu sair, partiu sem notarmos.

Bob olhou para ele e Cullen prosseguiu:

— Ela chegou aqui, arrastando dois homens do Bando da Morte, Net Day e Billy Love. Assaltantes de trem que se uniram ao bando no último ano — contou.

— E não a prenderam?

Cullen o fitou com ar de ironia:

— A mulher está fazendo o trabalho dos Rangers e da polícia montada e você quer que o xerife a prenda? — Ele riu e balançou a cabeça. — Ela não está sendo procurada, Clarckson.

Robert não respondeu. Aquela mulher era uma ladra e ele a prenderia por ter roubado sua presilha. Isso era mais do que suficiente para que ele a colocasse na cadeia para sempre.

— E para onde ela foi?

— Não sei dizer. Ela é um fantasma mesmo. Não deixa rastros.

Estava decepcionado com tanta falta de profissionalismo por parte do xerife da cidade. Perguntou se a moça não oferecia algum tipo de serviço sexual para ter tanta admiração. Irritado com sua falta de sorte, voltou para o bar e bebeu sua dose de uísque mais do que merecida.

Enquanto olhava todos se divertindo, lembrou que depois do desaparecimento de Beth Lee, ele a procurou por todo o Estado, mas nunca a encontrou. Então, voltou para casa e caiu na bebedeira, arranjando brigas, desafiando a morte de todas as formas, mas nunca era seu dia de sorte. Viveu assim por meses, acordando e dormindo bêbado, até que um dia foi desperto por um balde de água fria.

Pensou que estivesse morrendo afogado e sentou na cama, lutando para respirar. Aos abrir os grandes olhos azuis, deparou-se com seu irmão Jeremiah, sua irmã Donna Mae e seu cunhado Dawson. Donna segurava o balde e o fitava de forma reprovadora.

— O que vocês querem? — perguntou levando a mão à cabeça.

— Deixe-me a sós com ele! — Caroline exigiu entrando no quarto.

A senhora grisalha muito elegante e distinta surgiu entre eles. Tia Caroline sempre seria sua tia, mesmo tendo se casado com seu pai e sendo viúva dele. O amor que Bob sentia por ela era maior do que um dia sentira pela própria mãe e a respeitava muito por isso.

Os outros três saíram e Caroline cruzou os braços diante dele:

— Pode fazer essa cara de poucos amigos. — Ela o reprovou. — A verdade é que chega de bancar o garoto irresponsável, Robert. Está na hora de crescer!

— Tia, eu...

— Quietos! — Ela exigiu sem se alterar e ele obedeceu. — Beth Lee se foi e não sabemos se um dia você a encontrará, talvez nunca. Infelizmente. Seu pai também morreu e você não me vê bebendo ou criando brigas por aí!

— A senhora é uma mulher! — Ele argumentou com ironia.

Ela lhe deu um tapa no rosto, depois outro.

— E você é um homem! Um Clarckson! — Ela falou com o dedo em riste. — Ao invés de procurar a morte, deveria honrar a memória daqueles que se foram.

Bob ficou com muita raiva daquelas palavras. Sentiu ódio pela tia, por Timothy, por seu pai, por todos. Mas principalmente por si mesmo, pelas escolhas que fez e do que a perda de Beth Lee representava em sua vida: a imaturidade e a insegurança.

Então, decidiu se tornar um Texas Ranger e ter autoridade para caçar aqueles que causaram todo aquele mal: Sandy Lee e Adam Palmer. Não havia motivos para ficar em Crescentfalls. Tinha que usar a seu favor todo o ódio e a amargura que sentia.

Dawson escreveu uma carta aos seus superiores em Austin e eles aceitaram integrar Robert a corporação. E dois anos se passaram, entre o treinamento, suas primeiras incursões e sua missão para caçar o Bando da Morte. Era a única forma de se redimir dos erros que cometera com Beth Lee. Não havia outra forma.

Entretanto, agora, antes de seguir atrás do bando que vinha dizimando pessoas inocentes, precisava pegar sua presilha de volta. Aquela ladra maldita!

As mãos delicadas de Susie tocaram as suas e ela lhe sorriu com malícia. Bob sorriu de volta e segurando a mão delicada da cortesã, subiu com ela para o andar de cima. Entretanto, quando fechou os olhos para beijá-la, embora seu sabor não fosse o mesmo, foi em Beth Lee que ele pensou. Teve certeza naquele momento, que jamais poderia esquecê-la, e viva ou morta, ele sempre a procuraria em outras mulheres, em outros rostos ou carícias. Estava obcecado por aquele amor mal resolvido.

Possuiu Susie com tanta paixão que a cortesã se entregou, sentindo algo inesperado pelo Texas Ranger. Ela sempre gostou de Robert Clarckson, sua companhia era agradável e interessante e ele era muito bonito: alto, aqueles olhos azuis que faziam qualquer mulher se sentir bonita, o sorriso charmoso. Ela sabia que não era com ela que ele estava de corpo e alma, naquele momento, mas ela fingiu que sim, iludiu-se para que sua vida miserável tivesse algum refrigério.

Bob saiu de cima dela e se vestiu. Jogou o dinheiro em cima do móvel e saiu do quarto batendo a porta com força. Determinado, montou seu cavalo e esporeou, desaparecendo no meio da noite.

Capítulo IV

Um raio rasgou o céu, saído de uma solitária nuvem negra sobre o deserto. O cavaleiro corria em direção ao Canyon antes da tempestade se aproximar. Estava dentro de um território apache. E embora não fosse seguro, era menos perigoso que estar em terras Comanche.

O cavalo amarelo subiu a encosta de pedra com facilidade, como se conhecesse cada detalhe do relevo, e se escondeu na caverna no alto, esculpida pelo tempo. Poucos forasteiros conheciam aquela inóspita fissura, por isso, era seguro ficar ali e esperar a tempestade passar. O cowboy entrou na caverna e desmontou, ajeitando o grande poncho que cobria suas roupas surradas. Lá fora, o ar árido dava lugar à tempestade. Era passageira, mas tão mortal quanto à picada de uma serpente.

O cavaleiro estava prestes a tirar o chapéu quando ouviu o clique de um rifle. Robert Clarkson surgiu da escuridão do fundo da caverna. Aquele fora um golpe de sorte, escondera-se ali para fugir da tempestade e o destino o fez encontrar-se com a maldita ladra que procurava.

— Acredito que está com algo que me pertence. — A voz dele soou sombria.

Ela foi rápida, pegou o revólver e atirou contra ele, fazendo o rifle cair. O tiro não o atingiu, mas o assustou e ela teve tempo suficiente para montar e sair a largo galope.

Irritado consigo, Bob pegou o rifle, montou seu cavalo e saiu atrás dela. Desceu a encosta e a perseguiu pelo vale, enquanto a tempestade se aproximava. Caso, não se matassem com tiros, morreriam naquela chuva forte. Mas ele não abriria mão de persegui-la e pegar de volta a presilha que lhe pertencia. Era uma questão de honra.

E Robert era bom em atirar enquanto cavalgava. Não podia estender aquela perseguição por muito tempo. Ele ficou de pé sobre o estribo, mirou o rifle seguindo em linha reta e atirou. Ele a atingiu, entretanto, ela não caiu do cavalo, acabou apenas tombando para frente. Bob exigiu todo o esforço de sua montaria para se aproximar do cavalo que seguia assustado. Sentiu os primeiros pingos da chuva quando conseguiu segurar as rédeas e fazer o cavalo parar e retornar para a caverna o mais depressa que podia. Ela estava de bruços e seu sangue escorria do ombro junto das primeiras gotas da chuva. Foi inevitável que se molhassem um pouco, mas estavam seguros no fundo da caverna quando a

tempestade realmente chegou, escurecendo tudo ao redor.

O Ranger ouviu o uivo do vento furioso e com cuidado, acendeu uma fogueira e respirou fundo, cansado. Antes de voltar para perto do cavalo e tirar a mulher de cima dele e jogá-la em seu ombro. Na penumbra, ele a levou até a fogueira e a colocou de bruços para olhar o ferimento. Por sorte, fora de raspão, mesmo assim fizera um bom estrago ali e ela levaria alguns dias para poder erguer o braço e atirar novamente.

— Merda! — praguejou.

Ele teria de fazer o curativo ou ela sangraria até morrer. Embora fosse uma fora-da-lei, Bob não tinha o costume de torturar as pessoas e deixá-las morrerem a própria sorte. Procurou pela presilha nos bolsos da calça de couro. Onde aquela maldita teria colocado? Teria vendido? Não valia muito, mas faria dinheiro. E para uma pessoa errante, migalhas podiam valer uma fortuna.

Ocorreu o absurdo de aquela mulher estar usando a presilha. Mas não havia traço de vaidade que acusasse tamanha audácia, ele pensou. Ela se vestia como um homem. Mesmo assim, ele tirou o chapéu dela e uma farta cabeleira vermelha surgiu e a presilha estava bem ali.

Ele ficou tenso e sua mão tremeu.

Recordou-se do dia em que comprou aquela presilha para Beth Lee. Estavam noivos e ele queria lhe dar algo diferente e que ela gostasse. Então, seus olhos azuis passaram pela vitrine de uma loja em San Antonio. Era um objeto simples, uma presilha dourada, com pequeninas pedras brilhantes que lembravam os olhos de Beth Lee quando ela sorria para ele. E foi assim que os olhos dela brilharam quando abriram o pequeno embrulho e um sorriso se formou nos lindos lábios.

Beth Lee era bonita como um anjo. Os cabelos vermelhos com cachos cheios, era serena, tranquila, incapaz de cometer uma indelicadeza ou dizer algo ruim. Robert se sentia o mais sortudo e ele a amava tanto. Tanto. Fechou os olhos por um instante, se lembrando de cada sensação que teve ao colocar a presilha nos cabelos dela e ela lhe sorrir em agradecimento.

E quando abriu os olhos novamente, viu aquela mesma nuca delicada. O coração de Robert bateu forte, com um solavanco, afastando os cabelos vermelhos da mulher desmaiada para fitar o rosto escondido na sombra do chapéu até agora.

Ele não podia acreditar.

Encontrara finalmente Beth Lee.

Aquilo era uma péssima ironia do destino.
Ela estava viva e ele havia atirado nela para matá-la.



Beth Lee puxou o ar de repente. Sua última lembrança era a dor do tiro nas costas. Naqueles anos, se feriu algumas vezes, mas o tiro doía mais do que na carne, mexia com feridas de sua alma que havia enterrado para sempre. Entretanto, estavam tão vivas quanto pudera um dia acreditar. Não queimava apenas sua pele, feria seu orgulho.

Ele a encontrara.

Tentou se erguer de uma vez, mas o corpo doía e gemeu, mal conseguindo mover o braço direito. Estava deitada de bruços e havia um cobertor em suas costas, em contato com sua pele. Era óbvio que estava seminua e alguém fizera o curativo ou tivera a sorte de ser encontrada por índios ou o azar de ter sido pega por Robert Clarckson e ele a descobrira. Viva.

A segunda possibilidade era a mais evidente. Robert era um Texas Ranger e ela uma mulher esquecida de tudo que vivera. Todavia, sabia que uma hora o passado viria ao seu encontro como uma dinamite, cobrar por seus erros. Era a lei do retorno e disso nenhum ser humano sobre a terra poderia fugir. Não se pode evitar certas verdades, e algumas mentiras também. Tudo que fica mal resolvido se torna um limbo que se repete até que a pessoa consiga enfrentar o problema. E por mais que Beth Lee tivesse se tornado uma mulher forte nos últimos anos, a ideia de enfrentar Robert Clarckson sempre a deixou atônita e insegura. Não sabia o que iria sentir ao reencontrá-lo: algo entre o amor e o ódio.

Levantou a cabeça e olhou ao redor, enquanto os cabelos soltos caíam sobre seu rosto. Levou a mão à cabeça certa de que ele pegara a presilha de volta. Não deveria tê-la trazido consigo, mas não achou justo que ele a carregasse ou que conseguiria achá-la. Nesses dois anos, eles nunca se encontraram, não pensou que seria agora. Tão cedo. Agiu movida pela empáfia, por causa de uma história que não lhe pertencia mais. Foi tola, agiu sem pensar e agora teria que enfrentar uma situação que poderia ter sido evitada para toda a vida se tivesse mantido seu foco em apenas caçar o Bando da Morte.

Respirou fundo e suportando a dor, girou o corpo, e viu que estavam na caverna e uma fogueira a mantinha aquecida. Sentiu o sangue ferver quando

notou a figura masculina e viril do outro lado, as calças e as botas surradas e a velha jaqueta de couro que ela abraçou tantas vezes e se deleitou em seu calor. Podia jurar que aquela sensação de proteção ainda a assolava. Apertou os olhos por um instante e se lembrou do que a levava até ali e tudo começou com os Clarckson desgraçando a vida de sua família.

Abriu os olhos novamente e viu seu cavalo ao fundo, ao lado do garanhão que Robert possuía. Precisava apenas de suas roupas e armas, e partiria sem olhar para trás. Apenas esqueceria que o destino o colocara novamente em seu caminho e seguiria como se nada tivesse acontecido.

Tentou se mover, mas foi como se tivessem enfiado uma faca em seu ombro.

— É melhor ficar quieta, ou vai sangrar até a morte. — Ele aconselhou com sua voz rouca e vibrante. — O tiro foi de raspão, mas machucou bastante. Se quiser seguir viagem, é melhor se recuperar ou será comida para os coiotes.

Ela o ignorou e se levantou como podia, mas ao sentar, o corpo oscilou pelo esforço, o suor frio tomou conta e ela estremeceu, praguejando, antes de ter que deitar de lado novamente. Sua cabeça girava e ela voltou a ficar de bruços, como se tivesse empurrado uma pedra de duas toneladas por uma montanha toda.

Abriu os olhos e sentiu raiva por Robert permanecer onde estava sem se mover, o chapéu tampando parte do rosto bonito, o corpo relaxado esticado no chão, as pernas cruzadas de forma displicente. Queria dar um tiro nele, desejava feri-lo e fazê-lo sangrar até a morte.

— O que fez? — Ela perguntou tentando se levantar, mas o ombro parecia queimar.

— Salvei sua vida. — Ele levantou o chapéu e a olhou. — Estamos quites, agora.

Era a primeira vez que se olhavam diretamente. Segundos que representavam a mágoa, o ódio, o desprezo e a paixão. Bob desviou o olhar e voltou a recostar na sela de seu cavalo acomodada no chão e tampou o rosto com o chapéu.

— Descanse — aconselhou. — Precisa realmente se recuperar.

Beth Lee queria se erguer e depois dar um tiro na testa dele. Mas era como se houvessem amarras invisíveis que a impediam de se mover. Ele não ia matá-la ou a estava mantendo presa e isso era de certo modo, frustrante. Ajeitou o corpo da melhor forma que pôde e relaxou diante da fogueira. Tentava focar

sua visão nele, captar qualquer movimento que pudesse deixá-la na defensiva. Entretanto, seus olhos se tornavam cada vez mais pesados, teve a impressão que cochilou, mas de repente, conseguiu firmar seus sentidos.

Ela se sentou e gemeu toda dolorida, como se uma manada de búfalos a tivessem atropelado. Olhou por cima do ombro e viu o curativo limpo e refeito. A fogueira estava apagada e não havia mais sinal da tempestade ou qualquer sinal de Robert, ele havia desaparecido e a deixado ali, sem nenhum arranhão.

Começou a se vestir com dificuldade gemendo e travando os dentes, aquele simples esforço de colocar a camisa a deixou cansada.

Não conseguiu deixar de pensar em Robert e de como o reencontrara dias atrás. Não sabia que ele havia se tornado um Ranger e se surpreendeu quando o viu do alto da colina, junto de outros homens, quando chegaram ao rancho recém atacado pelo Bando da Morte. Eles sempre chegavam atrasados e ela sabia o motivo. Entretanto, nunca perdera seu tempo com eles, seguia seu caminho perseguindo seu objetivo, mas desta vez, ao ver Bob, ela sentiu uma necessidade de ir atrás.

Como se seu sexto sentido apelasse para isso. Ela os seguiu pelo vale e do alto pôde ver quando os Sioux os atacaram. Acreditou que os índios lhe fariam um favor quando o matassem. Contudo, quando deu as costas para a peleja e imaginou a morte de Robert Clarkson, seu coração se apertou e ela se viu obrigada a voltar e salvá-lo.

Não tentou justificar sua atitude, apenas atirou contra os índios, matando um a um e salvando a vida dele, na esperança de que um dia ela o fizesse pagar por todo mal que lhe causara. Quando o destino lhe proporcionasse tal embate, em uma vingança justa, seria ela a dar o tiro final.

O fato dele não estar ali a surpreendeu. Pensou que ele a questionaria por seus atos, por ter desaparecido sem dar satisfações, mas ele apenas pegou a presilha e partiu. Ficou de certo modo frustrada, mesmo que não quisesse admitir. Porém, o que mais a irritou foi imaginar que aquele idiota estava indo atrás do Bando da Morte sozinho e com certeza não sobreviveria ao primeiro combate. Eles não o matariam, e sim o capturariam e por ser um homem da lei, o torturariam da pior maneira possível. Além disso, Robert era o inimigo número um de Adam Palmer, não havia motivo para que o bandido fosse piedoso com ele.

Não queria se importar. Mas se Bob continuasse em seu caminho, mais atrapalharia do que a ajudaria em seus planos. Respirou pesadamente e vestiu seu cinto e, então, sentiu o ódio corroê-la: o maldito levava suas armas.

Capítulo V

O som do cavalo se aproximando não fez Robert reagir. Sem as armas, ela não podia atirar nele ou vingar-se. Não conteve o sorriso nos lábios ao imaginar o quão furiosa ela deveria estar por não ter encontrado suas pistolas. Era infantil, mas provocá-la lhe causava um prazer indescritível. Sentia tanta raiva dela naquele momento, que seu raciocínio ficava frágil, qualquer assunto que se referisse a Beth Lee o deixava fora de si.

Revê-la daquela forma foi desumano. Nunca esperou reencontrar Beth Lee naquelas condições, como uma fora-da-lei, vestida como um cowboy, sem qualquer vaidade, agressiva e pronta para matá-lo, com uma raiva profunda que transparecia em seu semblante. Ela continuava linda e isso também o irritou, porque sabia que era impossível ficar alheio ao desejo que sempre sentiu por ela.

Decidiu ir embora, sem olhar para trás e esquecer que a havia encontrado daquela forma. Mas quando viu as armas brilhando no coldre, e que ela ainda dormia, não se conteve e as levou consigo.

— Devolva minhas armas, agora! — exigiu.

Ele não respondeu e seguiu cavalgando. Beth Lee jamais falaria assim com ele. Sua Beth Lee era um poço de candura, uma mulher frágil incapaz de levantar a voz para alguém. Não conhecia aquela mulher, por isso, ignorá-la era o melhor remédio para ambos. Aquela atitude apenas piorou o mau humor de Beth Lee. Irritada, ela pegou o chicote e bateu contra as costas dele. Robert se encolheu pelo golpe inesperado e parou o cavalo, puxando suas rédeas e a olhou com ódio. Ele jamais a olhara dessa forma, ela conhecia o desprezo nos olhos azuis, mas nunca a ira.

Ela ergueu o chicote mais uma vez para bater e quando deferiu o golpe, Bob segurou o chicote e o puxou de uma vez, com força e a derrubou do cavalo. Beth Lee não esperava que ele fosse agir daquele modo e o puxão a fez perder o equilíbrio e bater o corpo contra o chão duro. E a dor em seu ferimento foi dilacerante, tanto que não conseguia se mover.

Bob bufou irritado. Por mais que a desprezasse naquele momento, ele não quis lhe causar tamanho mal e já se sentia culpado pelo tiro, embora a todo o momento dissesse a si mesmo que ela havia procurado por aquela situação. Ela estava ferida e era Beth Lee, e mesmo sendo uma traidora e mentirosa que o fez chorar por seu desaparecimento e sofrer como um condenado, ele não podia

deixá-la caída e partir sem olhar para trás.

Desceu da montaria e a ajudou a ficar de pé. Ela abriu os olhos e o encarou: sentiu uma onda de desespero, raiva e rancor com uma força que a remetia ao fascínio que um dia sentiu por ele. Então, esbofeteou o rosto bonito com o restante de sua energia e desabou nos braços dele. Robert respirou fundo controlando sua paciência, enquanto o rosto ardia. Ele a pegou no colo e a jogou de bruços sobre o cavalo amarelo, antes de montar o seu e voltar para a caverna.

Ela estava atrasando sua viagem, mas ele não podia deixá-la para trás, ainda mais quando tinha voltado a sangrar. Acendeu a fogueira novamente, e cuidou da ferida que se abriu, e então constatou que ela o estava observando no mais completo silêncio. Não havia notado que ela voltaria a si e isso o incomodou profundamente pela avalanche de sensações que lhe despertavam: boas e ruins. Seus olhares se encontraram de forma fria e indiferente.

— Se quiser viver, vai ter que ficar algum tempo deitada. — Ele avisou sentindo que ficava cada vez mais difícil pensar quando Beth Lee estava tão perto. — Está infeccionando.

— Não posso — fez que não. Ela se moveu e ele a empurrou contra chão.

A mão quente dele estava contra o ombro nu. Tocar Beth Lee era torturante, terrivelmente delicioso, ele não se conteve em arrastar os dedos pela pele macia, e teve que se controlar para não os substituir pelos lábios. Ela também não ficou imune ao toque, jamais imaginou que se sentiria assim tão viva, o sangue correndo pelas veias como lava quente. Sentia-se tão débil, tão frágil perto de Robert e uma necessidade insana de se aconchegar a ele que sua respiração se alterou levemente. A paixão que os unira um dia ainda estava ali. Como o roçar de uma pétala de rosa, ou a brisa de uma manhã de outono.

— Então descanse por algumas horas, ou vai sangrar até morrer — insistiu ríspido. — Como eu disse, sua ferida vai piorar se não cuidar.

Ela não conseguiu falar. Não esperava que um reencontro a abalasse tanto. Presa aos motivos que os separaram um dia e que nutriam seu rancor, ela sempre acreditou estar imune aos encantos dele. Mas aquela irritação provava que não estava. Robert se ergueu relutante e tirou as mãos do corpo feminino. Ela sentiu falta da intimidade que os envolvera, mas não tinha coragem de pedir que ficasse ali com ela, era ridículo e insano. Mas quando seus sentimentos por aquele homem foram normais ou explicáveis?

Robert foi em direção ao seu cavalo, pronto para partir. Não podia ficar no mesmo ambiente que Beth Lee, seus sentimentos eram contraditórios e isso

poderia atrapalhar sua missão. Pegou as pistolas e se aproximou dela, colocando-as perto da bolsa dela, no chão.

— Eles sabem que está atrás deles! — Ela falou e ele parou para encará-la. — Estão esperando por você!

Aquela informação piorou o humor dele.

— Faz parte do bando? — perguntou direto. Entretanto, temia pela resposta. Jamais a perdoaria se ela tivesse se integrado ao grupo para ser como a irmã.

— Não. — Ela parou de tentar se erguer, aceitou a dor. Se precisava se recuperar, tinha que cooperar para que fosse logo. — Mas você faz!

Ele franziu o cenho:

— Ficou louca? Sou um Texas Ranger, não um fora-da-lei — falou com desprezo.

— Eu sei — confessou. — Sei que é um deles. Na verdade, quem não sabe nada por aqui é você!

Robert praguejou. Tinha raiva daquele jogo de palavras. O que ela poderia saber mais do que ele?

— Não brinque comigo! — exigiu.

— E quem está brincando, cowboy? — Ela devolveu.

Eles se enfrentaram com o olhar.

— Se quer pegá-los, vai precisar da minha ajuda!

Ele riu dela.

— Da sua ajuda?

— Eu tenho perseguido o bando há quase dois anos e sei como eles agem — falou séria.

Bob agachou e a encarou:

— E por que não pegou ainda o senhor e a senhora Morte? — Havia sarcasmo em sua voz.

— Esse é o seu trabalho, Ranger, não o meu!

— Está tentando se vingar de mim? — Ele a questionou. — Por isso está fazendo esse jogo?

— Não há jogo. — Ela falou firme.

— Eu atirei em você e de repente deseja me ajudar? — ironizou.

— Alguém precisa pegar os líderes do bando e eu não posso fazer isso —

aceitou.

Bob estreitou o olhar:

— Pode prender todos, menos sua irmã?

— Você conseguiria matar Donna Mae ou Jerry? — Ela retrucou irritada.

Não. Mesmo sendo um Texas Ranger, ele jamais conseguiria atirar contra seus irmãos.

— Posso fazer da vida deles um inferno! — Ela justificou. — Posso ser uma sombra no calcanhar de Sandy Lee, mas não posso matá-la!

Robert viu naquela mulher um traço de sua amada Beth Lee, de coração bom e justo. Comprimiu os lábios, desprezando a si mesmo por não conseguir controlar seus sentimentos com a mesma frieza habitual de sempre. O que esperava diante daquele reencontro inesperado? Havia acabado de rever a mulher que amava, a única que povoava seus pensamentos desde o primeiro instante em que a viu e o que almejava?

E ela ainda falava em ajudá-lo. Isso era terrivelmente contraditório sobre tudo que um dia esperava que tivesse acontecido com ela naqueles últimos dois anos. Contudo, eles não tinham muito tempo para ficar falando sobre o passado e talvez fosse até melhor que deixasse tudo como estava e focar no presente, na chance de capturar o Bando da Morte.

— Então por que quer me ajudar se diz que sou parte do bando? — Ele deferiu.

— Vai querer minha ajuda ou não? — Ela quis saber. — Caso não queira, não vou perder meu tempo com uma alma que caminha para a morte.

Ela gemeu de dor. Seu corpo inteiro estava dolorido e ela não entendia o motivo de estar ficando doente daquele jeito. Sentia calafrios e uma necessidade de se cobrir mais e fugir do frio, embora tivesse certeza que estava quente ali dentro e perto da fogueira.

— O que foi? — Ele quis saber.

Beth Lee não queria pedir ajuda, mas naquele momento não tinha condições de fazer nada por si mesma.

— Tem uma garrafa de uísque na minha bolsa. — Ela falou de uma vez. — Poderia pegar para mim?

Ele arregalou os olhos muito azuis.

— Você não bebe!

Ela teve vontade de rir do choque dela. Havia momentos em que ela

também não se reconhecia. Sua transformação fora grotesca.

— Há muito tempo deixei de ser aquela donzela doce e recatada — observou sombria.

Ele havia notado, era mais do que perceptível. Contudo o pior era imaginar o que havia por trás daquelas palavras e saber que ele era um dos culpados por isso. A forma como ela se transformara naquela mulher selvagem e sem escrúpulos era um escândalo. Talvez fosse um traço da falta de caráter da família, afinal, Sandy Lee era a irmã mais velha dela e se tornara uma assassina cruel.

Fez o que ela pediu. Ele abriu a garrafa e lhe entregou e ela virou um gole de uma vez, o deixando atordoado. Beth Lee jamais beberia uísque barato como se fosse água. Ela sentiu o líquido queimar sua garganta e tomou mais um pouco para aquecer o corpo e esquecer da dor.

— Bem melhor. Obrigada — agradeceu e tomou mais um gole.

— Vai ficar bêbada — apontou.

— Não quando a bebida se torna seu principal companheiro nas noites frias, estou acostumada a beber! — Ela o cortou. — Mas vamos voltar ao assunto principal: o Bando da Morte e sua missão de pegá-los.

Bob a fitou desconfiado:

— Como sabe tanto?

— A história toda não é sobre criminosos perigosos, cowboy. — Ela explicou. — A coisa toda vem mais de cima, de gente importante.

— Quem? — Ele se sentou ao lado dela e sentiu o calor da fogueira em suas costas.

— Conhece o general Alan Joyce?

— Claro que conheço. É um dos ícones da Guerra de Secessão, venceu várias batalhas e está à frente do Exército Americano — discursou orgulhoso.

— Ele lucrou muito com a guerra — falou séria. — Muitas fazendas do oeste pertencem a ele.

— Homens importantes sabem investir seu dinheiro. — Ele o defendeu.

— Concordo e acho isso louvável — disse com sarcasmo.

— E? — Bob quis saber.

— O que importa é a maneira como o general Joyce quer manter seu legado.

Robert se interessou.

— Como assim?

— Já se perguntou como Sandy Lee e Adam Palmer fugiram de uma prisão extremamente bem vigiada e segura?

Ele não respondeu e ela prosseguiu:

— O general promoveu e financiou tudo, mas em troca, eles teriam que trabalhar para ele...

— Isso não tem lógica. — Ele duvidou.

— Os filhos de Joyce estavam cansados de não conseguirem comprar as terras dos pequenos rancheiros teimosos. Eles investiram nas ações das empresas de linhas férreas. — Ela respirou fundo. — Alguém tinha que fazer o trabalho sujo para eles.

Bob negou com a cabeça:

— Isso é irreal!

— Trace um mapa de todos os ataques do Bando da Morte. Todos os ranchos dizimados agora pertencem aos filhos de Joyce.

Beth Lee dizia a verdade. Apesar de toda a mudança em seu jeito de vestir e agir, ainda sim, estava sendo verdadeira e ele sabia identificar os traços.

— Como sabe disso? — perguntou tenso.

— Quando peguei o primeiro do bando, Billy Boy, ele me contou.

— Simples assim? — Ele a questionou. Agora ele sabia que ela mentia. Ela havia mexido a cabeça para o lado esquerdo.

— Sim, nós tomamos um uísque juntos e ele me contou enquanto jogávamos cartas. — Ela falou irritada. — Claro que não! Eu ameacei cortar suas bolas!

O queixo de Bob caiu. Realmente ele não conhecia aquela mulher. Beth Lee jamais diria qualquer coisa indiscreta ou tocaria um órgão sexual masculino.

— Quem é você? — Ele perguntou chocado.

Os olhos dela ficaram tristes, mas sua voz soou cheia de orgulho:

— A Beth Lee que você conheceu desapareceu para sempre, é bom se acostumar com isso.

— Algo me diz que ela nunca existiu — falou secamente.

— Existiu, mas os Clarckson a mataram — acusou, sabendo que isso mexia com ele. — Eu me tornei o que precisei me tornar e não me sinto culpada

ou mal. Gosto de ser assim.

Ela bebeu mais uísque e fechou os olhos. A ferida pegava fogo em suas costas, mas ela precisava ser forte e aguentar. Sobrevivera a tantas coisas, não seria um tiro de raspão que a derrubaria e muito menos aquele reencontro avassalador que estava acabando com seus nervos, fazendo com que se recordasse dos melhores momentos de sua vida antes de perder tudo.

Capítulo VI

Beth Lee apagou por causa do uísque e adormeceu profundamente. Robert pensou em partir e ir atrás do Bando da Morte sem sua ajuda, mas a conversa que tiveram não saía de sua cabeça. Será que ela fazia isso para retardar a ação dele e proteger a irmã? Ele não a conhecia mais, era uma estranha. Entretanto, ao mesmo tempo, olhá-la era trazer todo o passado à tona, numa avalanche de emoções. A casca podia estar diferente, algo a havia obrigado a se tornar uma mulher agressiva, entretanto, ele sabia que no fundo ela continuava sendo tão frágil quanto sempre fora.

Desviando seus pensamentos, ele foi mexer nas coisas dela. Precisava de algo que comprovasse o que ela dizia e encontrou uma série de mapas que iam do Kansas à Califórnia. Todos tinham as rotas das linhas férreas e limitavam as terras que pertenciam à família Joyce. Além disso, encontrou dois volumes: um com as anotações sobre as incursões do Bando da Morte, o nome de cada um de seus integrantes, os que foram mortos, ou estavam presos e os que aderiram ao grupo. Havia também uma lista dos ranchos atacados, e qual era o negócio de cada rancheiro.

Olhou para ela rapidamente, para se certificar que ela seguia dormindo e inevitavelmente teve que aceitar que tudo o que ela dissera era verdade. Mas como Beth Lee se antecipava aos ataques do grupo?

A situação era muito maior e comprometedora do que ele poderia sequer imaginar. Envolvia gente muito importante, com as costas quentes, que aparentemente jamais estariam ligados ao inescrupuloso Bando da Morte. E se Beth Lee ainda estava viva, é porque ninguém fazia ideia de que ela tinha posse de tantas provas.

Pegou o outro volume e o abriu: era o diário de Beth Lee e seu coração bateu descompassado, engolindo em seco. Folheou algumas páginas amareladas e reconheceu a caligrafia. Quantas vezes ela não lhe escreveu bilhetes de amor, agora, perdidos no passado? Alisou a folha e uma frase prendeu seus olhos: *a dor da saudade nos faz mais fortes. O amor se torna imensurável quando o perdemos para sempre.*

— No que está mexendo? — A voz dela soou pela caverna.

Bob estava de costas para ela. Fechou o diário antes de enfiá-lo na bolsa e se voltar para ela com os mapas nas mãos:

— Como conseguiu estas informações? — perguntou se aproximando.

Ela fez um esforço grande para se sentar, escondendo o tronco nu debaixo do cobertor. Robert se incomodou com a visão dos ombros despidos e sentiu o desejo queimar sua alma, como a fagulha que desperta em êxtase.

O namoro deles sempre fora respeitoso. Ele beijou Beth Lee de forma íntima apenas uma vez e o sabor dela ainda estava em seus lábios, infelizmente, sempre estaria. O máximo que ele tinha visto de seu corpo ao longo do tempo em que ficaram juntos, foi a nuca e uma vez os tornozelos. Entretanto, agora, ao ver os ombros, o colo e a pele macia das costas, tinha necessidade de tocá-los não apenas com as mãos, mas queria sentir seu sabor com a língua. Arrastá-la também para o inferno de cobiça que o afligia.

Ele balançou a cabeça afastando tais pensamentos e a encarou:

— Alguém está ajudando você! — concluiu. — Não pode conseguir estas informações vindas do nada!

Ela encolheu os ombros e gemeu de dor.

— Se quiser minha ajuda, vai ter que se contentar com o que tenho.

— Não há confiança entre nós para isso — comentou amargo, voltando para o cavalo dela e deixando os mapas dentro da bolsa.

— Podemos ajudar um ao outro! — persistiu.

Robert a fitou com desprezo, se aproximando dela, furioso:

— Já pensou que talvez eu não queira sua ajuda?

— Somente se for um tolo! Posso lhe entregar o bando sem que o peguem primeiro!

— Não preciso de você! — acrescentou ríspido com o dedo em riste.

Com raiva, Beth Lee se colocou de pé e o enfrentou:

— Por que acha que os Sioux os atacaram? Vocês foram levados para lá — disse nervosa. — Não foi por acaso.

— Índios trabalhando para Joyce? — questionou incrédulo.

— Joyce mantém o Bando da Morte informado das patrulhas dos Rangers. Eles sempre deixam um membro para trás para vigiá-los — contou e Bob arregalou os olhos muito azuis. — Vocês seguiram o rastro até o vale onde eles sabiam que os índios protegeriam! Por que acha que nenhuma incursão dos Rangers os parou até agora? Falta de sorte? Ou por que o Bando da Morte é poderoso? — perguntou com ironia.

— E por que você continua viva? — acusou.

— Eu já disse, estou um passo à frente. O que eu faço, de pegar um ou outro membro do bando não os assusta e nem os atrapalha...

Bob tentou compreender as palavras dela.

— Foi por isso que nunca voltou para Crescentfalls? Para infernizar a vida de sua irmã? — Ele estava cético com as atitudes dela.

— Exatamente!

— Deixou que todos pensassem que poderia estar morta apenas por causa de uma vingança tola contra sua irmã? Uma pessoa que nunca se importou com você? — Ele não conseguia acreditar.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Sim!

— Não posso acreditar que não se preocupou com as pessoas que se importavam com você! — Ele acusou.

— E quem se importava comigo? — Ela deu um passo para ele, seus rostos próximos — As mesmas pessoas que condenaram Sandy Lee? Os Clarckson? Os homens que mataram meu pai e conseqüentemente minha mãe? Ou o homem que nunca me amou e manchou minha honra para sempre?

Ela se referia a ele. Era claro. Beth Lee estava ofegante, o peito arfava de ódio e rancor. Bob sentiu uma vontade insana de beijá-la. Ele a desonrou no passado e ela nunca o perdoou.

Ele entreabriu os lábios e ela também. Bob sentiu o hálito quente e seu coração disparou como um cavalo selvagem livre no prado. Beth Lee não queria que sua boca secasse ou aquele esquecido frio na barriga retornasse. Mas o poder dos sentimentos por Robert estava ali, no limiar da sua alma, pronto para emergir mais uma vez.

Bob ergueu as mãos bem devagar, segurou o rosto dela, e imediatamente sua pele reconheceu a dela, cálida, carregada de amor e desejo. Havia saudade naquele toque e ambos fecharam os olhos sentindo o torpor que os consumia.

O amor existia, estava ali.

E os lábios se encontraram, roçando com delicadeza, até terminar em um beijo.

Foi um beijo dolorido, carregado de amargura e constrição. Por todos os céus! Tinham sentindo falta um do outro, era como se definhassem todo aquele tempo sem se tocarem. A ternura que tinham um pelo outro era capaz de aplacar toda a solidão a que haviam se condenado. Eles se abraçaram, colando seus

corpos, sufocando a distância que os separara por tanto tempo.

Entretanto, Beth Lee se recordou no que esse amor tão intenso e profundo a transformara. Tornara-se uma mulher solitária e amarga, sem um lar. Por causa dos Clarkson e de Bob, ela perdeu tudo. Usando toda sua coragem, fugindo do paraíso que se abria diante de seus olhos, ela deu um passo para trás. Não tinha coragem de olhar Bob mais uma vez, estava constrangida, arrasada por ter sucumbido à necessidade de estar com ele.

Desde que havia rompido o noivado com ele, nunca se tocaram, porque ela nunca permitiu que ele se aproximasse. Caso contrário, cederia ao primeiro toque dele sem hesitar. Era sempre assim, ela tinha uma sede dele inexplicável. Ele era o único capaz de levá-la às estrelas e ela amava estar lá.

Robert a viu se afastar. Nunca pensou que um dia pudesse reencontrá-la, havia perdido as esperanças depois de tanto tempo. Contudo, agora diante dela, por mais insano que parecesse, ele a queria. Mesmo que ela houvesse se tornado uma estranha, uma mentirosa, cheia de ódio e amargura por ele, ainda sim seu amor por ela corria em suas veias.

Ela lhe deu as costas e ele tocou a presilha em seu bolso.

— Por que não voltou? — Ele precisava saber.

Ela virou-se para ele. Não havia mais nenhum resquício de calor em seus olhos.

— Por quem eu voltaria? — Ela rebateu.

Ele não respondeu, afinal, a magoara profundamente e sabia disso. Apenas, não encontrou uma maneira de se redimir ao longo do tempo e que a fizesse perdoá-lo. E embora estivessem diferentes agora, seus corações eram os mesmos. Nada poderia mudar o que sentiam um pelo outro.

— Tem razão. — Ele concordou. — Não havia motivos para você voltar.

Embora soubesse que era verdade, Beth Lee não gostou do incômodo que sentiu ao ouvir tal confissão.

— Vou preparar algo para a gente comer. — Ele avisou e se virou deixando-a sozinha e perdida em suas doces lembranças do passado.

Capítulo VII

Beth Lee era a segunda filha de Joseph e Maggie Malick. Ela sempre fora amiga de Donna Mae, irmã mais nova de Bob. E desde que eles se viram pela primeira vez se apaixonaram. Não havia explicação para aquele amor. Era como se tivesse nascido com eles, e quando se viram apenas se reconheceram.

A primeira vez que notou Bob, ela tinha quinze anos e ele vinte. Foi de uma forma muito especial. Até então, o conhecia apenas de ouvir falar, não recordava de tê-lo notado antes.

Ela estava cavalgando com Donna Mae e uma cobra assustou seus cavalos. Donna sempre usara calças masculinas e montava como um homem, por isso, conseguiu controlar sua montaria. Mas Beth Lee com seu vestido, desequilibrou e caiu, machucando a perna.

Robert Clarckson estava cavalgando por perto quando ouviu os gritos das moças. Sabia que sua irmã saía com uma amiga para cavalgar e ela poderia estar em perigo, por aquela região havia muitos forasteiros ameaçadores e duas moças eram um alvo fácil para homens inescrupulosos. Avistou Donna Mae em cima de seu cavalo, mas a amiga estava caída e corria o sério risco de ser picada pela cobra que estava próxima dela e armava o bote.

Bob pegou seu revólver e atirou na cabeça da cobra, enquanto cavalgava. Era bom nisso. Desceu do cavalo e foi socorrer a moça. Beth Lee prendeu a respiração e a soltou lentamente quando o jovem de cabelos negros surgiu em seu cavalo de forma determinada, como um cavaleiro pronto para a batalha.

Ela não conseguia mover a perna quando ele surgiu lindo e poderoso, e atirou na cobra que ela sequer havia notado ao cair. Ele salvara sua vida, esqueceu até mesmo da insuportável dor na perna ou a futura exaltação de sua mãe quando notasse o vestido novo sujo e rasgado.

Bob se ajoelhou diante da linda amiga de Donna Mae. Os cabelos vermelhos lhe chamaram a atenção, mas foi o olhar puro e cheio de curiosidade que o enlaçou como a um novilho em disparada. Ele não conseguia desviar o olhar e estranhamente seus lábios salivaram e ele tragou para não babar na frente da moça.

Ela era linda, tão profundamente perfeita que estava encantado. Beth Lee estava igualmente fascinada, tanto que perdera a voz ou qualquer raciocínio lógico, seus pensamentos estavam perdidos na imensidão daqueles olhos azuis e

do calor que isso lhe proporcionava. Sentiu o rosto queimar de vergonha por seu imenso recato. E ele sorriu lindamente quando notou aquele traço de timidez tão doce.

— Você está bem? — A voz de Donna Mae interrompeu o encanto.

Beth Lee abaixou o olhar e Bob se afastou, como se tivessem sido pegos fazendo algo muito incomum. Donna olhou para os dois e achou o irmão um lerdo por demorar tanto para socorrer a amiga.

— Acredito que machuquei a perna. — Beth Lee lamentou. — Minha mãe vai me matar!

— Não quando ela souber que a culpa não foi sua e sim daquela maldita cobra! — Donna justificou. — Consegue se levantar?

— Não consigo me mover! — falou com pesar. — Dói muito!

— Eu vou ajudá-la! — Donna Mae parou ao sentir o irmão tocar seu braço e olhou para ele confusa.

— Eu ajudo a senhorita Malick. — Ele avisou. Donna franziu o cenho em busca de uma explicação. — Sou mais forte e posso colocá-la sobre o cavalo.

— Está me chamando de fraca? — Donna Mae o questionou com seu jeito duro.

Bob revirou os olhos. Donna Mae conseguia ser inconveniente. A única coisa que ele queria era pegar Beth Lee nos braços, mas não podia dizer isso para a teimosa da sua irmã sem constranger a si mesmo ou a moça.

— Ele tem razão, Donna. — A voz de Beth Lee era quase um sussurro. — Não sei se aguentaria me apoiar em você, sinto muito...

Robert notou que ela sofria realmente e se compadeceu como se a dor também fosse sua. Sem esperar o consentimento da irmã, ele se abaixou para tomá-la entre os braços. Eles se encararam novamente e Beth Lee voltou a ficar constrangida, não apenas pela aproximação de um homem, mas também porque ela queria estar nos braços dele. Sabia que estava vermelha e não conseguia esconder seu acanhamento.

— Com licença, senhorita.

— Tudo bem. — Ela consentiu sentindo a pulsação acelerar.

Ele sentiu o corpo dela contra o seu, sob o delicado tecido do vestido. A palma da mão masculina traçou um caminho demorado pela fina cintura e pelas costas frágeis. Passou o outro braço por debaixo dos joelhos e ela gemeu de dor quando ele se ergueu e a levou consigo.

— Quer que eu pare? — A voz dele estava rouca, os braços dela estavam em volta do seu pescoço, o rosto muito próximo do dele. Bob podia enxergar a imensidão dos olhos azuis dela.

Ele admirou as pequenas sardas que se escondiam no rubor de seu lindo rosto e também sentiu seu perfume de flores, tão delicados quanto ela.

— Está tudo bem — assegurou.

Entretanto, não estava. Beth Lee sabia que seu coração não seria mais o mesmo depois da aproximação de Robert Clarckson, ela estava doente de amor. Ele a carregou até o próprio cavalo e a ergueu colocando-a sobre a sela. Depois, montou atrás dela.

Donna Mae colocou as mãos na cintura pronta para refutar a atitude indecorosa do irmão, entretanto, quando ele pegou as rédeas, demorando-se na cintura de Beth Lee e sua amiga o olhou com verdadeira adoração, ela soube que não deveria intervir. Ambos estavam satisfeitos com aquele encontro.

Apesar de todo seu recato, Beth Lee nunca estivera tão feliz em sua vida. Jamais imaginou que cair do cavalo lhe traria tanto contentamento. Bob demorou para bater as botas contra a anca do animal, que começou a trotar lentamente. Entretanto, ao invés de levá-la para a cidade, ele a levou para a sede da fazenda Shepherd.

— Por que paramos aqui? — Beth Lee perguntou a ele.

Bob a fitou com intenso carinho.

— Uma viagem até a cidade pode piorar sua perna — justificou.

— Mas não é certo que eu fique em sua casa — falou constrangida.

— Não estou fazendo isso por mim, mas por sua amizade com Donna Mae.

Beth Lee corou tanto por sua imprudência que Bob riu, deliciando-se com o seu embaraço e por saber que ela também estava interessada nele.

— Vou ter que carregá-la até dentro de casa. — Ele avisou apontando para a escadaria.

O que não lhe seria nenhum pouco penoso.

Ela sentia um calor insuportável, e começou a tremer, sem coragem de encarar o homem que fazia seu sangue ferver e gelar ao mesmo tempo. Bob desmontou e com um prazer imensurável a tomou nos braços sem qualquer dificuldade. Subiu as escadas bem devagar, aproveitando aquela aproximação excitante.

Tia Caroline surgiu na sala e os fitou chocada:

— O que aconteceu?

Donna apareceu logo atrás e respondeu:

— Estávamos cavalgando e uma cobra assustou os cavalos — explicou e o pai que entrava na sala ouvia tudo atentamente. — Beth Lee caiu e se machucou. Por sorte, Bob chegou a tempo para atirar na cobra.

— Achei melhor trazê-la para cá ao invés de ir para a cidade. — Ele explicou ao pai.

— Fez bem. — John concordou para alívio de todos. — Uma viagem até a cidade poderia piorar o ferimento. Leve-a até o quarto de hóspedes e depois vá avisar ao pai dela sobre o que aconteceu.

Bob assentiu e foi em direção às escadas. Donna Mae os seguiu e ele ficou frustrado por ter que colocar Beth Lee em cima da confortável cama e se afastar de seu calor tão agradável. Com sua irmã por perto, ele não podia dizer muita coisa, aliás, era melhor ficar calado.

— Obrigada. — Beth Lee agradeceu olhando-o com tanta intensidade que ele teve que se segurar para não roubar um beijo.

E não era apenas pela presença da irmã. Beth Lee poderia se ofender, afinal, era uma senhorita respeitável e não lhe daria certas liberdades. Ele acenou com o chapéu e saiu a passos largos. Encontrou o pai a sua espera na sala.

— Diga a Malick o que aconteceu. — O pai mandou.

— Sim, senhor.

Bob passou por ele e John o chamou de volta. O garoto se voltou para o pai:

— E aproveite a viagem para pedir permissão para cortejá-la!

Bob arregalou os olhos, surpreso com as palavras do pai.

— Eu não sei se ela quer isso. — Bob encolheu os ombros.

— Seria um tolo se não soubesse. — O pai devolveu e sorriu. — Agora vá.

Robert saiu correndo, feliz da vida. Nunca pensou que o amor seria assim: cairia em seus braços. Estava decidido, ele cortejaria Beth Lee e se casaria com ela.

Capítulo VIII

Então o primeiro Padre de Crescentfalls foi assassinado e nos cinco anos seguintes mais quatro párocos e, o casamento nunca ocorreu. Então, descobriram que eram incompatíveis, que não havia respeito e que o amor podia ser relegado ao ciúme a ponto de não se quererem mais. E foi Beth Lee quem pôs um ponto final definitivo em tudo e nunca voltou atrás. Não podia aceitar menos do que dava ou acatar que ele a desonrasse como fez.

Depois daquela discussão sobre o passado, Bob preparou o jantar e comeram em silêncio. Beth Lee havia deixado Crescentfalls e tudo que vivera ficou para trás e não estava disposta a reviver. Entretanto, sabia que precisava da ajuda de Bob para pegar o Bando da Morte e finalizar algo que ela não podia fazer: prender a própria irmã.

Tinha seus motivos.

— Sei que não somos mais como antes. — Ela começou a falar e Bob a fitou de soslaio. — Mas gostaria muito que me ajudasse a pegar o Bando da Morte.

— Se tudo o que diz for verdade, talvez eu deva aceitar sua ajuda. — Ele sibilou.

— Faça um teste, quando chegarmos a primeira cidade, envie uma mensagem falando sobre o que ocorreu no Vale da Garganta Dourada, aposto que terá alguém em seu encalço!

— Eu já fiz isso. Quando estive em Hunterhall.

— Com certeza, haverá alguém à sua espera no próximo vilarejo, alguém do Bando da Morte para vigiar seus passos — calculou. — Temos que descobrir quem é e eliminá-lo.

— Eliminá-lo? — inquiriu incrédulo. Agora, Beth Lee era também uma assassina!

— Sim! Tem outra ideia?

Ele ignorou a pergunta dela.

— E como vai saber quem ele é?

— Deixe comigo — falou com orgulho e respirou fundo.

— Você deveria se recuperar primeiro antes de fazer qualquer incursão

— aconselhou.

— Não posso deixar que um ferimento me pare. — Ela se levantou tentando não demonstrar a dor insuportável que sentia. — Já passei por coisa pior — contou e foi em direção aos cavalos.

Robert franziu o cenho ao sentir um incômodo diante daquela frase e sentiu grande curiosidade. O que havia acontecido a Beth Lee naqueles dois anos que transformou a delicada moça em um ser frio e indiferente?

Não conseguiu evitar a culpa. Um dia, ele fora um rapaz muito inseguro e ciumento e isso destruiu o relacionamento deles. Muitas vezes tentou conseguir o perdão, mas Beth Lee ficou irredutível. Ela alimentava um grande ódio por ele e por sua família. Ela os culpava pelo destino de sua irmã mais velha, Sandy Lee.

O sonho de Sandy Lee era se casar com o jovem rico Frank Wilson, dono do Bar dos Rancheiros. Ela estava disposta a tudo para isso, ainda mais quando corria o risco de ver Beth Lee se casar antes dela. Entretanto, a falta de caráter a fez envolver-se com o rancheiro Adam Palmer e usá-lo para separar Beth Lee de Robert, a fim de que a irmã mais nova não se casasse e fosse infeliz.

Adam apaixonado e cego fez o que a moça desejava e louco para enriquecer e se casar com Sandy Lee, se uniu a Timothy Clarckson e Clay Pearl, para roubarem gado na fazenda Shepherd. Tim e Clay acabaram mortos por Dawson e Adam foi preso junto com Sandy Lee.

No dia da prisão de Adam Palmer, Bob e Jerry foram ao rancho dele buscá-lo para levá-lo preso. Ao ver o cavalo de Malick na frente da casa, Bob acreditou que Beth Lee o estivesse enganando mais uma vez e entrou na casa a procura dela, fazendo um escândalo na frente de todos. Começou a vasculhar a casa procurando por ela, até que encontrou Sandy Lee escondida debaixo da cama.

Foi o fim.

Não era a primeira vez que ele duvidava do amor e da sinceridade de Beth Lee, por isso, ela não o perdoou. E tornou-se amarga e solitária, se afastando até mesmo de sua melhor amiga Donna Mae.

Sandy Lee e Palmer fugiram da prisão em San Antonio, e tornaram-se os fora-da-lei mais perigosos do Oeste. Isso fez com que os moradores de Crescentfalls repudiassem a família Malick, tornando a vida deles insuportável, cada vez que Sandy Lee cometia mais algum crime. A família Palmer teve que se mudar, chegaram a incendiar a casa deles. Robert tentou se aproximar dela nessa época, mas Malick ameaçou matá-lo e Beth Lee não fazia questão dele. E,

então, toda aquela desgraça aconteceu.

Mesmo que ficasse frustrado com as atitudes dela, não podia julgá-la por não voltar à cidade onde era odiada. Ao lugar que não a queriam.

Ele se ergueu enquanto ela mexia na bolsa, de costas para ele. Bob parou logo atrás dela.

— E o que você fez depois que partiu de Crescentfalls? — perguntou finalmente.

Beth Lee não tinha obrigação de responder. Aliás, não lhe interessava que ele soubesse nada do que ocorrera com ela. Mas havia o lado vingativo, aquele em que ela queria que ele soubesse o mal que havia lhe causado e porque o odiava tanto.

— Eu deixei de ser aquela garota ingênua. — Ela voltou-se para ele.

— Isso é notório. Mas o que fez com que você odiasse tanto a si mesma, a ponto de ficar como está?

Ela estreitou o olhar:

— Vá para o inferno! — Ela o empurrou e se afastou dele.

— Pelo menos está feliz?

Ela o fitou por cima do ombro:

— Não pode haver felicidade no caminho que tracei.

Infelizmente, a palavra felicidade a remetia ao tempo que ela e Bob namoravam, quando nada sabiam sobre a vida.

— E o que vai fazer quando o Bando for pego?

— Ainda não sei — voltou para perto do cavalo e tirou um mapa de dentro de sua bolsa. — Mas não há motivos para me preocupar com isso, não estou presa a nada.

Ela abriu o mapa e parou ao lado dele. Bob já o tinha visto mais cedo. Era um mapa do oeste dos Estados Unidos.

— Eles vão atacar aqui. — Ela apontou para o mapa, ao sul do Texas.

— Tem certeza?

— Por quê?

— Aqui. — Ele apontou para o lado esquerdo do mapa. — Estão as terras de Justin Bells que fazem fronteira com Shepherd ao norte — observou preocupado. — Por que Joyce iria querer essas terras?

— É onde está a nascente do Rio Cleveland. — Ela destacou.

— Mas o que eles iriam querer com uma nascente? — Isso o intrigou.

— Esta é uma das regiões mais desérticas do Texas, eles podem usufruir abrindo caminho para as águas. — Ela apontou para o lado direito do mapa. — As terras de Judson Joyce, filho do general, ficam a quarenta quilômetros dali.

Robert pegou o mapa das mãos dela e o estudou atentamente.

— Há diversos ranchos no meio do caminho e até um vilarejo de minas de carvão, Nicholsonbridge.

— Onde a estrada de ferro passa. — Ela lembrou.

— Eles não querem que o rio desvie para as terras de Joyce e sim para Nicholsonbridge. — Ele sorriu satisfeito com a descoberta. — E vão tirar todos os rancheiros que estiverem no caminho.

— São quinze quilômetros repleto de famílias! — Ela deduziu. — Temos que partir agora e alcançá-los, estão algumas horas de vantagem.

— Não aconselharia que se esforçasse tanto.

A preocupação dele a incomodava. Não queria que ele sentisse nada por ela. Ainda mais depois do beijo que haviam trocado e que ela não conseguia tirar da cabeça.

— Esqueça isso — falou decidida — São dois dias de viagem até Nicholsonbridge. Ou saímos agora, ou quando chegarmos, eles já terão matado todos.

Bob sabia que não tinham muito tempo.

— Você é quem sabe. — Ele decidiu. — Vamos arrumar tudo e partir.

Ela não conteve o sorriso de satisfação e ele se reprovou por ficar excitado com um simples sorriso que remetia ao passado.

Recordou que depois de pedir o consentimento de Joseph Malick para namorar Beth Lee, ele voltou eufórico para Shepherd, ansioso para falar com ela.

Entretanto, a chegada da família dela e o jantar fez com que ela soubesse da notícia antes e estragasse a surpresa que ele queria fazer. A própria Sandy Lee, carregada de inveja, contou, enquanto a visitavam no quarto.

— E ele pediu para visitá-la. — Sandy Lee terminou de contar.

— E o que o papai disse? — Beth Lee perguntou com o coração cheio de esperança.

Sandy Lee pensou em mentir, dizer que o pai a proibira, mas Maggie adiantou-se para a filha:

— Seu pai concordou — contou feliz.

Beth Lee pensou que seu coração não aguentaria de tanta felicidade. Ela seria a esposa de Robert Clarckson, o homem que arrebatara seu coração para a eternidade. Não haveria outro depois de Robert, sempre seria dele.

E enquanto Beth Lee se arrumava para partirem atrás do Bando da Morte, ela também se recordou daquele momento tão forte e ao mesmo tempo tão frágil. Bob lhe perguntara a pouco sobre a felicidade, e ela vivera isso um dia ao lado dele. E fora maravilhoso, tinha que admitir. Porém, aprendera que as coisas boas não duravam para sempre e não eram para ela.

Pela primeira vez, desde que o reencontrou se perguntou se ele havia conhecido outra pessoa e estava feliz, formando uma linda família. A indiferença dele a maior parte do tempo a impedia de saber, embora o beijo e a preocupação a fizessem oscilar seus próprios sentimentos. Sempre estivera tão determinada a odiá-lo, que esqueceu de deixar de amá-lo.

Incomodou-se com a ideia de que ele podia estar feliz com outra pessoa e o beijo fora apenas reflexo do que viveram no passado.

Ela sabia que aquela garota frágil que o amara um dia, ainda estava ali dentro dela, mas Beth Lee a mantinha sufocada, presa em algum lugar de sua alma e a impedia de sair. Aquela antiga Beth Lee se derramaria em lágrimas nos braços dele, pediria socorro, ajuda e lhe daria o mais verdadeiro e sincero sentimento, o amor.

— Pronta para partir? — Ele quis saber de mau humor pelas lembranças do passado que o assombravam.

Queria beijá-la novamente, lhe pedir perdão e finalmente fazer amor com Beth Lee como sempre desejou, como seu corpo queimava naquele momento. Mas não podia. Talvez nunca tivessem esta oportunidade e isso o deixava irritado.

— Sim. — Ela respondeu e comprimiu os lábios para não gemer de dor quando montou em seu cavalo. — Estou pronta — assegurou.

Ela estava pálida, mas ele não diria mais uma palavra para impedi-la e precisava pensar em seu trabalho e não ficar com pena de uma mulher. Mesmo que ela fosse a dona de seu coração. O trabalho como Ranger estava em primeiro lugar.

— Vamos... — E cavalgou para fora da caverna.

Ela o seguiu, sentindo como se uma faca atravessasse sua carne a cada trote do cavalo.

Capítulo IX

Robert ficou surpreso por ela conseguir cavalgar a noite toda e parte da manhã. Pararam apenas para dar água e comida aos animais e seguiram viagem. Ele decidiu parar para descansarem em uma clareira quando anoiteceu novamente, além disso, precisavam comer para seguir viagem no dia seguinte e se adiantar ao Bando da Morte.

Quando Beth Lee desceu do cavalo, seu corpo parecia pegar fogo, ao mesmo tempo que o suor frio lhe cobria a face. Não estava bem, e a cada segundo parecia piorar, mas não diria nada, precisavam chegar a Nicholsonbridge até a noite seguinte ou nunca salvariam os rancheiros.

Sem dizer uma palavra, Bob deixou o cavalo pastando e desapareceu na escuridão. Ela aproveitou para tirar o chapéu e o poncho, e olhar por cima do ombro, a camisa estava encharcada de sangue e a pele pulsava dolorida. A dor a fazia querer se deitar e dormir por um longo tempo. Pegou o cantil e bebeu água, tentando aplacar a sede que a acometia, mas seu corpo todo parecia estar seco.

Bob voltou depressa e ela vestiu o poncho para esconder a ferida.

— Mais à frente, perto do rio, há uma velha cabana abandonada — avisou. — Podemos passar a noite lá.

— Não acha arriscado?

— Outra tempestade está se formando. — Ele apontou para o horizonte escuro e Beth Lee viu os raios e a forma rápida que as nuvens se moviam. — A natureza pode ser mais impiedosa que os fora-da-lei.

— Tem razão. — Ela concordou voltando a montar, desta vez o gemido de dor foi inevitável e Bob a olhou com o cenho franzido. — Eu sigo você.

Bob saiu a frente e cavalgaram mais uns vinte minutos até chegarem a cabana que ficava bem escondida pelas árvores. Qualquer um se perderia se deixasse a estrada para encontrá-la, não era visível e de difícil acesso. Ficava tão isolada, que os Texas Rangers costumavam usá-la para descanso. Por isso, Bob a encontrou, sabendo que ali havia velas, fogareiro, uma cama com colchão e até reserva de comida.

Ele acendeu a lareira e a lamparina e ficou bravo ao notar que Beth Lee ainda não havia entrado na cabana. Ele havia lhe entregado as rédeas dos cavalos para que os acomodasse debaixo da pequena varanda coberta e escondê-los da

chuva.

Saiu da casa imaginando que ela teria partido e o deixado para trás e sem cavalo para se vingar dele. Sentiu as primeiras gotas da chuva e para sua surpresa os cavalos estavam amarrados, entretanto, não havia sinal de Beth Lee.

Onde aquela maldita teria ido?

A chuva aumentou e um raio cruzou o céu, iluminando o pátio e ele viu um par de botas estendidos no chão. Apressou-se para a lateral da cabana e a encontrou caída próxima aos animais. Correu para pegá-la no colo e a levar para dentro. Ela gemia de dor e voltou a si quando ele a depositou sobre a cama.

Ele se sentiu culpado por pensar que ela havia fugido. Aquele lado teimoso e rebelde de Beth Lee era uma novidade para ele, ela sempre fora tão dócil e amável, era difícil lidar com essa nova personalidade.

— O que está fazendo? — perguntou confusa.

— Preciso olhar a ferida e tratar — avisou passando as mãos pelo cabelo cor de fogo. — Você está com febre!

— Não é nada. — Ela gemeu se encolhendo.

Era como se mil agulhas atravessassem seu corpo. Ele a fez tirar o poncho e ela choramingou.

— Tem que deitar de bruços. — Ele pediu.

— O quê? — Ela não conseguiu ouvi-lo direito, sua cabeça doía demais.

— Beth Lee. — Ele disse seu nome com carinho e ela conseguiu encará-lo. — Preciso que vire de bruços para que eu limpe seu machucado.

— Tudo bem, Bob. — Ela respondeu com ternura. No mesmo tom que fazia quando namoravam.

Ele teve que lutar para não a abraçar. Usando toda a força de sua razão, ele a ajudou se virar de bruços e ela choramingou de dor outra vez. Ele praguejou ao ver a camisa encharcada de sangue e depois de tirá-la com dificuldade, viu que havia muito pus na ferida. A infecção havia avançado.

— Não era para estar assim... — Ela lamentou.

— O período de infecção após o tiro é de seis horas e estava nítido que o seu ferimento ia ficar desse jeito. — Ele falou sério.

— Como sabe?

— Você não foi a única que aprendeu muitas coisas nesse tempo que estamos separados...

Ela o fitou de soslaio. Ele falava como se agora, com aquele reencontro, estivessem juntos novamente? Ela deveria realmente estar delirando por ter entendido isso.

Havia apenas uma forma de limpar aquilo e não havia remédios ali para tratar. A índia havia lhe dado um preparado para colocar na ferida caso ele precisasse, e nada melhor que agora. Limpou o local e aplicou. Beth Lee gritou de dor, e ele ficou desesperado por vê-la sofrer daquela forma. Jurou a si mesmo que se ela morresse, ele escarpelaria aquela velha índia, com certeza. Ela fez menção de se mover enquanto chorava, mas Bob a segurou com firmeza contra a cama até que o remédio parasse de arder e matasse a infecção.

— Maldito! — Ela o xingou entre a dor e o estado febril em que se encontrava.

Beth Lee acabou cedendo e ele puxou a cama para perto do fogo e a cobriu com os cobertores. A chuva era forte e batia contra a cabana com violência, uivando pelas frestas das janelas e da porta. Ela seguia gemendo e se encolhendo. Bob sentou-se na beirada da cama e acariciou o rosto bonito e tão sereno que foi impossível não sentir saudades dela.

— Papai? — Ela perguntou com os olhos semicerrados.

— Não, Beth Lee. Sou eu, Bob.

— Bob? — Ela abriu mais os olhos e o fitou confusa. — Você está aqui... Ela tirou a mão de debaixo do cobertor e segurou a dele.

— Não me deixe aqui, está bem? — pediu em seu delírio. — Eu não quero morrer.

— Você não vai morrer. — Ele murmurou acariciando a mão dela.

— Eles vão me matar, Bob. Eu sei que vão.

— Não vou deixar. — Ele afastou o cabelo do rosto e passou a ponta dos dedos por ele.

— Estou com medo. — Ela confessou.

— Não tenha medo, querida. Estou aqui...

Bob beijou a mão delicada com ardor, com toda a vontade que o assolou desde o primeiro instante em que se reencontraram.

Ela ardia em febre, por isso, Bob fez compressas de água morna, mas não havia muito que fazer a não ser rezar para que ela melhorasse até o dia seguinte e a infecção diminuísse. Perguntou-se há quanto tempo não rezava ou fazia uma prece? Sua amargura o tornara um homem incrédulo, longe do contato com

Deus.

Ele tirou as botas e deitou-se debaixo do cobertor para aquecê-la, sentindo cada centímetro do corpo de Beth Lee contra o seu. Nunca estivera tão próximo dela, de forma tão íntima. O namoro entre eles sempre fora respeitoso e ele saciava seu desejo nos braços de prostitutas. Mas era em Beth Lee que pensava. Em seu corpo, sua pele, seus beijos. Ele fantasiava a primeira noite deles quando se casassem e nunca conseguiu deixar de pensar nisso. Em como teria sido se tivessem se casado. Ela tremia em seus braços e ele a enlaçou, puxando-a para mais perto e ela se aconchegou, como se o reconhecesse.

Não era para ela sofrer assim.

Ele deveria ter se casado com ela tão logo tivessem começado a namorar. Entretanto, ela tinha apenas quinze anos e ele quis esperar um pouco e então os padres começaram a morrer e o tempo passou. E quando finalmente tiveram a oportunidade, ele estragou tudo.

Daria tudo o que possuía para voltar no tempo e mudar as coisas. Ele teria se casado com ela e construído uma casa em Shepherd. Já teriam filhos provavelmente e ele envelheceria ao lado dela. Teria sido seu apoio quando ela perdeu os pais e quando toda a cidade a repudiava, mas ele não conseguiu.

Agora, Beth Lee se tornara outra mulher. Era arisca, rebelde e o odiava. Além disso, guardava segredos. A vida de ambos se transformara.

Contudo, seu amor por ela estava ali. Nunca deixou de existir. Será que o amor dela por ele ainda estava guardado em algum lugar do seu coração? Ali, aconchegada em seus braços, delirando e chamando por ele com angústia, uma fagulha intrusa de esperança o acometeu. Não queria. Porém, o roçar da necessidade de acreditar nisso o atormentava.

Ele agora era um Texas Ranger e ela uma fora-da-lei. Todavia, ali sob o calor do fogo, naquela velha cabana, eram apenas Bob e Beth Lee. Ele se deu ao direito de abraçá-la mais com carinho e beijou sua testa quente.

— Estou aqui, meu amor.

Ela gemeu e se aconchegou mais a ele. Lá fora, a chuva caía violenta, embalando aquele momento único na vida de Bob. Sofreu tanto quando ela foi embora e desapareceu. Chegou a pensar que a havia perdido para sempre. Mas o amor que sentia por ela o impedia de desistir de encontrá-la e agora ela estava ali, tão viva quanto ele, o coração pulsando forte, lutando para sobreviver, escondendo as grandes feridas na alma.

Recordou mais uma vez, do primeiro momento em que conseguiu ficar a

sós com Beth Lee depois que Malick autorizou que a cortejasse. Apenas dois dias depois, quando as visitas cessaram e ela conseguiu sentar-se à varanda do quarto com a ajuda de Donna Mae e Tia Caroline.

Tia Caroline estava bordando e Beth Lee apreciava a linda paisagem de Shepherd. Ele entrou no quarto e saiu para a varanda, ansioso. Tinha tomado banho, colocado sua melhor roupa, assim Beth Lee não seria obrigada a sentir o cheiro de estrume depois de um dia de lida e ele queria impressioná-la.

Ao vê-lo, Caroline se levantou e sorriu compreensiva do quanto aquele momento era importante para o jovem casal.

— Vou ver como está o andamento do jantar, com licença.

Beth Lee ficou tensa e ruborizou, abaixou o olhar para as mãos e, quando os ergueu, ele lhe estendia um singelo buquê de flores do campo.

Ela nunca havia ganhado flores de outro rapaz, era um momento sublime para ela. Com as mãos trêmulas, ela o pegou e cheirou as flores e balbuciou um agradecimento engasgado na garganta seca.

Bob se aproximou nervoso. Beth Lee era linda demais e ele temia dizer qualquer coisa desagradável e ofendê-la.

— Não quer se sentar? — Ela conseguiu falar.

— Não. — Ele foi direto. — Preciso falar com a senhorita.

Ela sorriu levemente ao notar a ansiedade dele. Isso significava que ele também gostava dela.

— Pode me chamar de Beth Lee. — Ela pediu.

Ele sorriu, deixou o chapéu de lado e inesperadamente se ajoelhou diante dela:

— Beth Lee, você quer ser minha namorada?

Lágrimas encheram os olhos claros e ela assentiu depressa.

— Sim!

Ele pegou a mão delicada entre as suas grandes e calejadas.

— Quero ser mais que um simples namorado. — Ele a sentiu tremer e a viu morder os lábios. — Quero ser seu marido, o pai dos seus filhos, o único homem capaz de fazê-la feliz.

Uma lágrima escorreu pelo rosto delicado e Bob apressou-se a enxugá-la, sentindo uma excitação incomum ao tocar a pele tão delicada.

— Eu também quero ser sua esposa, Bob. — A voz dela oscilou e ela

clareou a garganta. — E fazê-lo muito feliz.

Ele beijou sua mão e ela sentiu o coração dar um salto. Bob queria beijá-la nos lábios, mas tia Caroline reapareceu e ele ficou frustrado, ansiando pelo primeiro beijo deles.

Agora, dentro daquela cabana e, abraçado a ela, ele sabia que havia quebrado a promessa de fazê-la feliz. Sua imaturidade destruiu os sonhos de Beth Lee e toda sua pureza e ingenuidade. Ele era o culpado por ela ter se transformado numa mulher amarga e indiferente a tudo que a cercava.

Deixou que o amor que sentia por ela aflorasse. Havia apenas um futuro para eles e de repente se sentiu disposto a tudo para alcançá-lo.

Capítulo X

Beth Lee acordou confusa e olhou ao redor assustada. Embora seu corpo ainda doesse, conseguiu se sentar com mais facilidade. Aquele peso mórbido da dor havia se esvaído e não estava tão cansada. Era dia, a chuva da noite anterior havia cessado e ainda estava na cabana. Não se lembrava de ter entrado ali ou de qualquer outra coisa depois que perdeu os sentidos.

Com certeza, Bob a havia trazido para dentro e cuidado dela, já que a ferida não incomodava mais. Não se sentiu incomodada com aquela constatação, ao contrário, pensar que ele havia zelado por ela era reconfortante, mesmo que não quisesse deixar seu coração aceitar isso. Estar com ele a fazia se sentir viva. Não podia negar.

— Bom dia. — A voz dele soou ao entrar na cabana.

— Bom dia. — Ela fechou a camisa depressa.

Ele estava diferente. Não parecia tão sisudo como no dia anterior, ao contrário, ele a olhava como se estivessem em casa, como se não estivessem caçando o Bando da Morte e sim relaxados em um dia comum. Ficou desconfiada.

— Perdemos horas de viagem. — Ela reprovou.

— Você não conseguiria seguir viagem do jeito que estava. — Ele lhe ofereceu uma xícara de café. — Nem que eu a amarrasse ao cavalo.

— Café? — perguntou surpresa.

— Os Rangers costumam usar essa cabana, por isso, está sempre abastecida.

— Nunca a notei — confessou. — E já passei inúmeras vezes por essa estrada.

— Foi construída em um lugar estratégico para não ser vista pelos viajantes — explicou.

Ela bebeu o café e não conseguiu conter sua curiosidade:

— Como se tornou um Ranger?

Ele se sentou na ponta da cama. Beth Lee sentiu uma intimidade que não estava ali antes. Ele a encarou com aqueles olhos azuis arrebatadores.

— Quando partiu e eu a busquei por todos os lados e não a encontrei —

contou. — Pensei que tivesse acontecido algo terrível ou até morrido. Eu me tornei um encenqueiro bêbado até que fui pressionado por minha família a tomar uma decisão: viver ou viver.

Ela não esperava ouvir aquilo. Então ele sofrera por ela? Limpou a garganta e tomou do café como se aquilo não significasse nada.

— Então se tornou um Ranger para não se matar de tanto beber?

— Não. — Ele a encarou de uma forma profunda e ela se sentiu como uma presa diante do caçador. — Eu me tornei um Ranger para caçar os homens que a haviam levado.

— Você o quê? — Ela não podia acreditar.

— Eu matei Ted e Ravel, os irmãos Hunt. — Ele confessou.

Ela abriu a boca para falar, mas a voz não saiu. Ela olhou para a xícara de café sabendo que era tomada de um rubor que há muito tempo não sentia. Bob matara por ela?

— O mais irônico é que eles juraram antes de morrer que não haviam tocado em um fio de cabelo seu! — Ele relatou com certa amargura.

— Não mesmo — fez que não. — Parti porque eu quis. O resto é boato.

— Algo incompreensível para mim!

— Você não pode compreender nada! — Ela garantiu.

— O quê? — Ele se ergueu irritado. — Você tinha todos os motivos do mundo para me odiar, isso é compreensível. Mas partir? Desfazer de sua amizade com Donna Mae?

— Não pode me julgar! Não sabe o que houve comigo!

— E isso justifica ter se tornado uma criminosa?

— Cale a boca! — Ela gritou e jogou o café quente contra ele.

Bob tirou a camisa depressa para não queimar sua pele.

Beth Lee levantou-se e arregalou os olhos ao ver o corpo másculo do antigo namorado, desviando o olhar constrangida, sentindo o coração acelerar. Jamais vira Bob dessa forma, e por causa do tempo em que ficaram separados e do rancor que sentia por ele, ficou surpresa com a forma que seu corpo refletiu tamanha excitação.

Ele continuava bonito, ela jamais poderia negar. Ele se tornara um homem forte, autoritário e extremamente charmoso. Ela se afastou dele, não queria que se aproximasse.

— Fique longe de mim! — Ela mandou ficando de costas.

Bob estreitou o olhar, era impressão sua ou Beth Lee estava constrangida por ele estar sem camisa? Deu um meio sorriso ao constatar que parte dela ainda existia em meio todo aquele ódio. Ela ainda era tímida.

— Do que tem medo?

A pergunta estranha a fez se voltar e quase trombar nele. Deu um passo para trás e seu corpo encontrou a parede. Não havia para onde fugir.

— Não tenho medo... — falou engolindo em seco.

— Não?

Ele parou seu rosto próximo ao dela, as mãos apoiadas na parede, sentindo o desejo acender como uma explosão de um barril de pólvora.

— Tenho nojo de você! — Ela esbravejou.

— Eu sei que tem. — Ele ironizou.

E a beijou.

Foi tudo tão rápido, que quando ela se deu conta, os lábios de Bob esmagavam os seus. Ela sabia que ele a estava punindo pelo café e as ofensas. Mas também tinha conhecimento que ambos ansiaram por aquele momento desde o primeiro instante em que se reencontraram.

Não apenas pela curiosidade, mas pelo desejo que os unira e nunca deram vazão. Bob sempre a tratou com devido respeito, e os beijos sempre foram recatos, o carinho singelo.

Era a primeira vez que ele a beijava com tanta paixão e de forma tão selvagem, enfiando a língua em sua boca, a estreitando em seus braços, fazendo com que ela sentisse a força de sua virilidade. Ela se agarrou a ele, esquecendo quem era ao invés de lutar e empurrá-lo. Beth Lee reconheceu aquele sabor, a remeteu aos melhores dias de sua vida. Sentir Bob tocar seu corpo era reencontrar parte de si mesma que havia se perdido.

Aceitou o beijo como um tesouro, um presente da vida por seus momentos de solidão, angústia e desespero. Deixou que ele tomasse seu pescoço e se perdesse em sua pele. Era tão bom, tão excitante, o corpo dela se entregava a ele, o reconhecia, porque sabia que o motivo de viver era aquele, estar com Bob.

Ele estava completamente perdido. Tocar Beth Lee era experimentar o paraíso. Era o desejo arraigado à saudade.

Ele desceu a língua pelo pescoço lentamente e ela se ofereceu para ele,

arqueando o corpo para trás. A camisa dela se abriu e a língua desceu pelo colo e as mãos subiram pela frágil camisa, e tocaram os seios macios. Beth Lee gemeu alto e as mãos de Bob desceram pela cintura fina e abaixou os lábios para saborear os bicos rosados e duros. Ele os mordeu levemente e os sugou como algo precioso, e era.

Beth Lee sentiu o corpo ceder à excitação como uma avalanche e o centro de suas pernas queimaram, ela precisava de mais. Ele voltou a tomar posse dos lábios úmidos, e como fruta fresca, não se cansaria de prová-la. Bob rendeu-se ao impulso de puxá-la para si, colocando seu corpo ao dela e a fazendo sentir sua ereção que se erguia faminta. Nunca em suas fantasias imaginou que tocá-la pudesse lhe inflamar todos os sentidos a ponto de ele perder o controle.

Ele a arrastou para a cama e caíram juntos, beijando-se, perdidos no prazer que sentiam. Esqueceram a realidade que os cercava ou as diferenças do passado. Os lábios dele moveram-se exigindo mais e ela se abriu sem qualquer pudor. As mãos dela espalmaram pelas costas largas, enquanto ele se colocava entre as pernas dela, esfregando-se nela, arrastando-a para um mundo desconhecido.

Beth Lee sentia que havia perdido o domínio sobre seu corpo e estava ofegante, seus gemidos se misturavam aos de Bob. Ele abriu a calça dela e deslizou a mão para dentro sem deixar de beijá-la. Ele tocou o centro de suas pernas, quente e úmido, e ela achou que fosse desmaiar, abriu os lábios para puxar o ar e um alto gemido escapou, e ela fechou os olhos saboreando aquela nova e intensa sensação.

Ela trançou os dedos pelos cabelos de Bob e intensificou o beijo, enfiando a língua entre os lábios dele, perdendo o controle, querendo mais. Ele moveu a ponta dos dedos em círculos bem lentamente, despertando nela o prazer mais primitivo e a cada movimento, ele se excitava mais ao ouvi-la gemer. Beth Lee se sentia em uma cavalgada furiosa, em meio a mais intensa tempestade.

Ele aumentou os movimentos conforme ela movia os quadris desesperada por mais, para chegar ao fim. Ela parou de beijá-lo para jogar a cabeça para trás e convulsionar gozando intensamente nas mãos dele. Não podia acreditar no que havia acontecido. Ele esmagou seus lábios outra vez e ela não resistiu.

O som do relincho dos cavalos os trouxe de volta à realidade. Bob se separou dela depressa e foi até a janela da frente.

— Tem alguém se aproximando. — Ele falou ofegante.

Olhou para o corpo dela e Beth Lee se sentou e fechou a camisa depressa, suas mãos tremiam e ela não tinha coragem de encará-lo. Bob queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não conseguia, o desejo ainda estava inflamado dentro dele, queria mais dela. Sabia que não haviam terminado. Entretanto, temia pronunciar suas intenções e ela desaparecer para sempre. Ele não queria ter que caçá-la mais uma vez.

Ela ficou olhando Bob vestir a camisa e, colocar as armas no coldre e sair da cabana, batendo a porta para aplacar sua paixão interrompida.

Não podia acreditar que ela e Bob haviam compartilhado um momento de tanto prazer. Infelizmente em um momento errado, quando tudo ao redor deles desabava e havia feridas difíceis de cuidar. Tratou de ajeitar-se e lavar o rosto antes de segui-lo e se refazer da tempestade de emoções que a assolavam.

Bob saiu da cabana e surpreendeu-se ao se deparar com Maxuel Redgrave, um dos melhores Texas Rangers que conhecia.

— Clarckson? — Ele se surpreendeu e desmontou.

Porém, o sorriso do recém-chegado desapareceu ao ver a bela jovem encostada à porta com seu olhar desconfiado. Bob olhou por cima do ombro e viu Beth Lee parada como se nada tivesse acontecido entre eles. Apesar de tudo, ele ainda estava com raiva dela pelo café quente e frustrado por não ter chegado até onde desejava. E não menos apaixonado por ter tocado o corpo dela como sempre sonhou.

Sabia que depois do que houve, jamais conseguiria se afastar dela.

— O que faz aqui? — Redgrave olhou mais uma vez para a bela Beth Lee que mantinha as mãos preguiçosamente sobre suas pistolas.

— Estamos a caminho do sul. — Bob respondeu.

— Não deveria estar atrás do Bando da Morte?

— É para lá que eles estão indo — devolveu.

Redgrave franziu o cenho e suas sobrancelhas escuras e espessas se juntaram. Ele era um homem bonito e forte. Mas todo seu charme estava escondido por trás da barba grande e das roupas desalinhadas. Ainda era jovem, mas desde a morte da esposa e do filho pequeno, ele havia perdido uma boa porção da própria vaidade.

— Como pode saber, Clarckson? — Redgrave o questionou.

— Tenho informantes — deu um passo para ele e o encarou. — Esse é o meu trabalho.

E até que a teoria de Beth Lee se comprovasse, ele não poderia dizê-la a ninguém. Era arriscado confiar até mesmo em outro Ranger.

— E quem é ela? — Redgrave olhou para Beth Lee com interesse.

Também não podia dizer a verdade. Sabia que Redgrave a levaria presa para averiguar muitos fatos, e Bob não estava disposto a deixar que isso acontecesse. Pela primeira vez, desde que se tornara um homem da lei, sentiu que sua decisão oscilava entre o que era certo a fazer, e o que precisava fazer. E com certeza, o lugar de Beth Lee era ao seu lado, mesmo que ela não quisesse, mesmo que a lei dissesse o contrário.

Mesmo sabendo que era errado, colocou suas emoções, seu mais intenso sentimento acima de seu trabalho.

— Ela é meu elo com os informantes. — Bob limitou-se a dizer. — E você, o que faz aqui?

— Eu estava indo para o norte, para encontrar você e os outros. Recebi um telegrama em San Antonio que você precisava de reforços — explicou. — E a maioria de nós está a campo, em lugares pouco prováveis de ter comunicação.

Bob compreendeu.

— Stewart, Clarck e Lewis estão mortos — contou. — Fomos atacados por um grupo Sioux quando seguíamos o Bando da Morte.

— E você sobreviveu?

— Não. — A voz de Beth Lee interrompeu a conversa e ela se aproximou. Bob preferia que ela ficasse fora disso. — Eu salvei a vida dele.

Em outra vida, Beth Lee ficaria tímida, se apresentaria e ofereceria um chá com biscoitos amanteigados antes de voltar ao bordado que ela tanto amava fazer e escutar a conversa discretamente e não interferir. A nova Beth Lee era intimidadora, agressiva e colocaria um homem para correr se fosse necessário. Bob estava começando a admirá-la mais ainda. O que lhe causou assombro no primeiro reencontro, agora lhe dava prazer.

— Sou Maxuel Redgrave. — O Ranger se apresentou. — E a senhorita?

— Elizabeth Malick. — Ela se apresentou com o nome de batismo e Bob ficou aliviado. O sobrenome Lee atrairia muito a atenção, com certeza Redgrave mataria a charada descobrindo de quem ela era irmã.

— E a senhorita Malick é de onde?

Ela não respondeu.

— Estamos de saída. — Beth Lee forçou um sorriso. — Se quiser, pode

se juntar a nós.

Ela lhe deu as costas e voltou para dentro da cabana para juntar suas coisas. Redgrave olhou perplexo para Bob:

— Ela não é uma Ranger. Não pode seguir viagem conosco — repreendeu.

— Diga isso a ela. — Bob o cortou. — Vou arrumar minhas coisas.

Bob fez menção de se retirar, entretanto, Max o segurou pelo braço.

— O que pensa que está fazendo? — Redgrave o questionou e Bob se livrou das mãos dele. — Somente por que é uma vadia ruiva?

Robert lhe deferiu um soco que o fez cair no chão. Ninguém chamava Beth Lee de vadia ou a ofendia!

— Estou fazendo meu trabalho, Redgrave. Se quiser ajudar é bem-vindo. Do contrário, fique longe de nós e guarde sua língua dentro da boca!

Avisou e foi arrumar suas coisas. Redgrave limpou o sangue do canto da boca e se levantou olhando para Bob com ódio.

Capítulo XI

Eles viajaram até Nicholsonbridge o dia todo, chegando no início da noite quando os moradores começavam a se dispersar para suas casas. Os três viajantes mal se falaram durante a viagem, cada um absorto na ira que o outro havia lhe despertado.

De repente, Bob olhou para trás e viu que Beth Lee havia parado sua montaria. Deu meia volta e se aproximou dela.

— Não vai ficar aqui conosco? — Ele quis saber.

— Não, vou ficar em outro lugar — respondeu. — Encontro vocês amanhã na propriedade de Bells, tenho que ir — avisou e saiu para o lado sul a largo galope.

Robert a teria seguido se não fosse pela presença de Redgrave. Tudo estava se complicando entre eles, ela mal conseguia olhá-lo. Respirou impaciente e foi em direção à pensão a fim de se hospedar. O Bando da Morte nunca atacava à noite, sempre de dia, portanto, ele tinha algumas horas de descanso antes de agir.

Depois de se instalarem, ele e Redgrave acabaram no saloon e se sentaram no balcão.

— Vai me dizer no que estou me metendo? — Redgrave perguntou bebendo o uísque.

— Eu já falei. — Bob resmungou de mau humor e olhou ao redor.

Tudo seguia normal. As mulheres divertindo os homens, música, risada, uma mesa de pôquer cheia. Ele se perguntou se algum daqueles cowboys poderia ser do Bando da Morte. Eles deviam estar por perto, espreitando antes de atacar.

— Não. — Redgrave insistiu. — Você não me contou tudo e está fazendo segredo.

Bob o fitou:

— Amanhã vamos agir com ou sem você!

— E como essa senhorita Malick surgiu? — quis saber. — Ela salva a sua vida e você confia nela cegamente?

— Eu já a conhecia... — falou com indiferença.

— Deu para notar... — Redgrave debochou e Bob o olhou pronto para

bater novamente. — Calma, Clarckson! Não vou ofender a moça! — ergueu as mãos inocente.

— É bom mesmo!

— Mas está tão caído por ela que não está enxergando que ela está usando você!

— Não diga bobagens!

— Por que ela não está aqui? Onde ela foi? Tem certeza que não está armando para pegar você?

Bob não queria ouvir aquilo. Levantou-se do banco que caiu fazendo um barulho forte e atraindo a atenção de todos do saloon. Até mesmo a música parou de tocar. Ele jogou o dinheiro em cima do balcão e saiu a passos largos. Montou em seu cavalo e foi na mesma direção que Beth Lee.

Cavalgou seguindo o rastro que ela deixara. E isso o levou até um pequeno rancho. O cavalo dela estava amarrado na frente da casa. Ele desmontou e seguiu em silêncio, se abaixando até se aproximar da janela. Havia um lampião aceso e ele se ergueu para olhar lá dentro.

As palavras de Redgrave soaram em sua mente: *Mas está tão caído por ela que não está enxergando que ela está usando você!* Então, ele soube o motivo de estar ali: mais uma vez duvidava da sinceridade de Beth Lee e isso o fez sentir-se culpado. Mesmo assim, ele seguiu com sua investigação e a viu sentada em uma cadeira, de costas para ele. Ele se abaixou e balançou a cabeça, se reprovando.

Depois do que haviam compartilhado aquela manhã, sentindo a forma como ela se entregava a ele, o jeito que ficou lânguida em seus braços ao gozar, querendo mais dele, Bob não podia sequer pensar que ela não sentia nada por ele, que o havia esquecido.

— O que está fazendo aqui?

Beth Lee tinha aberto a janela e olhava para ele com os braços cruzados. Ele se levantou e encolheu os ombros:

— Eu vim me certificar de que estava bem — explicou mexendo no chapéu.

Ela o fitou, desconfiada:

— Ou veio me espionar? — corrigiu.

— É a mesma coisa! — Ele não conteve o sorriso que se formou em seus lábios.

Ela se controlou para não sorrir também.

— Tem sorte de não ter atirado em você!

— Você não ia atirar em mim... — devolveu seguro de si.

Ela estreitou o olhar, pronta para responder.

— Quem é, Beth Lee? — A voz soou de dentro da casa.

Uma senhora se aproximou da janela e viu Bob, ficando espantada:

— Robert Clarckson! Eu não o vejo desde que tinha dez anos!

Ele franziu o cenho e levou alguns segundos estudando-a.

— Geórgia London? — Ele a reconheceu.

— Eu mesma! Vamos entrar, rapaz — convidou. — Acabei de tirar um bolo de dentro do forno!

Beth Lee não gostou da ideia e o olhou contrariada. Ele a ignorou e entrou pela porta da frente. A casa pequena era aconchegante e remeteu Bob a vida que levou na casa de seu pai, em Crescentfalls. Há quanto tempo não visitava a família e sentia o conforto de um lar?

Geórgia London foi uma das empregadas da fazenda Shepherd e ajudava tia Caroline a cuidar dos sobrinhos, até que a moça acabou se casando com um rancheiro, Lucius London, e se mudou quando Bob ainda era criança. Não fazia ideia de que ela morava ali ou que estava viva, muito menos que tinha contato com Beth Lee.

Ele sentou na pequena mesa e Geórgia o serviu com um enorme pedaço de bolo de milho. O cheiro invadiu suas narinas e o estômago roncou. Estava morto de fome, tinha feito tudo, menos se lembrado de comer. Cortou um pedaço com o garfo e experimentou.

— Acho que é o melhor pedaço de bolo que comi na vida! — elogiou.

Geórgia ficou lisonjeada:

— Que bom que gostou, Bob. Gosto de fazer bolo, mas não recebo muitas visitas depois que Lucius morreu e Ben ainda é...

— Geórgia faz o melhor bolo do mundo! — Beth Lee falou depressa interrompendo a senhora. — É irresistível.

Bob imaginou o quanto a vida daquela senhora podia ser triste e solitária no meio do nada.

— Deveria vender tudo e voltar para Shepherd. — Ele aconselhou. — Tia Caroline apreciaria sua companhia.

— Acha mesmo? — havia esperança na voz dela.

— Sim. Meu pai faleceu e ela se sente muito sozinha. — Ele comeu outro pedaço de bolo.

— Seu pai faleceu? — Beth Lee não sabia.

Ele a fitou de soslaio e segurou com firmeza o garfo e então ergueu o olhar sombrio para ela:

— Sim, ele morreu há dois anos, logo após você deixar a cidade.

— Sinto muito. — Ela falou.

— É estranho que você sinta muito pela família que jurou odiar até a sua morte — comentou com escárnio e enfiou um pedaço de bolo na boca.

— Ora, que bobagem! — Geórgia os cortou sem saber do que realmente falavam. — Beth Lee não conseguiria odiar ninguém!

Bob olhou para a senhora:

— Não sabia que vocês se conheciam!

— Malick era primo de London por parte de mãe — explicou. — Foi por isso que nos conhecemos, quando Lucius visitava o primo, em Crescentfalls.

— Entendo. — Bob sorriu.

— Uma tragédia a morte de Joseph — falou com pesar e olhou de um para o outro. — Todos nós tivemos perdas, não é?

— Uns mais que os outros. — Beth Lee alfinetou.

Bob não se conteve:

— E quem perdeu mais Beth Lee?

— Quer comparar minhas perdas com as suas? — Ela devolveu agressiva.

— Que eu me lembre, também perdi.

— Quem? Seu irmão que não valia nada? — Ela se ergueu.

— Crianças! — Geórgia tentou apaziguar.

Bob também se levantou ameaçador:

— E de certo Sandy Lee é uma santa!

— Foi sua família que provocou toda essa desgraça! — acusou.

— Está enganada! Quem provocou tudo isso foi Tim e ele pagou com a vida, está morto! — Bob estava com muita raiva, ela o tinha levado ao limite desta vez. — Imagine se cada um dos entes das vítimas de Sandy Lee viesse lhe

cobrar pelo erro dela!

Ela não esperava por aquele argumento e ficou sem palavras. Na verdade, ficou chocada.

— Ninguém tem culpa pelas escolhas de Tim ou de sua irmã! — finalizou. — Sinto muito por suas perdas, mas não fui eu quem matou seus pais e estou farto de você me culpar por isso!

Ele voltou a se sentar e bufou antes de pegar o garfo e continuar a comer.

— Agora se sente nessa maldita cadeira e seja educada! — Ele mandou. — Eu sei que você consegue ser melhor do que isso e é o que Geórgia merece!

Beth Lee ficou constrangida e respirou fundo, controlando seu mau humor. Foi ridícula sua atitude, tinha que admitir, perdera o controle tolamente. Mas desde aquela manhã, quando Bob tocou seu corpo e lhe despertou as mais intensas emoções, ela já não conseguia raciocinar direito com ele por perto. Temia admitir que quisesse que ele a tocasse daquela forma novamente.

— Desculpe-me, Geórgia! — Ela murmurou.

— A impulsividade dos jovens! — Geórgia sorriu compreensiva e cortou outro pedaço de bolo, colocando-o no prato de Beth Lee. — Coma, querida! Vai lhe fazer bem, você está muito magra!

Beth Lee acalmou seus nervos. Em outros tempos, ela teria se controlado e sentia muito por ter falando demais. Comeu o bolo e calou-se. Bob continuou a conversa com Geórgia e Beth Lee soube das notícias de Crescentfalls, e notou que a vida lá continuava como se o tempo não tivesse passado.

— E como ficou o prédio que pertencera a minha família? — Ela quis saber.

Bob a fitou com uma expressão impassível.

— O prédio foi à leilão — contou.

— Claro. — Ela imaginou que algo assim aconteceria, já que o pai não pagava as contas há muito tempo e ninguém queria se hospedar na pensão que pertencia ao pai da senhora Morte. — Sabe quem o comprou?

— Quem arrendou foi um tal de Bennett. — Ele respondeu. — Acabou montando outra pensão.

— Mas quem comprou? — Ela insistiu em saber.

Ele respirou fundo:

— Fui eu, Beth Lee. Eu comprei o prédio.

O silêncio pairou entre eles como um punhal.

— Por que comprou a pensão? — Ela perguntou engasgada. Não queria saber a resposta, mas uma parte dela precisava ouvi-la.

— Você não quer saber.

— Eu quero!

Eles não notaram que Geórgia se levantou e saiu, deixando-os a sós.

— Responda, Bob! — exigiu.

Ele deu as costas para ela, caminhou até a janela e bufou irritado, antes de responder. Era algo que devia ser dito com sinceridade:

— Pensei que estivesse morta. — A voz dele soou sombria. — Foi à maneira que encontrei de tê-la por perto. Igual a presilha ou matar aqueles homens que julguei serem seus sequestradores...

Ele se voltou para ela:

— Não pedi para encontrá-la dessa forma, Beth Lee, embora fosse o que eu mais desejava — admitiu.

O coração de Beth Lee disparou e ela sentiu uma vontade imensa de correr para os braços dele e ele notou. O som do choro de um bebê os paralisou. Beth Lee ficou tensa e Bob franziu o cenho.

— Tem um bebê na casa?

Então para assombro de ambos, Geórgia surgiu com um garotinho no colo, recém acordado. Deveria ter um pouco mais que um ano. Ele olhou para Bob sério e então seus olhinhos inocentes focaram em Beth Lee:

— Mamá!

E estendeu os braços.

Embora Beth Lee tivesse certeza que a descoberta de Bob viera em péssima hora, ela não podia negar Benjamin. Correu para ele e o pegou no colo beijando-o. Quando ela chegou, ele ainda estava dormindo e não teve oportunidade de vê-lo e abraçá-lo, matando assim sua saudade.

Bob estava congelado. Como se alguém tivesse lhe dado uma rasteira, dito que a vida era um total desastre. E era. Aquele bebê era filho de Beth Lee? Ela olhou para Bob, enquanto o menino se acomodava em seu ombro.

Ela tivera um filho e não era dele.

Foi como se jogasse um balde de água fria em sua cabeça. Beth Lee amara outra pessoa a ponto de ter um filho com esse homem. Uma facada teria doído menos.

— Ele é seu filho? — Bob precisava perguntar, mesmo que a resposta estivesse bem diante dos seus olhos.

— Sim. — Ela acariciou o rosto do bebê. — Benjamin, diga olá ao tio Bob.

Ele estava arrasado. Aquele garoto poderia ser filho deles, mas nunca seria. O bebê era o símbolo de que ela não o amava mais, encontrou outro e tudo que haviam sentido aquela manhã, não foi nada mais que desejo, reflexo do amor que sentiram um dia.

Bob se aproximou dela e forçou um o sorriso. O menino era lindo. E ele gostava de crianças.

— Olá, Benjamin. — Ele acariciou o rosto gordinho.

O menino permaneceu grudado em Beth Lee, imaginou que ele se parecia muito com o pai. Bob não conseguiu olhar mais uma vez para ela tamanha sua decepção, então, desviou o olhar para Geórgia:

— O bolo estava uma delícia, Geórgia. Mas eu preciso ir. — Ele pegou o chapéu sobre a mesa e o colocou.

— Pode passar a noite aqui. — Geórgia ofereceu.

Bob parou na porta e sorriu para a senhora.

— Obrigado, mas não é uma boa ideia. Até mais ver. — E saiu a passos largos.

Estava alcançando o cavalo quando ouviu Beth Lee chamá-lo. Ele a ignorou, um misto de raiva e decepção rugia dentro dele. Não queria falar com ela. Entretanto, ela correu e o segurou pelo braço impedindo-o de montar.

Bob se soltou dela e não a deixou falar:

— Fui atrás de você, Beth Lee. Eu a procurei em cada rosto que encontrei, em cada pessoa que conheci! — Ele estava furioso e fez que não. — Eu a amo com todas as minhas forças e daria tudo para voltar no tempo e reparar o mal que lhe fiz.

— Bob...

— Mas esta noite. — Ele não a deixou falar. — Eu tive certeza que preferia nunca a ter encontrado. — Não havia piedade na voz dele e ela deu um passo para trás. — A Beth Lee que eu conheci teria me perdoado e aquela criança lá dentro, seria minha. Não de outro!

Sem dizer mais nada, ele se virou, montou e partiu sem olhar para trás.

Beth Lee levou a mão ao estômago, sentia como se tivesse levado um

soco. Lágrimas surgiram em seus olhos, mas ela as reteve com fúria. Bob tinha razão, a nova Beth Lee não podia perdoá-lo porque se fizesse isso teria que admitir o amor que ainda residia em seu coração e tudo estaria perdido.

Capítulo XII

Bob não conseguiu dormir depois da rasteira que levara da vida: Beth Lee amara outro homem a ponto de dar-lhe um filho e não havia futuro para eles. Não teve coragem ao menos de perguntar sobre o pai da criança e ouvir uma resposta que não queria: que ele estava vivo.

Beth Lee pensou que depois do que houvera na noite anterior, que Bob não iria mais ajudá-la a pegar o Bando da Morte. Já aguardava por ele há horas perto das terras de Justin Bells e nenhum sinal do Texas Ranger. Ela estava de tocaia no alto da colina, de onde podia ver todo o rancho, quando Bob se aproximou acompanhado do outro Ranger. Ficou aliviada.

— Algo diferente? — Bob quis saber ao desmontar.

— Nada por enquanto! — Ela passou o binóculo para ele. — Eles costumam atacar mais à tarde. E geralmente mandam alguém à frente para verificar se o caminho está livre.

— Pelo que noto, você está muito a par da situação do bando. — Redgrave ironizou e olhou para Bob desconfiado.

Beth Lee sabia o que aquele idiota estava tentando fazer, desacreditá-la. Não gostara dele desde o primeiro segundo que colocou os olhos sobre ele. Não era uma pessoa confiável e algo lhe dizia que ele estava ali para atrapalhar. Mas sabia que Bob não a ouviria, não com tantos mal-entendidos entre eles.

— Eu os persigo bem de perto. — Ela retrucou.

— E por ser mulher e estar sozinha nunca conseguiu pegá-los? — Ele devolveu com ironia.

— Tenho certeza que cheguei mais próximo deles que um bando de Texas Rangers!

— Tem alguém se aproximando! — Bob cortou aquela discussão infundada.

Eles olharam na mesma direção, um homem se aproximava do rancho e verificava tudo ao redor, antes de dar meia volta com sua montaria.

— Onde está Justin Bells? — Bob quis saber.

— Ele não quis partir. — Ela contou. — Estão armados dentro da casa, esperando a chegada do Bando da Morte.

— É arriscado! — Redgrave interferiu. — Eles vão morrer na mão dessa gente.

— São homens honrados, não vão abandonar suas terras! Serviram de retaguarda para nós! — Beth Lee se levantou. — Eles vão atacar e não podemos perder tempo! — Ela começou a descer a colina.

— Aonde você vai? — Bob quis saber.

— Fazer o meu trabalho — falou por cima do ombro, sem parar de andar.

Bob bufou irritado por não planejarem como agiriam. Beth Lee era uma inconsequente. Ele olhou para Redgrave:

— Vamos fazer o nosso!

E desceram pelo outro lado para ficar atrás da casa e aguardaram.

O primeiro membro do Bando surgiu em meio à nuvem poeira que se erguia, na paisagem vertiginosa. Era o anúncio da chegada da morte e do caos. Bob sentiu a adrenalina tomar conta do seu corpo e depois relaxar, concentrado para matar muitos e salvar a própria vida. Então, ele respirou fundo e saiu detrás da casa e atirou no primeiro bandido que seguia a frente, e este já caiu morto.

Os tiros começaram a surgir de todos os lados. O bando começou a atirar, Bells e sua família atiravam de dentro da casa e Bob e Redgrave, mas não havia nenhum sinal de Beth Lee. Pegos de surpresa, o grupo começou a dispersar, enquanto alguns caíam já mortos de cima de seus cavalos. Um dos bandidos surgiu nas costas de Redgrave, e Bob o viu, atirando na cabeça do homem.

Então, Beth Lee surgiu montada em seu cavalo, com o rifle em punho, atirando sem piedade, derrubando os homens do bando. Ela passou por Bob e Redgrave em disparada, segurava seu Winchester com firmeza. Eles a cobriram, entretanto, outro bandido disparou, acertando o chapéu de Beth Lee, fazendo sua trança ruiva surgir.

— Maldito! — gritou furiosa e atirou no homem que a acertara, jogando-o alguns metros para trás.

Beth Lee se abaixou na sela e sob o pescoço do cavalo atirou nos homens que estavam a sua frente. Atingiu outro ladrão, que caiu fazendo o cavalo sair arrastando-o em disparada.

O vento soprou com seus mistérios e medos, trazendo o cheiro de pólvora, sangue e morte e Beth Lee ergueu os olhos para encontrar a imagem de Sandy Lee, parada olhando-a em meio aquele caos de tiros. A mulher loira também vestida como um cowboy estreitou o olhar ao reconhecê-la. Beth Lee a encarou e reconheceu Adam Palmer ao seu lado.

— Maldita seja! — Sandy Lee rosnou e ergueu o Colt.

Ambas ergueram as armas uma para a outra e dispararam ao mesmo tempo. Mas não foi o tiro de Sandy Lee que a atingiu, Adam Palmer estava com a arma em punho. Ao notar, Bob atirou na mão de seu inimigo, mas não pôde impedir que o tiro atingisse Beth Lee.

Adam Palmer soltou um grito de ódio quando viu Redgrave atirar em Sandy Lee e sua mão estar machucada demais para conseguir pegar outra pistola. Sandy Lee se desequilibrou na cela ao sentir o tiro no ombro e Adam a segurou com a mão livre, ajudando-a. Uma chuva de tiros caiu sob o céu de Justin Bells e Adam deu ordens para partirem. Era um inferno de chumbo e ele segurou as rédeas do cavalo de Sandy Lee e a tirou daquele lugar. Mas antes, seus olhos cruzaram com os de Bob Clarckson.

Eles se odiavam e era um juramento de que se matariam mais cedo ou mais tarde.

— Vamos atrás deles! — Redgrave gritou para Bob.

— Deixe-os ir! — Bob olhou ao redor. Havia uma dezena de corpos espalhados. — Já temos o suficiente e vão precisar de mais alguns dias para se recuperar.

— Se for atrás deles, eles vão matá-lo e o usar como exemplo de vingança! — Beth Lee avisou e gemeu ao cavalgar. Ela pressionava a própria barriga e Bob viu o sangue escorrer pelos dedos dela.

— Aquele bastardo acertou você! — Ele se aproximou do cavalo dela e a ajudou a se equilibrar.

— Não foi nada — respirou fundo.

Sem pedir, ele montou atrás dela. Ela nada fez para impedi-lo, sabia que o ferimento era grave e precisava de ajuda.

— Veja se alguém sobreviveu e leve para Nicholsonbridge! — Bob pediu a Redgrave. — Encontrarei com você na cidade, mais tarde!

Deu meia volta no cavalo e viu Justin Bells e seus filhos saindo da casa com o rifle nas mãos. Bob os cumprimentou com o leve aceno e saiu em disparada com Beth Lee.

Chegaram à casa de Geórgia e a velha senhora abriu a porta com Benjamin no colo e ficou espantada ao ver Bob entrar com Beth Lee nos braços.

— Onde é o quarto? — Ele perguntou.

Ela indicou para ele e Bob entrou, colocando Beth Lee sobre a cama.

Bob ergueu a camisa branca encharcada de sangue e notou que o ferimento era sério. E por causa da debilidade dela nos últimos dias, o risco ainda era maior.

— Vou ter que tirar a bala — avisou apreensivo.

— Sabe fazer isso? — Ela perguntou com a respiração curta e ofegante.

— Sim.

Ela concordou e assentiu.

— No que vocês se meteram? — Geórgia perguntou preocupada balançando Benjamin em seu colo.

— Não se preocupe, Geórgia. — Beth Lee forçou um sorriso. — Eu vou ficar bem.

— Vou cuidar dela. — Bob prometeu.

Geórgia olhou para ele, evitando olhar o sangue.

— Não consigo ajudar — falou aflita. — E tenho que cuidar do bebê!

— Tudo bem, Geórgia. — Bob se levantou e se colocou entre ela e Beth Lee. — Vou cuidar dela muito bem, acredite em mim! E logo, ela estará fora desse quarto.

— Promete? — A senhora hesitou angustiada.

— Alguma vez menti para você?

A mulher fez que não, controlando as lágrimas.

— Então vá e quando tudo terminar, eu a chamarei — prometeu.

— Está bem. — Ela concordou e saiu.

Ele voltou para o lado de Beth Lee e sentou-se na cama. Colocou a mão sobre a ferida e Beth segurou seu pulso.

— Vou morrer, Bob! — Ela o encarou, torturada. — Nós dois sabemos disso!

— Não vai! — falou determinado. — Eu não vou deixar!

A simples ideia de perder Beth Lee de verdade e para sempre, o deixaria louco. Ele daria sua vida pela dela.

— Ouça-me! — Ela exigiu. — Tem que ajudar Sandy Lee!

— O quê? Enlouqueceu? Ela atirou em você!

— Ela não queria fazer isso! — As lágrimas escorriam pelo rosto de Beth Lee. — Somos irmãs, ela jamais tentaria me matar!

Bob não podia acreditar que até mesmo na eminência da morte, Beth Lee

pedia pela irmã traidora.

— Não peça isso! — Ele fez que não. — Ela nos fez muito mal.

— Eu sei... Mas todos merecem uma segunda chance, não é?

Ele ficou ressentido. Ela nunca lhe deu uma segunda chance para consertar o mal que havia feito.

— Fale depois, guarde suas energias, vai precisar dela. Agora tenho que cuidar de você!

Bob saiu a passos largos e voltou com água numa bacia e panos limpos. Não havia muito que fazer, a não ser entregar a garrafa de uísque para ela. Beth Lee tomou um farto gole e depois ele pegou a garrafa para jogar a bebida na ferida. Ela travou os dentes. Ele tirou o canivete do bolso e o queimou na vela acesa.

— Ande com isso, Bob! — Ela exigiu. — Dói como o inferno!

Ele não conteve a risada ao ouvi-la falar de forma tão grosseira. E sabia que a dor poderia ficar pior. Ele se concentrou no que iria fazer e enfiou o canivete na ferida para extrair a bala. Beth Lee agarrou a cabeceira da cama e sentiu o estômago embrulhar e a garganta secar. Seus membros ficaram pesados e a respiração curta.

— Você é muito azarada, Beth Lee. — Bob falou para distraí-la. — Ninguém leva dois tiros num prazo tão curto.

— Então você nunca esteve no Texas... — Ela gemeu travando os dentes para não gritar. — Ande logo!

Ele conseguiu finalmente puxar a bala para fora e o sangue escorreu pela barriga dela.

— Consegui! — Ele falou satisfeito enxugando a testa suada. — A pior parte já passou.

— A pior parte nunca passa — falou com mágoa.

Ele não respondeu, tratou apenas de fechar o ferimento. Quando notou, Beth Lee havia desmaiado. Ele acariciou seu rosto e a ajeitou sobre a cama, antes de limpar tudo. Encontrou Geórgia sentada na saleta:

— Como ela está? — perguntou preocupada.

— Ela está dormindo, agora. Vai precisar de uns dias de descanso para se recuperar — explicou. — Beth Lee não pode se levantar para nada, tem que ficar deitada até que tudo se normalize.

— Eu cuidarei dela. — Geórgia garantiu.

— Ela vai precisar de todos os cuidados — falou preocupado. — E talvez ela tenha febre, vou arranjar alguém para vir até aqui e para lhe ajudar com Beth Lee e a criança.

Geórgia olhou para o berço que havia na sala e onde o bebê repousava tranquilamente, sem ter ideia do que havia acontecido a mãe dele, era um ser inocente demais.

— Você o olharia para mim alguns instantes? — Geórgia perguntou. — Eu gostaria de dar uma olhada em Beth Lee.

— Claro. — Bob concordou.

— Obrigada. — Ela sorriu satisfeita e saiu em direção ao quarto.

Bob terminou de limpar as mãos e foi se aproximando do berço bem devagar. Apesar da mágoa que sentia por Beth Lee ter seguido com sua vida e ter se tornado mãe, Benjamin era o ser mais inocente nisso tudo. O menino de cabelos loiros era uma das crianças mais lindas que Robert já vira, tinha as bochechas gordinhas e rosadas, e era bem grande para um bebê da sua idade.

Ele dormia profundamente, em sua inocência. Esperava que Beth Lee resolvesse aquele problema com o Bando da Morte e fosse uma boa mãe para o menino. Perguntou-se quem seria o pai e se ele teria contato com o garoto? Seria tal homem um fora-da-lei? Estariam casados? Esse pensamento o deixou irritado.

Aquilo tudo o incomodava profundamente. Soltou o ar dos pulmões e acariciou o rosto do bebê que resmungou e abriu os olhos profundamente azuis. Porém, não era pequeninos como os de Beth Lee. Eram grandes e de um azul profundo e escuro. Benjamin começou a chorar e ele esperou que Geórgia surgisse, mas nem sinal da senhora.

Não podia deixar o garotinho ali, chorando e não fazer nada. Bob o pegou no colo e começou a balançá-lo.

— Calma, Benjamin. Está tudo bem...

O garotinho foi acalmando e se afastou para encará-lo.

Os olhos de Benjamin eram grandes, e Bob conhecia aqueles olhos de algum lugar.

Forçou a memória, tentando se lembrar de onde e então seu sangue gelou.

Robert sabia quem era o pai de Benjamin.

Capítulo XIII

Bob saiu da casa de Geórgia quando os primeiros sinais da febre já assolavam Beth Lee. O unguento preparado pela índia estava em suas coisas, na pensão, e ele tinha que voltar a Nicholsonbridge para buscá-lo, falar com Redgrave e se reportar aos seus superiores sobre o que havia acontecido. Além disso, ele necessitava se adiantar ao Bando da Morte e saber se eles voltariam a atacar Justin Bells ou qualquer outro rancho na região. Entretanto, com Beth Lee doente e impossibilitada de sair da casa, seria impossível que ela o ajudasse. Ele teria que contar com a sorte e com sua experiência perseguindo criminosos.

— Não sobreviveu ninguém. — O xerife Coleman o informou.

Robert ergueu o chapéu e coçou a cabeça.

— Isso é estranho, xerife. Eu mesmo vi uma meia dúzia ainda com vida antes de sair de lá.

— Redgrave esteve aqui, disse que todos estavam mortos e fomos averiguar e estavam realmente — explicou.

Bob sentiu que havia algo errado e forçou um sorriso de satisfação.

— Eu devo ter me enganado — assegurou.

— Provavelmente. — Coleman concordou.

— Vou enviar um telegrama aos meus superiores — acenou com o chapéu e se retirou.

Robert enviou uma mensagem. Entrou em contato com seu cunhado, Dawson, a única pessoa que podia confiar naquele momento delicado, quando não podia acreditar em ninguém. Depois pegou suas coisas na pensão e saiu à procura de Redgrave, já que o Texas Ranger também já havia deixado o quarto que ocupava. Sinal que estava pronto para partir. Depressa demais para um homem que enfrentara o Bando da Morte. Era óbvio que Redgrave não tinha intenção de segui-los.

Bob o encontrou no saloon, estava acompanhado de uma prostituta. Eles riam um para o outro, prontos para subirem ao quarto. Ao ver Bob, o sorriso sumiu do rosto de Redgrave.

— Clarckson! — fingiu surpresa. — Por que não vai pegar uma bebida para nós, meu docinho? — pediu à moça que se afastou. Ele olhou para Bob. — Como está sua garota? Pensei que fosse vê-lo apenas amanhã!

Bob o fitou de soslaio e encostou-se de costas no balcão, apoiando os cotovelos. Na verdade, tinha a impressão que Redgrave ia partir sem falar com ele.

— Ela não é minha garota! — respondeu mal-humorado.

— Ok. — Redgrave riu e bebeu do seu uísque. — Eu não sei o que há entre vocês e não vou me meter. Deveria ter uma noite com essas meninas, é bom para relaxar — aconselhou.

Bob nem se deu ao trabalho de responder. Ele não precisava de distração naquele momento, ele necessitava de respostas.

— Pelo menos, ela se mostrou audaciosa, me surpreendeu quando atirou na própria irmã!

Bob sentiu o sangue gelar. Não havia comentado com Redgrave sobre Beth Lee ser irmã de Sandy Lee. Como ele sabia? De repente as coisas começaram a se encaixar para ele: Redgrave encontrá-lo na cabana, seguiu-o, as mortes dos criminosos nas terras de Bells, quando era apenas para serem presos. Redgrave estava apagando rastros e no encalço de Bob. Talvez o motivo fosse mais óbvio do que Bob esperava e o Texas Ranger estivesse ali para impedi-lo de prender o Bando da Morte e descobrir a verdade sobre Alan Joyce e sua família.

— Ela é confiável. — Bob falou com frieza, controlando o impulso de atirar em Redgrave.

— Sim, ao que parece. — Ele encolheu os ombros. — Mas eu estava pensando. Sandy Lee e sua irmã não são de Crescentfalls, a mesma cidade que você?

— São. — Ele não mentiu. — E o que isso tem a ver com a situação?

— Por isso a conhece e confia nela. — Ele deduziu.

— Pode ser... — respondeu evasivo.

— E o que há mais por trás disso? — Redgrave o encarou. — Por que ela sabia exatamente o que aconteceria? Quem é o informante dela?

— O fato de ela perseguir a irmã não faz desta história um grande mistério. — Bob voltou-se para ele. — Está criando fantasias em sua cabeça. Ela só quer se vingar da irmã que a prejudicou no passado.

Redgrave deu um sorriso sarcástico:

— Quer que eu acredite que esta mulher prende mais homens que os Rangers apenas porque quer se vingar da irmã?

Bob sabia que não havia como enganar ninguém com aquela história. E ele sabia exatamente onde aquilo tudo ia dar.

— Acredite no que quiser. — Robert devolveu impassível.

Um clima pesado se instalou entre eles.

— O seu trabalho é defender o Estado e pessoas inocentes. — Redgrave o lembrou.

— E o seu também. — Bob o enfrentou e levou as mãos aos quadris. — E não ficar matando testemunhas.

Eles se encararam friamente e Redgrave respirou profundamente.

— Clarckson, acredito que estamos com um grande problema...

— E qual seria?

Redgrave tinha uma arma apontada para Bob.

— Não faça alarde se não quiser um tiroteio dentro desse saloon e mais inocentes morrendo — ameaçou. — Vire-se, siga até seu cavalo e monte, nós vamos dar uma volta.

Bob olhou para a arma e encarou Redgrave. Podia desarmá-lo, mas havia dois motivos que o impediam de fazer isso: primeiro pelas pessoas em volta e o risco de algum inocente sair machucado e ele sabia que Redgrave atiraria em qualquer um para sair ileso. E segundo, porque queria saber até onde o Texas Ranger estava envolvido naquele esquema.

Sabia que o colega de trabalho era um miserável, mas não imaginou que ele estaria tão desesperado, a ponto de deixar a máscara de bom moço cair tão depressa. Bob se virou e andou tranquilamente. Ninguém notou o que estava acontecendo e os cowboys saíram sob o sol que se punha no horizonte. Bob montou em seu cavalo, sabendo que tinha uma arma apontada para suas costas e Redgrave não hesitaria em usá-la.

— Agora, vamos para o rancho da velha London. — Redgrave ordenou. — E sem gracinhas, Clarckson. Não quero enfiar um tiro bem no meio das suas costas.

Bob respirou fundo e saiu devagar, sem pressa. Precisava ganhar tempo e informações enquanto se dirigiam para o rancho. Beth Lee estava convalescente, ela nada poderia fazer para ajudá-lo, ele mesmo teria que acabar com Redgrave.

— Então, você trabalha para o outro lado? — Bob perguntou por cima do ombro.

Redgrave estava bem atrás dele, com a arma em punho.

— Chame como quiser. — Redgrave respondeu. — Fui enviado para acabar com sua festa, Clarckson. Era para matar o grupo todo, mas os Sioux fizeram o serviço para mim de graça — debochou. — Pena que sua namoradinha estragou tudo salvando sua vida!

— E por quê? — Bob quis saber.

— Estavam chegando perto demais, e não é isso que nós queremos.

— Nós quem?

— Não se faça de tolo, você sabe quem comanda tudo isso...

Bob olhou para trás e o fitou:

— General Joyce?

Redgrave sorriu mordaz:

— Você é muito inteligente, Clarckson. Vai ser uma perda para o Texas Rangers.

Bob balançou a cabeça e olhou para frente:

— E o que você ganha com isso, Redgrave? — Bob debochou. — Apenas algumas migalhas perto do que Joyce tem lucrado?

— Fala isso porque sempre viveu em berço de ouro, maldito! — Redgrave cuspiu de lado. — Não sabe o quanto pode valer uma fortuna para um homem que nunca teve nada.

— Não pode valer mais do que sua honra! — devolveu.

— Honra não faz ninguém sobreviver nessa terra de ninguém! Agora, cale a boca, antes que eu perca minha paciência e te mate aqui mesmo!

— E o que vai fazer quando chegar ao rancho?

— O óbvio, matar você, aquela vagabunda e a velha louca que mora naquele lugar! Mais uma terra que Joyce vai conquistar sem muito esforço. — Ele escarneceu.

Bob sentiu o sangue ferver e respirou fundo para não fazer nada precipitado. Logo, chegaram ao rancho e ele desmontou. Redgrave também.

— Jogue suas armas, longe! — Redgrave ordenou se aproximando dele.

Bob tocou as coronhas de seus revólveres sem tirar os olhos de Redgrave. Pegou-os e os jogou no chão de terra seca.

— Para dentro!

Bob ainda não tinha nenhum plano, mas sabia que na primeira oportunidade desarmaria Redgrave. Não havia escolha.

— Quem mais está nisso? — Bob quis saber.

— Ninguém. Não se pode confiar em muita gente, ainda mais numa corporação cheia de homens honrados — zombou. — Apenas eu trabalho para Joyce.

Bob parou diante da porta. Não podia deixá-lo entrar, precisava desarmá-lo ali mesmo. Pensou em Beth Lee, em Geórgia e no bebê. Precisava protegê-los.

— Abra a porta! — Redgrave mandou. — E sem gracinhas!

O que houve em seguida foi muito rápido, embora os envolvidos tivessem a impressão que tudo ocorrera bem devagar. Robert abriu a porta e seus olhos azuis se arregalaram ao se deparar com Geórgia segurando uma espingarda de cano duplo. Bob se abaixou no mesmo instante em que ela deu o tiro e acertou bem no meio do peito de Redgrave e ele foi jogado para trás.

Bob se ergueu ofegante e olhou para a senhora:

— Não gosto de forasteiros! — Ela justificou sua atitude. — E ele estava apontando uma arma para você!

— Estou vendo. — Bob deu uma risada de alívio. Aproximou de Redgrave e chutou a arma que ele segurava para longe. O homem estava com o olho esbugalhado e bem morto. As balas haviam atravessado seu peito e feito um belo estrago.

Geórgia se aproximou e olhou para o homem e fez sinal da cruz.

— Deus me perdoe, mas eu não tive alternativa.

Bob a olhou:

— Fique tranquila, ele estava disposto a matar todos nós — contou.

— Lucius costumava caçar búfalos com essa espingarda, achei que era melhor usá-la e ter certeza que esse daí não ia causar problemas — explicou e respirou fundo. — Acho que preciso de uma dose de uísque.

Bob deu uma risada.

— Acredito que pode servir para nós dois. — Bob a seguiu para dentro da casa. — E como está Beth Lee?

— Ela está com muita febre, a ferida está infeccionada — pegou dois copos e abriu a garrafa sem rótulo e serviu para os dois.

Bob aceitou o copo e bebeu de uma vez, fazendo uma careta. O gosto era bem forte.

— Guardo essa bebida para momentos como esse.

— Imagino que há sempre forasteiros por aqui... — observou mais tranquilo.

— Sempre.

Bob olhou para a porta aberta.

— Você tem uma carroça? — Ele quis saber.

— Tenho, mas não uso faz tempo.

— Vou dar uma olhada e ver se precisa de reparos e usar o meu cavalo e de Beth Lee para puxá-la.

— Pretende ir a algum lugar?

— Nós vamos. — Ele determinou. — Arrume suas coisas, Geórgia, não pode mais ficar aqui, por enquanto. É arriscado, o Bando da Morte está na região e um dos alvos é o seu rancho.

— E para onde eu iria? Há o bebê e Beth Lee...

— Para a minha casa, em Shepherd, vamos voltar para Crescentfalls.

— Beth Lee não vai gostar disso. — Ela o precaveu.

— Ela não tem que gostar de nada e nem está em condições de decidir. Faço isso por você e pelo bebê — avisou. — Agora arrume tudo, vou preparar nossa partida.

— E o que vai fazer com o corpo?

— Vou levá-lo para Nicholsonbridge e eles saberão o que fazer com ele — informou. — Partimos esta noite mesmo.

— Obrigada, Bob. — Ela agradeceu aliviada.

Ele forçou um sorriso e foi fazer seu trabalho e mandar um telegrama para casa, avisando que estava voltando.

Capítulo XIV

Adam Palmer se apaixonou por Sandy Lee desde a primeira vez em que a viu. Eram crianças e ele já gostava de ficar perto dela, adorava o jeito agressivo com o qual ela tratava as outras crianças, sempre se impondo, não permitindo que ninguém a tratasse com descaso apenas porque era uma menina. Não era delicada, porém, era bonita com aqueles cabelos loiros e os olhos azuis que o perseguiram onde quer que fosse.

Quando já adolescentes, Adam tomou coragem e roubou um beijo de Sandy Lee. Foi a melhor sensação da sua vida. Ela tinha um gosto do perigo, do proibido e correspondeu com paixão. Ficou nítido que ele não era o primeiro que a beijava, mas Palmer pouco se importava, ela era sua, sempre seria.

— Vou me casar com você, Sandy Lee. — Ele falou determinado depois de beijá-la. — Eu te amo.

Ela começou a rir de repente. Adam franziu o cenho sem compreender o que havia feito de errado. Afinal, sabia que ela também gostava dele.

— Do que está rindo? Disse alguma coisa engraçada?

— Não vamos nos casar! — Ela o empurrou.

— Claro que vamos. — Ele a segurou com firmeza pelos braços.

— Somente se formos muito burros, afinal, somos dois pobres! — Ela falou e ele ficou decepcionado. Sandy Lee o segurou pelo rosto e o obrigou a encará-la. — Temos que ser espertos. — Ela o abraçou e esfregou seu corpo no dele acendendo o desejo lascivo de Adam. — A gente tem que se casar e ter dinheiro!

— Dinheiro não é tudo! — Ele afirmou. — Posso trabalhar, meu pai tem um rancho, posso lhe dar uma vida melhor, Sandy Lee.

Ela se afastou dele decepcionada:

— Talvez o seu melhor não seja o mais perfeito para mim. — Ela o fitou com desprezo. — Não nasci para ser a mulher de um rancheiro, Adam! Quero mais, eu mereço o melhor dessa vida e tenho certeza que não é sendo esposa de um homem que tem que suar para ter dinheiro.

Adam a viu se afastar e seu coração se encolheu. Amava aquela garota com loucura e faria qualquer coisa para tê-la. *Qualquer coisa*. Quando ela começou a namorar Frank Wilson, ele soube que tinha que fazer algo para não a

perder e comentou com Timothy Clarkson sobre seus problemas: precisava ficar rico logo para ter Sandy Lee apenas para si.

— Tenho um negócio que talvez lhe interesse. — Tim deu um sorriso maldoso.

— Qualquer coisa, parceiro.

— Gado. — Tim disse.

— Não tenho dinheiro para investir em gado.

— Não. — Tim se aproximou dele para sussurrar. — Estou falando de roubar o gado de Shepherd.

— Roubar? — Ele franziu o cenho. Nunca havia precisado roubar na vida.

Tim encolheu os ombros:

— Dinheiro fácil. — Tim explicou. — E seguro. Tenho feito isso há algum tempo e Clay Pearl tem me ajudado. Você pode ajudar também e ficar com parte do lucro.

Adam estava surpreso com o fato de Tim roubar o próprio pai. Eram a família mais rica de todo o sul do Texas, não precisava fazer isso.

— Eles nunca vão pegar a gente. — Tim garantiu. — Eu controlo as rondas, sei exatamente onde mandar os homens e onde vai estar o gado que podemos pegar. Meu pai confia em mim cegamente.

Como havia segurança, Adam se interessou.

— E como faz para vender? — Adam quis saber.

— Já ouviu falar no General Joyce?

O queixo de Adam caiu. General Alan Joyce era um homem importante na história dos Estados Unidos.

— Ele odeia o meu pai. — Tim riu debochado. — Tem algo a ver com o fato de Joyce ter sido apaixonado por minha mãe e meu pai ter sido casado com ela... Então, o tomou como seu inimigo e tem um grande prazer em comprar o gado que roubo e ele paga bem.

Adam hesitou. Roubar não parecia um bom negócio, mas se lembrou de Sandy Lee e se a única forma de tê-la era ficando rico, então, ele faria.

— Está bem — concordou. — Se isso nos dá dinheiro, eu vou participar.

Ele participou e o dinheiro fácil começou a entrar em seu bolso. Não precisava ficar mais se matando de trabalhar no rancho, nem se humilhando para

fazer negócios com o arrogante John Clarckson. A vida deles melhorou e ele pôde comprar o primeiro presente para Sandy Lee, um brinco de ouro, em sua viagem para San Antonio.

Quando ela viu o presente, seus olhos brilharam de emoção e isso o deixou realizado. Ver Sandy Lee feliz era a melhor coisa do mundo, não havia como nominar o prazer que lhe causava. Roubaria a lua, se ela pedisse.

— O que você quer, Palmer? — Ela perguntou com desdém quando entrou em seu quarto e o viu esperando por ela.

Uma moça decente deveria gritar e pedir ajuda. Mas Sandy Lee era esperta e sabia que se abrisse a boca, teria que dar explicações sobre Adam Palmer e já falavam dela na cidade, por ser a mais bonita das moças e os homens caírem aos seus pés. Além disso, tê-lo como seu aliado apaixonado era vantajoso, ela tinha planos para ele.

— O que quer? — perguntou de mau humor.

Ele a puxou para si e a beijou de forma ardente, apaixonado. Precisava de Sandy Lee como jamais precisou de alguém em sua vida. Ele se afastou, pegou a caixa de veludo e entregou para ela. Sandy Lee o fitou desconfiada e abriu a caixa, não esperando muita coisa.

— Como? — Ela perguntou fascinada pelo brilho do ouro. — É muito caro, Adam! Como conseguiu isso? — Ela exigiu saber.

— Estou roubando gado junto de Tim Clarckson — contou a ela.

Ela o fitou, chocada:

— Roubando gado?

— Fique tranquila — garantiu. — Nunca seremos pegos, Tim sabe exatamente onde deixar as reses para que roubemos e o comprador é o maior inimigo do pai dele.

— Vocês são loucos! — Ela riu fascinada.

— É o dinheiro mais fácil que já ganhei na vida, Sandy Lee, e logo estaremos ricos! E poderemos nos casar...

Ela fez que não.

— Já lhe disse, vou me casar com Frank e me tornar uma viúva rica!

— Não precisa fazer isso! — reclamou contrariado.

— Não me diga o que fazer, Adam. — Ela fez que não. — Não pode controlar meu desejo de ser muito rica! Tão rica quanto os Clarckson!

— E seremos!

— Se você fizer como planejei seremos mais ricos que eles — sorriu maliciosa. — E você vai me ajudar com mais uma coisinha!

Ele revirou os olhos impaciente:

— O que quer agora, Sandy Lee?

Ela notou que ele estava no limite por agradá-la tanto e ela nunca ceder. Precisava agir para não o perder. Homens cegamente apaixonados como Palmer eram difíceis de encontrar.

— Eu quero isso... — E o beijou de forma apaixonada.

Ele devolveu o beijo com ardor e ela sentiu o fogo do desejo queimar em seu peito. Apesar de não o amar, Adam Palmer era um homem que sabia como fazer uma mulher se sentir almejada e querida. Ela pensou em tudo que poderia conquistar ao seu lado, em tudo que ele poderia lhe proporcionar e aceitou o fato de que provavelmente ele fosse o homem certo para ela.

— Quero ser sua... — murmurou contra os lábios dele.

Adam ficou surpreso:

— Sandy Lee... — Ele não sabia o que dizer. — Pensei que quisesse esperar.

— Se eu esperar, terei que me deitar primeiro com Frank e ele é nojento, Adam. — Ela esfregou seu corpo ao dele desesperada. — Faça-me sua, por favor.

Ele a beijou novamente e a tomou para si, em cima da cama de solteiro, enquanto os pais dela caminhavam no andar de baixo, a irmã bordava no quarto ao lado e os hóspedes transitavam pela pensão. Foi pecaminoso, deliciosa a forma como Adam tocava seu corpo, beijava sua pele e a levava a loucura. De todas as coisas na vida, ela sabia que nenhum outro homem a faria se sentir assim. Mas era egoísta demais para ter uma vida simples cheia de amor. Ela queria luxo, conforto, ela queria muito mais... E poderia ter isso ao lado dele, mas do seu jeito.

Depois que Adam partiu, ela estava tão feliz que não cabia em si. Desceu as escadas para jantar se sentindo plena. Entretanto, sua alegria desapareceu quando ela se deparou com Robert Stanford e a irmã sentados na sala da pensão, rindo felizes, como se o mundo deles fosse a coisa mais importante. E Sandy Lee odiou isso.

Aliás, odiava Beth Lee com todas as suas forças. Ela era a criança com quem teve que dividir a atenção dos pais. Beth Lee era bonita como uma boneca de porcelana e seus cabelos cor de fogo. As pessoas paravam na rua para olhá-la

e admirar sua beleza e sua candura. Era uma menina meiga e carinhosa, tratava a todos com respeito e atenção, era incapaz de dizer uma palavra fora do lugar, enfim, era a filha perfeita. E Sandy Lee a abominava cada vez que ouvia os pais elogiar a irmã por suas conquistas tão pequenas e ridículas, mas que parecia o maior evento do ano.

Tudo de Beth Lee era melhor, mais bem feito e enaltecido. O mesmo vestido caía melhor no corpo esbelto de sua irmã, a mesma fita de cabelo parecia uma coroa de rainha nos cabelos de Beth Lee. Sandy Lee encarou a rejeição que apenas ela enxergava, como uma afronta e declarou sua irmã sua maior inimiga. E quando ela começou a namorar Robert Stanford, um dos herdeiros de Shepherd, o ódio aumentou. Beth Lee seria uma senhora rica sem nenhum esforço e a paixão que Robert lhe devotava, enfurecia Sandy Lee.

Várias vezes, ela se insinuou para Bob, mas a única coisa que conseguiu foi um olhar frio e indiferente. Notou que os Clarckson não eram muito suscetíveis ao seu charme, inclusive, Tim Clarckson, que embora fosse um traidor e roubasse a própria família, riu dela quando ela se insinuou para ele:

— Desculpe-me, querida, mas não tenho interesse algum de brigar com Adam Palmer por sua causa...

E a deixou sozinha, desprezando-a. Por causa disso, ela detestava mais Beth Lee. Notava como os homens a admiravam, como se ela fosse a mulher certa para casar, enquanto Sandy Lee era ninguém. Então, depois de ver a felicidade da irmã, fez um pedido a Adam:

— Seduza Beth Lee — pediu depois de fazerem amor. Os homens não conseguiam raciocinar direito depois de ter um bom orgasmo e Sandy Lee sabia dominar Adam na cama. — Separe-a de Robert Clarckson, se case com ela e eu mesma me certificarei que você será um jovem viúvo — prometeu.

E ele fez.

A ideia de se vingar de Robert Clarckson era um alento para o ego de Adam Palmer. Eles nunca se deram bem e aquela oportunidade o faria mostrar o quanto era superior a Robert. Mas Beth Lee o rechaçou. Não uma única vez, mas várias e toda ocasião que ele tentava se aproximar, ela se mostrava mais arisca com ele.

Até que resolveu apelar e numa tarde, quando ela saía da venda do senhor Pearl, Adam se adiantou e tomou as sacolas pesadas da mão dela, mesmo contra sua vontade e atravessou a rua ajudando-a. Beth Lee tentou se esquivar de todas as formas, mas ele ficou na porta da Pensão de Malick, falando com ela, a impedindo de entrar, se assegurando que as fofoqueiras de plantão contariam a

Robert Clarckson que ele estava segurando no braço de Beth Lee de forma muito íntima.

E o resultado foi positivo.

Quando Bob soube do acontecido, não falou mais com Beth Lee, sequer voltou a visitá-la e ela soube através de Sandy Lee os motivos do rompimento. Foi a chance de Adam pedir Beth Lee em namoro para Malick, mas ele não aceitou até que a situação da filha estivesse esclarecida com Robert. Palmer investiu de todas as formas, até que um dia, Bob lhe deu uma surra no Bar dos Rancheiros, o deixando desacordado.

— Nunca mais mexa com a minha mulher! – Bob gritou e os homens o tiraram de cima de Adam.

No dia seguinte, Adam pressionou Malick a aceitar seu pedido de casamento e o velho acolheu. Mas Beth Lee não e, pela primeira vez, ele a viu de uma forma inesperada: com raiva, selvagem.

— Eu não quero você! — Ela disse com todas as letras. — Eu amo Robert e nada vai mudar isso, entendeu? E se me obrigar a casar com você, eu o abandonarei no altar! Prefiro a morte a ter que me casar com um homem nojento e sem escrúpulos como você! Acha que não sei sobre seus encontros com Sandy Lee? — Ela o enfrentou. — Não vai me separar de Robert para agradar minha irmã! Entendeu? — gritou. — Não vou contar nada a ninguém em respeito aos meus pais, mas se continuar com essa história louca de se casar comigo, eu juro por minha honra, Adam Palmer, que a cidade toda saberá sobre as cartas que Sandy Lee recebe de um tal de General Joyce, recheada de dólares em seu nome!

Ele ficou pálido, lívido. Não conseguiu esboçar qualquer reação. Pensou em contar aos outros o que ela dissera, mas não houve tempo.

Beth Lee e Bob fizeram as pazes e, em seguida, Tim contou à família que era ele o ladrão de gado e entregou todos seus comparsas. Adam teve que fugir, mas Bradford Dawson o capturou e tudo ficou às claras, inclusive, o envolvimento de Sandy Lee. Tentou assumir a culpa, mas sua mãe entregou Sandy Lee para os Clarckson quando ela esteve em seu rancho.

Na prisão, em San Antonio, receberam a visita do General Joyce e sua secretária.

Então, aceitaram a proposta de atacar alguns ranchos para ajudar Joyce a comprá-los. No começo, eram apenas ameaças e os rancheiros assinavam o documento de venda sem receber um centavo em troca. Até que um deles resistiu e atirou contra Adam e errou. Adam se defendeu e matou o homem. Acabou matando a família toda para que não fossem testemunhas.

No ataque seguinte, o dono do rancho o enfrentou e Adam atirou contra ele e matar começou a ser uma consequência fácil de seus atos e sua fama cresceu entre os criminosos. Ele passou a matar qualquer um que o enfrentasse, o veneno do poder começou a corroer o restante do caráter que ele possuía.

Porém, isto assustou Sandy Lee. De repente, ela se viu envolvida em um mar de sangue, do qual não conseguia sair. Aquele não era o Adam que era apaixonado por ela, mas um homem sem alma, capaz de enforçar crianças, estuprar mulheres, torturar velhos. Tentou fugir, mas ele a caçou e a trouxe de volta e Joyce mandou matar seu pai como castigo pela fuga.

Estava presa naquela vida. Não havia como escapar, mas podia entregá-los.

Então escreveu para a irmã pedindo ajuda.

E agora, Sandy Lee estava sangrando, depois de levar um tiro do Ranger. Era para ser um fingimento o confronto entre elas, mas Palmer também atirou em Beth Lee. Temeu que a irmã estivesse morta, porque Sandy Lee queria estar. Depois de evadirem das terras de Bells, foram para a casa de um médico, que sempre salvava os membros do Bando da Morte. Adam perdeu a mão direita, o médico teve que amputá-la. E Sandy Lee teve o azar de sobreviver, o tiro fora de raspão e o estrago pequeno. *Maldito Ranger por ter uma mira tão ruim!* Pensou com raiva ao acordar.

Viu Adam deitado em uma cama perto da sua, desacordado.

— Como ele está, doutor? — Ela perguntou ao médico.

— Vai sobreviver...

Infelizmente, ela pensou com pesar. Adam estava deitado na maca, pálido. Seu estômago embrulhou ao ver o curativo no início do braço. Nem isso o pararia, Adam sabia atirar com as duas mãos. A culpa não era dele, ela tinha consciência disso. A culpa era toda dela. Sua ganância e inveja a levaram até ali, mas estava cansada. O preço que estava pagando por seus erros era alto demais e ela já não aguentava.

— Sabe usar uma seringa? — O médico quis saber.

Não sabia exatamente, mas já tinha visto antes.

— Sim.

— Seu marido vai sentir muita dor, pode aplicar esse remédio nele — mostrou o frasco. — Mas não pode ser muito, se fizer isso, ele pode morrer, então, tem que ter cuidado...

Ela não ouviu mais nenhuma palavra do que o médico dissera. Pensou

apenas na oportunidade que a vida lhe dava de se livrar de Adam e desaparecer no mundo. O médico dissera *marido*. Tantas vezes sonhou com um casamento esplendoroso, uma vida de rainha, e acabou condenada, uma fora-da-lei, vivendo uma vida miserável, sem direito a nada. Nem a misericórdia de Deus. Estava atrelada a um homem sem alma, sem compaixão.

Esperou o médico sair e olhou para o frasco e sem pensar duas vezes, aplicou todo o conteúdo em Adam... Ela o viu gemer, mas não acordou. Não ficou ali para vê-lo parar de respirar, pegou suas armas e fugiu.

Desta vez, ele não ia impedi-la. Tinha certeza que fizera um favor à humanidade se livrando de Adam Palmer para sempre. Ninguém morreria de forma covarde pelas mãos daquele homem novamente. Parou no batente da porta e ainda olhou para ele. Estava inerte. Morto. Não havia porque se culpar, embora se sentisse péssima por ter agido daquela forma.

Mas era a redenção por todos os erros que cometera. Colocara um fim no seu sofrimento e de muitos.

Estava livre, havia acabado.

Partiu sem olhar para trás uma segunda vez.

Capítulo XV

Beth Lee podia jurar que sentiu o aroma de pão misturado ao delicioso cheiro de flores. Espreguiçou no colchão macio e sentiu o corpo dolorido, era como se tivesse sido atropelada por uma manada de búfalos. A mesma sensação de dias atrás. Ela levava dois tiros em menos de dois dias. Esse era mais do que azar, entretanto, estava viva e podia contar isso como sorte.

Mexeu na cama e se virou, abrindo os olhos devagar para que ele se acostumassem com a claridade da luz do sol, que penetrava pela cortina branca e bordada. Como um *déjà vu*, se sentiu no quarto da casa dos Clarckson como há anos. Com dificuldade, sentou-se e gemeu um pouco ao sentir a cabeça girar e o corpo fraco. Olhou ao redor e viu que não estava na casa de Geórgia. Entretanto, ela conhecia aqueles móveis rústicos de madeira escura, o quadro com a pintura de cavalos na parede. Seu coração bateu apressado ao constatar que já estivera ali antes: estava em Shepherd.

A porta foi aberta e Geórgia e tia Caroline entraram e se surpreenderam ao vê-la acordada.

— Beth Lee. — Geórgia foi até ela e segurou sua mão, enquanto Caroline parou aos pés da cama e a fitava com carinho.

— Como se sente, querida? — A voz dela soou suave.

Caroline havia envelhecido naqueles dois anos que Beth Lee não a viu. Os cabelos loiros estavam mais grisalhos e ela emagrecera. Beth Lee sempre gostara dela, e sentia muito por seu sofrimento ao ter perdido John Clarckson com tão pouco tempo de casados.

— Estou cansada. — Beth Lee respondeu sem conseguir sorrir. — Como vim parar aqui?

— Bob nos trouxe. — Geórgia explicou. — Foi necessário. O Bando da Morte ia atacar meu rancho e o outro Ranger tentou matar Bob.

— Redgrave? — Ela ficou surpresa. Não havia gostado dele, mas não imaginou que ele seria um canalha e trabalharia para Joyce.

— Ele mesmo! Mas eu dei um tiro bem no meio do peito dele! — Geórgia contou orgulhosa de seu feito.

Beth Lee finalmente sorriu.

— Você foi muito corajosa!

— Eu sei — riu nervosa.

Beth Lee olhou ao redor.

— Onde está Benjamin? — perguntou aflita.

— Nesse momento, passeando com Bob pela fazenda. — Caroline sorriu.
— Ele é um menino muito bonito.

Beth Lee ficou nervosa, temia pela vida do menino.

— Pode trazê-lo para mim? — pediu ansiosa. — Sinto falta dele!

— Claro! — Caroline concordou. — Com licença. — E saiu para buscar o menino.

— E onde estão minhas roupas? — Ela quis saber. — Eu preciso ir!

— Não. — Geórgia a segurou pelos ombros e delicadamente a empurrou de volta. — Você está viva por um milagre, mocinha, e não vou deixá-la sair até o médico vê-la e confirmar que está bem.

Beth Lee a fitou, irritada.

— Não posso ficar aqui, tenho muito que fazer...

— Sei que tem sua vida, meu bem, mas você está há dez dias nessa cama e não tem condições de voltar para sua vida agitada. — Geórgia explicou sabiamente. — Precisa se recuperar primeiro, ou se forçar, morrerá desta vez.

— Dez dias? — perguntou aflita. — É tempo demais! — reclamou preocupada.

— Você esteve entre a vida e a morte — contou. — Pensamos que íamos perdê-la. Tem que se cuidar, afinal, o que será de Benjamin sem você?

Ela suspirou pesadamente e voltou a se recostar nos travesseiros. Fechou os olhos e pensou no garotinho que amava mais do que a si mesma. Geórgia tinha razão, ela precisava se cuidar para ir atrás do Bando da Morte e garantir que Benjamin ficasse bem.

— Não queria causar transtorno — abriu os olhos e lamentou por estar em Shepherd e conseqüentemente em Crescentfalls, o lugar que jurou nunca mais colocar os pés.

— Duvido que os Clarckson a veja como um peso — comentou. — Eles têm um grande carinho por você! Bob ficou com você aqui, o tempo todo. Cuidou de Benjamin como se fosse filho dele... Ele é um bom homem, Beth Lee. Tão honrado quanto o pai dele foi.

Ela não queria ver Bob como um anjo da guarda, mas ele salvou sua vida e ainda estava cuidando de Benjamin com carinho, mesmo magoado com ela.

Sim, ele era um homem honrado e ela não conseguia odiá-lo por isso. Embora, nos últimos dias eles viessem caminhando sobre a linha tênue do amor e o ódio.

— Mesmo assim, não posso ficar aqui muito tempo.

Geórgia acariciou o rosto dela.

— Sua irmã sabe se cuidar. Sandy Lee traçou o próprio caminho e você não é responsável por isso.

— Eu sei — olhou para Geórgia angustiada. — É mais complicado do que imagina.

— E você está afastada há dez dias, e ela segue viva. Sua irmã pode esperar. E se você tem amor à própria vida e aos que a cerca, cuide-se e fique bem. — Geórgia ficou séria. — Adam Palmer atirou para matá-la, ele não foi bonzinho com você!

— Ele nunca seria, não é? — pensou por um instante.

— Não. Ele é um homem ruim e vai carregar todos que o cerca para o inferno!

Ela sentiu pela irmã e teve que conter as lágrimas com força. Não queria chorar. Não era mais aquela garota sentimental e fraca que fora um dia. Transformara-se em uma mulher forte, agressiva, disposta a tudo para salvar a irmã do caminho em que ela se metera e não seria por estar ali em Crescentfalls, que mudaria de ideia. Assim que estivesse bem, voltaria à ativa. Deixaria Benjamin com Geórgia, como fizera desde o nascimento dele e seguiria caçando o Bando da Morte, até que eles fossem presos e aquela loucura acabasse.

A porta foi aberta outra vez e para sua surpresa, Bob surgiu com Benjamin no colo. Era estranho ver o menino junto de Bob, nunca em sua vida imaginou que seria possível ser expectadora daquela cena. Seu peito se encheu de emoção e ela sabia que estava prestes a perder o controle de seus sentimentos tão bem dominados e escondidos desde que jurou odiar os Clarckson por toda sua vida.

Estar naquele quarto onde tudo começara entre eles, lhe trazia tantas lembranças saudosas de um passado cheio de amor e paixão. Ela se sentia sufocada. Não queria que eles a tratassem bem, todo aquele sentimento de bem-estar não estava facilitando as coisas para ela.

Ao vê-la, Benjamin gritou *mamá* e Bob teve que segurá-lo com firmeza para que não caísse de seu colo. Ele se aproximou da cama, o olhar penetrante, até entregá-lo nos braços estendidos de Beth Lee.

— Meu amor... — Ela o entupiu de beijos e o menino ria, puxando seus

cabelos, passando as mãos gordinhas por seu rosto. — Senti saudades...

— Ele sentiu mais. — Geórgia garantiu. — Tínhamos que trazê-lo aqui todos os dias para vê-la, de modo que ele não ficasse doente. Ainda mais porque estávamos em um lugar completamente diferente do que ele está habituado.

— Mas ele foi muito bem tratado. — Bob avisou. — Jeremiah se apegou a ele e toda a tarde o leva para dar uma volta a cavalo.

Beth Lee não conteve o sorriso.

— Você andou a cavalo, meu bem? — Ela brincou com as mãos dele. — Gostou?

— *Avalo, pocotó.* — O garoto balbuciou.

— Isso. — Ela riu emocionada, por vê-lo bem e saudável. Os Clarckson cuidaram muito bem dele. — Obrigada. — Ela disse a Bob, se sentindo tímida.

Na verdade, se sentia culpada, afinal, desde a prisão de Sandy Lee, ela riscou os Clarckson de sua vida, e não falava mais com eles e os evitava a todo custo. Vendo-os tratar daquela forma Benjamin e até mesmo a ela, era tão honrado, que ela sentia vergonha por ter sido tão agressiva, embora sempre tivesse seus motivos. Por causa de Benjamin e por terem salvado sua vida, isso tudo parecia tão desnecessário.

— Agradeço por ter salvado minha vida! — Ela disse a ele, sentindo o rosto queimar de vergonha.

Ele notou o rubor dela e sorriu.

— Salvaria quantas vezes fosse necessário...

Ela absorveu cada palavra que ele dissera. O amor que sentiam um pelo outro estava ali, batendo à porta, mas Beth Lee não estava preparada para abri-la. Abaixou o olhar para Benjamin e Geórgia veio tirá-lo de seu colo.

— Vou pedir a moça da cozinha que faça uma canja bem forte para você! — Ela sorriu amistosa. — Com licença.

E os deixou a sós. Bob tirou o chapéu e se aproximou da cama assim que a porta foi fechada.

— Não posso ficar aqui, Bob. Sabe que tenho que encontrar o Bando da Morte — avisou com seriedade.

— Ninguém vai prendê-la aqui. — Ele garantiu. Puxou a cadeira e sentou-se ao lado dela. — Mas não vou deixá-la ir até me explicar o que aconteceu nas terras de Justin Bells.

Ela sabia que em seu desespero, pensando que ia morrer, falou demais

sobre Sandy Lee. E conhecia a determinação ferrenha de Bob em esperar por uma explicação plausível. Ele notou a hesitação dela.

— Sejam os sinceros, Beth Lee. — Ele pediu. — Você nunca vai conseguir ajudar Sandy Lee estando sozinha. — Sua voz era fria e indiferente. — Você me pediu para ajudá-la caso morresse. Ou você enlouqueceu por estar ajudando a mulher mais perigosa do Texas, a mesma que tem matado inocentes sem piedade, ou está escondendo algo de mim.

Beth Lee ainda hesitava. Há muito tempo perdera a confiança nas pessoas, e resgatar isso era muito difícil.

— Sei que tivemos problemas no passado. — Ele prosseguiu tentando persuadi-la a falar. — E nossa história ficou marcada pelo rancor. Mas estamos falando de vidas inocentes e preciso da sua ajuda para acabar com Bando da Morte e com os planos de Joyce.

As palavras dele a consolaram de uma forma inesperada e, ela engoliu o choro que ameaçava acometê-la. Infelizmente, Bob tinha esse poder sobre ela. E Beth Lee era tomada de um cansaço profundo na alma. Sentia-se tão exaurida de suas forças. Seu corpo e sua mente clamavam desesperadamente por consolo e ela não podia permitir que mais inocentes morressem por erros do passado.

Respirou fundo:

— Promete que vai me ouvir atentamente? — perguntou insegura.

Pela primeira vez, ele teve um vislumbre de sua verdadeira Beth Lee e ele se ajeitou na cadeira, incomodado. Ele jamais poderia dizer não aquele olhar carregado de apreensão e ternura.

— Sim — respondeu firme.

— E vai confiar em cada palavra que eu disser?

— Não vou feri-la, como fiz no passado — prometeu olhando em seus olhos.

Um lado dela queria fugir, o outro insistia que ficasse e resolvesse aquele assunto de uma vez por todas.

— Está bem. — Ela aceitou a necessidade de dizer a verdade. — Lembra-se na noite que assaltaram a pensão e eu desapareci? — perguntou e ele fez que sim. — Naquela tarde, eu havia recebido uma carta...

Querida Betty Lee,

Tenho certeza que não aguardava esta carta e sei também que sou a última pessoa com quem deseja falar depois de todo o mau que ocorreu em sua

vida. Contudo, preciso de sua ajuda. Encontro-me em um labirinto, fruto de minhas ações horríveis e inconsequentes. Preciso de sua ajuda, é a única pessoa neste mundo que pode me ajudar, estou perdida. Por favor, venha ao meu encontro. Dentro de três dias estarei no rancho de Geórgia London esperando por você. Caso não venha, não poderei culpá-la.

Com amor,

Sandy Lee.

— Quando li a carta, eu soube que podia ser um plano de minha irmã para me prejudicar mais ainda. Entretanto, desesperada como eu estava, me sentindo sozinha, acreditei que era melhor partir, do que ficar em um lugar onde me odiavam. E o que quer que acontecesse comigo, era melhor do que estar em Crescentfalls. Tomada por minha amargura, parti para encontrar Sandy Lee.

Quando cheguei ao rancho, ela estava me esperando. Pensei que iriam sequestrar-me ou matar, mas o que Sandy Lee fez foi chorar, implorando por minha ajuda, ela não tinha a quem recorrer.

Ela me contou sobre os planos de Joyce. O general armou a fuga deles da prisão. No começo, Sandy Lee achou muito boa a vida que levavam: eles tinham que colocar os moradores para fora e garantir que não voltassem. Até Adam matou o primeiro rancheiro. Depois, um deles voltou e Joyce mandou matar a família toda. Adam teve prazer em eliminar um a um, mas Sandy Lee não. Ela tentou fugir e descobriram e, como represália, Joyce mandou matar meu pai. Ela não teve escolha, voltou e foi obrigada a matar gente inocente.

— E então eu apareci e me chamaram de Fantasma. — Ela prosseguiu. — E combinamos que ela sempre me deixaria pistas para pegar os bandidos... Sandy Lee me ensinou a atirar e tudo que sei sobre sobreviver no deserto. Até Adam voltar para o sul e ela ter que se unir de novo ao bando. — Ela encolheu os ombros. — Era para ser algo rápido, mas todos os dias chegam novos integrantes ao bando. Eles morrem e Joyce envia mais gente.

Bob se ergueu e foi para perto da janela. Aquela história parecia absurda, mas era real. Terrível e triste. Beth Lee se transformara em uma mulher sem alma para ajudar a irmã a sobreviver e ser livre.

— Na última vez em que ela me deixou o aviso, Palmer descobriu — contou. — Por isso atiramos uma na outra, apenas para assustar. Para que ele acreditasse que estava me enganando em uma emboscada!

— Mas você a acertou!

— Não — fez que não. — Foi Redgrave, eu vi quando ele ergueu e

mirou, mas era tarde demais.

Bob estava tão preocupado com Beth Lee quando tudo aconteceu que não notou a ação do traidor.

— E você não contava que Adam fosse atirar em você! — concluiu.

— Exatamente. Mas deveria ter previsto, ele é obcecado por Sandy Lee, faria qualquer coisa por ela.

Bob a fitou de forma impassível.

— Tem que ajudá-la, Bob. Sandy Lee não é uma pessoa boa e tem que pagar pelo que fez, ela é invejosa e ruim quando tem interesse! — admitiu. — Mas ela não é uma assassina! E está arrependida, ela conta os dias para sair dessa vida, eu sei disso, eu vi seu desespero!

Estava a ponto de chorar, mas vomitar aquela verdade havia trazido um alívio incomum. Engoliu em seco e manteve-se firme.

Contudo, Robert conhecia cada pequeno detalhe de Beth Lee: as mãos que seguravam a camisola com força, o olhar orgulhoso coberto por lágrimas, os lábios pressionados em uma linha fina. Mas ele não queria pressioná-la mais, não agora.

— Vai ter que repetir tudo a Dawson.

— Bob. — Ela o reprovou.

— Meu cunhado é a única pessoa confiável neste momento.

— Você contou a ele?

Claro que havia e ela fez uma careta de desgosto.

— Brad é um homem honrado e vai nos ajudar. — Ele justificou. — Pegaremos Adam, comprometeremos Joyce e ajudaremos sua irmã!

Ela sabia que Dawson era um homem mais que confiável. Confiaria sua vida a ele se necessário. E ela sabia também que Bob havia mudado, estava mais maduro o suficiente para levar seu trabalho a sério e honrar com uma promessa. E sozinha ela não conseguiria salvar a irmã e nem a si mesma.

— O que Brad pretende fazer? — Ela quis saber.

— Ele vai vir falar com você quando estiver melhor. Ele é um bom estrategista, lembra? Solucionou a morte dos padres!

— Eu jamais teria imaginado que Frank Wilson era o assassino. — Ela comentou.

— E tudo para não se casar com Sandy Lee!

Eles riram e aquela velha magia os contagiou. A risada de Bob era um bálsamo para sua vida. Beth Lee sentiu medo do calor que se apoderou de seu corpo sob o olhar lascivo de Bob.

Os olhos dele pousaram sobre o pescoço dela, o colo delicado, seguiram pelos ombros nus, na camisola de alças. Ela sentia como se as mãos dele estivessem tocando-a e seu peito oscilou.

A porta foi aberta e tia Caroline entrou segurando uma bandeja nas mãos. Bob se levantou rápido e olhou para a tia:

— Eu preciso ir — olhou para Beth Lee. — Conversaremos mais tarde... — E saiu a passos largos.

Robert se repreendeu enquanto caminhava pelo corredor. Não podia acreditar que pensara em tocar o corpo de Beth Lee, mesmo ela estando convalescente. Censurando a si, ele foi para os estábulos se afundar no trabalho e esquecer desse amor louco que ainda o acometia, mesmo sabendo que ela não o amava da mesma forma.

Capítulo XVI

— Suas roupas estavam um trapo, querida. — Geórgia avisou ao entrar no quarto no fim da tarde seguinte. — Joguei tudo fora, mas consegui estas para você. Foi a senhora Caroline que me deu, espero que goste.

Geórgia colocou o vestido azul escuro em cima da cama e sorriu para Beth Lee. A jovem não se recordava da última vez em que colocara um vestido. Na verdade, foi quando encontrou Sandy Lee e sua vida mudou completamente. Teve que se vestir como um homem para sobreviver às terras hostis do meio oeste. Tocou o cetim do vestido e achou graça, era frio, trazia um frescor naquele lugar quente, que ela conhecia bem. Havia tomado banho e estava perfumada, seus cabelos não estavam mais duros como pedra por causa do ar seco e o pouco cuidado, Geórgia a ajudara desembaraçá-lo e o escovou, deixando-o bonito como sempre fora.

Enquanto estivesse em Shepherd, realmente não precisaria usar calças e aquelas roupas enormes. Não se preocupou muito com sua vaidade nos últimos anos. Mas agora, não tendo porque se esconder ou se misturar às pessoas, ficando invisível aos olhos da lei ou dos criminosos, ela sentia certo bem-estar por poder se vestir bem. Calças eram boas para cavalgar, mas para dias comuns, ela preferia o frescor dos vestidos, tinha que admitir.

E quando colocou o vestido, sentiu-se bem, pensou que estranharia, mas era como se nunca tivesse deixado de usá-lo. Prendeu os longos cabelos em um coque e se olhou no espelho. Ainda tinha grandes olheiras escuras debaixo dos olhos, mas com o tempo recuperaria a saúde e também estava mais magra do que o normal, suas curvas haviam dado lugar a uma mulher de aspecto doente. Naqueles anos se alimentou mal, e muitas vezes nem comera, porque não havia nada, acostumou-se a dormir pouco e vigiar o tempo todo, não havia descanso ou qualquer benefício na vida que levava para ajudar a irmã.

Reconheceu a velha e tímida Beth Lee. Contudo, tanta coisa mudara. Não era mais uma garota apaixonada pela vida com único e exclusivo objetivo de ser esposa de Robert Clarkson. Agora, ela era uma mulher que precisava salvar a irmã e lutar pelo bem-estar de Benjamin e por sua própria sanidade. Não era à toa que a vida perdera qualquer ilusão quanto a ser feliz um dia. O importante era sobreviver. Estava ansiosa para encontrar com Bradford Dawson e saber o que ele planejava para salvar sua irmã.

Não queria descer para o jantar, mas Geórgia a convenceu de que era o mínimo que ela poderia fazer por aquela gente que as recebiam tão bem. Seria deselegante se ela permanecesse no quarto quando já se sentia bem e eles mereciam um pouco de consideração.

— E eu e Benjamin vamos ficar aqui quando você se for. — Geórgia avisou.

— O quê? — Beth Lee a olhou, chocada.

— Enquanto o Bando da Morte não for pego, não posso voltar para casa e arriscar a minha vida e a de Ben — falou já decidida. — Estamos a salvo aqui, temos do bom e do melhor e todos gostam do menino, ninguém lhe fará mal ou deixará que algo aconteça a ele.

Beth Lee sabia disso, mas não queria admitir que os Clarckson fizessem bem ao seu menino.

— Eu sei — admitiu chateada.

— Ficaremos aqui até que tudo se resolva — disse de forma branda. — E então, você poderá buscá-lo.

Beth Lee concordou naquele momento, não queria discutir.

— Está bem. É o melhor realmente — aceitou a verdade. — Aqui ele está seguro.

— Eles o amam como se ele fosse da família...

Beth Lee sorriu amarga, Benjamin não era um Clarckson, jamais seria. E com esse pensamento deixou o quarto. Sentiu um bolo no estômago que subiu à garganta quando se aproximou da escada. Não queria rever ninguém, mas em nome da educação que seus pais lhe deram, ela cedeu. Não podia passar o resto da vida trancada dentro daquele quarto, fugindo das consequências de seus próprios atos. Ela havia odiado aquela família e sabia que se recebesse o desprezo deles, seria mais do que merecido.

Desceu as escadas, sentindo a mão tremer e as segurou, respirando fundo. Era mais fácil enfrentar o Bando da Morte e prender homens hostis, do que confrontar pessoas com quem se importava e ignorou todo esse tempo.

Estavam todos reunidos na sala principal. Robert estava perto da janela e foi o primeiro a vê-la. Ela sentiu o rosto queimar de vergonha e sabia que estava vermelha, infelizmente. Quando ainda eram noivos, Bob ainda sentia certa ansiedade, o coração batia forte ao encontrá-la. Agora, a excitação era insuportável, ela era linda e ele poderia beijá-la até fazerem amor no chão daquela sala e torná-la sua mulher, deixando a marca do desejo que sentia em

sua alma.

Ela prendeu o olhar nele. Sabia que depois de contar a ele parte da história, um forte traço de confiança se estabeleceu entre eles. Mesmo que resistisse e que seu orgulho gritasse, havia um sentimento muito mais forte entre eles: uma emoção indomável, prestes a explodir como mil dinamites.

— Beth Lee! — A voz de Donna Mae desviou sua atenção.

A moça alta e esguia, de cabelos castanhos, presos em uma trança, vestida como um cowboy se aproximou dela com os olhos cheios de lágrimas e antes que Beth Lee pudesse sequer formular um pensamento, estava sendo abraçada pela velha amiga.

Beth Lee sentiu o abraço e o conforto de Donna Mae como se nunca tivessem ficado sem se falar. Como se ela nunca tivesse pedido a Donna que se afastasse dela por ser uma Clarckson e não mais a procurasse. Por causa de Tim Clarckson e do que acontecera com Sandy Lee, ela rompeu os laços com sua melhor e única amiga. Contudo, com aquele abraço e a expressão profunda de carinho e saudade, foi impossível que qualquer sentimento ruim ainda prevalecesse. Sem hesitar, correspondeu ao abraço, sentindo da dor da separação.

Donna se afastou para encará-la:

— Fiquei tão feliz por estar de volta, Beth Lee! — A abraçou mais uma vez.

Não sabia o que dizer: *sinto muito? Perdoem-me por ter agido sem pensar? A amizade de você vale muito para mim?* Não tinha ideia do que fazer ou dizer. Estava constrangida por ter sido tão severa com pessoas tão boas e não tinham culpa pelas escolhas de Tim ou de Sandy Lee. Mas na época, não conseguiu enxergar isso, tudo lhe pareceu tão verdadeiro.

Brad e Jeremiah vieram cumprimentá-la de forma bastante amigável e ela se sentiu transportada para o tempo em que viveu perto deles, não conseguia abrir a boca para dizer uma palavra e Bob notou isso. Nem parecia a mulher boca-suja que batera nele com um chicote e matara homens a sangue frio em Bells.

— Agora que Beth Lee desceu, podemos jantar. — Caroline anunciou.

Geórgia se juntou a eles e foram todos para a sala de jantar, conversando entre si, como se ela fizesse parte da vida daquela casa.

Quem se sentou na cabeceira da mesa foi Jeremiah, agora era ele o dono de tudo e administrador de Shepherd. Alguém tinha que assumir tudo, já que Tim e John se foram e Bob era um Texas Ranger. Além disso, Bradford Dawson

era o xerife e ainda cuidava de seu haras onde criava cavalos de raça pura. E Donna Mae estava envolvida com sua cooperativa de mulheres que costuravam e faziam produtos artesanais com o que sobrava do gado abatido em Shepherd. E sua produção aumentava a cada ano e mais mulheres apareciam em busca de emprego. A guerra de Secessão deixara muitas jovens senhoras abandonadas, sem contar as minas ao redor que sempre causavam desastres e mortes. E havia também as ex-escravas que precisavam de um meio para se sustentar. Donna abria muitas portas de emprego e Crescentfalls começava a ficar movimentada.

— Dizem que logo a ferrovia chega aqui. — Donna falou orgulhosa.

— Eu duvido. — Jeremiah disse sincero. — Mas como Donna é capaz de fazer o mundo virar do avesso, não vou apostar nada.

Todos riram enquanto se acomodavam. Ao lado direito de Jerry sentou-se tia Caroline e ao lado dela Donna Mae. Bob sentou-se ao lado esquerdo de Jerry e ao lado dele Dawson. Beth Lee se sentiu mais à vontade ao lado de Donna Mae, e Geórgia se sentou ao lado de Brad.

Apesar de tudo correr bem e conversarem como se Beth Lee fosse parte da família, ela estava constrangida. Durante tanto tempo alimentou o ódio por eles, ainda mais quando perdeu tudo, inclusive seus pais. Jurou vingança, quis mal a cada um, cega pelas próprias justificativas que criou. E eles agora a tratavam com respeito e dignidade sinceros, como se ela nunca tivesse feito nada, nem desprezado ou ignorado o quanto eram bons e importantes para ela.

Queria pedir desculpas, mas mal conseguia abrir a boca para comer. Desejava desaparecer ou dormir e quando acordasse, tudo não passara de um pesadelo ruim e não enfrentar a vergonha de seus atos. Seus motivos tão pungentes para ignorá-los, agora, eram insignificantes.

— E então, Beth Lee, o que pretende fazer a partir de agora?

A pergunta de Donna Mae deixou claro que ela não estava a par da situação de Beth Lee. Olhou rapidamente para Bob. Ela queria apenas ajudar a irmã e cuidar de Benjamin em paz.

— Ainda não sei — acreditou que era o melhor a responder.

— Eu ficarei muito feliz se você voltar para a cidade. Eu teria com quem conversar e minha amiga de volta. — Donna desabafou.

Bradford deu um sorriso charmoso e seus olhos azuis brilharam:

— Não sou um bom ouvinte, querida? — perguntou com ironia.

— Não, meu bem. — A resposta de Donna foi sincera como sempre. — Beth Lee é minha amiga e você não pode me compreender, como apenas ela

pode.

Brad arrastou seu olhar para Beth Lee e lhe sorriu também.

— Então, senhorita Malick, vou ter que implorar que fique...

Há anos ninguém a chamava por senhorita. Lembrou-se de como Dawson foi gentil com ela desde que colocou os pés em Crescentfalls e como foi discreto quando prendeu Sandy Lee. Fazendo de tudo para que sua família não se sentisse humilhada. Ele foi um dos poucos que defendeu os Malick quando todos os rechaçavam. Menos os Clarckson, eles nunca falaram contra sua família ou os julgaram pelos atos de Sandy Lee e, mesmo assim, ela e seus pais os ignoraram por muito tempo.

Beth Lee foi tomada de uma risada nervosa, incontrolável, que acabou se transformando em lágrimas. Murmurou um educado pedido de desculpas e saiu correndo, sem direção, saindo pela porta dos fundos e correndo como uma louca. Somente parou quando Bob a segurou pelo braço perto dos estábulos.

— O que foi? — Ele perguntou e ela se livrou do contato dele que queimava sua pele.

— Eu preciso ir! — enxugou as lágrimas. — Não posso ficar aqui!

— Não pode ir assim, Beth Lee.

— Você disse que não ia me impedir! — afastou-se dele e acabou entrando no estábulo.

— E não vou. — Ele a seguiu.

Ela o fitou por cima do ombro.

— Brad vai nos ajudar, não pode meter os pés pelas mãos. Se for agora, Adam estará esperando para matá-la. — Ele deu um passo para ela, ficando bem atrás dela. — Não posso perder você, assim...

Beth Lee sentiu o calor dele às suas costas e fechou os olhos.

— Não posso ficar, Bob — murmurou.

Ele a segurou pelos ombros:

— Por quê?

Ela virou-se para ele, desesperada:

— Não vê? Sua família é tão boa para mim e o que eu fiz? Tratei a todos com desprezo e Donna Mae não me tratou mal, ela age como se nada tivesse acontecido... — soluçou.

— Ela a ama como uma irmã, Beth Lee, tem carinho por você. Ela

compreende o que houve, que você ficou cega com seus motivos, ela não a julga por isso.

— Não! — fez que não e o empurrou.

Aceitar aquilo tudo, era o mesmo que admitir que houvesse mentido para si mesma e, feito papel de tola e que podia perdoar Bob. E ele não merecia seu perdão.

Ela o empurrou mais uma vez. Bob insistiu, tentando tocar seu rosto, mas ela deu um tapa em sua mão e em seguida começou a esmurrar seu peito com raiva. Ele a segurou pelos ombros e a puxou para si. Ela não queria nada dele, e tentou afastá-lo, descontando nele toda sua cólera e frustração. Começou a chorar em meio a tudo e de repente, não suportando mais o peso que carregava na alma, ela cedeu e seu rosto estava contra o calor familiar do peito másculo.

Ela chorou por tudo que perdera, pelas coisas que não viveu, por seus planos destruídos, os sonhos perdidos. Chorou por Sandy Lee, por seus pais, pelas pessoas inocentes que pagaram com a vida pelo egoísmo da irmã.

Derramou lágrimas pelo amor perdido, pelo vestido de noiva que nunca usou e ficou perdido em algum baú, pelo ciúme doentio de Bob que os afastou, por sua própria amargura e orgulho, por ter perdido seu lar e pelos filhos que não tiveram. Pela paz que sempre sentiu ao lado daquele homem, mesmo nos momentos difíceis.

Chorou por sua vida solitária e pelo ser humano sem sentimentos em que teve que se transformar para sobreviver e lutar pelo pouco de dignidade que restara a Sandy Lee. Ela então, se rendeu a sua debilidade em ainda amar Robert e descobrir que jamais poderia deixar de amá-lo. E perdoá-lo talvez fosse mais fácil do que sequer havia imaginado.

Capítulo XVII

Bob deixou que Beth Lee extravasasse toda sua ira até sentir-se mais leve. Ele podia imaginar o peso que sua doce noiva carregara sem necessidade alguma, apenas para impedir o sofrimento inevitável. Quando ela parou de chorar, ele aspirou profundamente o perfume de seus cabelos, e beijou sua cabeça. Depois, afastou-se para beijar a testa e Beth Lee estremeceu em seus braços. Ele beijou a maçã do rosto, e ela fechou os olhos saboreando o carinho incomum.

Os lábios de Bob eram quentes e pareciam sugar todo o seu bom senso, suas forças. Ela queria ser forte e lutar contra ele, mas algo dentro dela gritava que era “forte” quando estava com ele. A admissão de tal sentimento a fez deixar que ele a beijasse mais uma vez nos lábios, sabendo que isso os uniria novamente e para sempre.

Seu coração bateu forte no peito, quando abriu os lábios para recebê-lo e a língua dele invadiu sua boca. A antiga Beth Lee se chocaria com uma carícia tão íntima, a mulher que se tornara achava deliciosamente imoral. Ela o enlaçou pelo pescoço e se permitiu sentir como nunca antes. As mãos de Bob desceram por suas costas e agarraram sua cintura, a puxando para mais perto.

— Quero você, Beth Lee. — Ele murmurou entre os beijos intensos que se seguiam. — Preciso de você.

— Sim, Bob. — Ela sussurrou perdida nas carícias.

Ele a enlaçou por debaixo dos joelhos e a pegou no colo. O chapéu dele caiu no chão e continuou a beijá-la, enquanto ele a carregava para o andar de cima do estábulo, a escada de madeira rangendo sob os seus pés. Ali, onde o feno era guardado, e ninguém os interromperia, Bob permitiu que ela escorregasse de seus braços, até ficar em pé novamente.

Robert estava perdido no próprio desejo. Durante anos fantasiou estar com Beth Lee em seus braços, a procurou em muitas, e agora poderia encontrá-la finalmente. Sentiu-se como que atraído para dentro dos portões de seu próprio inferno, pronto para se jogar no paraíso que ela lhe oferecia.

Entretanto, por mais experiência que tivesse, ninguém o beijava como Beth Lee fazia, nenhuma outra mulher despertou nele tanta paixão. Ele passou a língua pelo contorno de seus lábios, beijou o queixo, o pescoço. Afastou o vestido dos ombros e o beijou, arrastando a boca para seu pescoço novamente.

Apartou mais o vestido, até que os botões bloquearam sua intenção. Ele a virou de costas e começou a desabotoar, e deixou o vestido cair no chão. Depois se desfez do espartilho, tocando a pele nua, brindando aquela necessidade de tê-la para si. Beth Lee estava constrangida, sentia o rosto queimar de vergonha. Bob tinha necessidade dela toda nua e a fez ficar de frente para ele.

Beth Lee estava de cabeça baixa, e ele tocou seu queixo com delicadeza, obrigando-a a olhar para ele. Bob se desfez da camisa antes de voltar a beijá-la de forma selvagem, louca e desenfreada. Vê-la nua o deixou fora de si, descontrolado, louco para possuí-la. Ela se agarrou a ele e sentiu que ele a empurrava contra o monte de feno espalhado no chão. Ela sentiu a palha contra sua pele no mesmo instante em que Bob seguia tocando seu corpo, lambendo seus seios, sua barriga, suas pernas.

Ela não sabia explicar o que era esse desejo cru que a assolava, essa necessidade de tê-lo. Então se abriu para ele, deixou que ele a tomasse com força, forte e vibrante. Mesmo sendo sua primeira vez, permitiu que Bob mostrasse a ela a intensidade de sua paixão. Quando ele notou que ela era ainda era virgem, parou por um segundo, mas ela o obrigou a seguir, movendo-se sob ele.

— Amo você... — foi o que ele disse antes de seguir remetendo dentro dela, quente, molhada, apertada e dele.

Bob deixou que seu corpo o guiasse. Perdeu-se em Beth Lee, sentiu o prazer mais profundo que um homem poderia dar a mulher que amava e soube que ela o recebia por inteiro. Então se afogou naquela imensidão do anseio e concebeu que jamais poderia viver longe dela. Nunca mais.



Bob respirou fundo deitado ao lado de Beth Lee. Seus olhos estavam perdidos na fresta do telhado, por onde a luz da lua teimava em entrar.

— Bob...

Ela começou a falar e hesitou. Não sabia como explicar tudo a ele, entretanto, depois do que ocorrera, não podia mais esconder a verdade. O fato era que sua vida pertencia a ele, ficariam juntos até a morte e guardar segredos não era uma opção.

— Eu...

Ele virou-se para ela. Seus olhos não a condenavam, ao contrário, eles a amavam, como sempre. Bob levou a mão ao rosto delicado e secou a lágrima teimosa.

— Eu sabia que Benjamin não era seu. — Ele confessou.

Ela franziu o cenho e fez que não.

— Você não poderia saber...

Ele apoiou-se no cotovelo e seus dedos desceram pelo pescoço delicado e colo, enquanto falava:

— No dia que invadimos a casa de Palmer e eu pensei que estivesse lá — começou a contar. — Lembro-me que revistei a casa toda a sua procura. Eu tinha visto o cavalo que você estava usando aquele dia parado à porta, e a ideia de que poderia estar me enganando, me enlouqueceu. — Ele fez uma pausa e seus dedos se detiveram sob o coração dela. — A senhora Palmer estava parada ao lado de uma porta e lembro de olhá-la nos olhos e ela fazer o sinal para o quarto, indicando que você poderia estar ali. Eu entrei e encontrei Sandy Lee escondida debaixo da cama.

Eles nunca haviam conversado sobre isso, portanto, ela não fazia ideia de como as coisas tinham se dado, apenas sabia que Bob havia entrado na casa dos Palmer gritando seu nome, duvidando de seu amor mais uma vez.

— E o que tem isso a ver com Benjamin?

— Ele tem os olhos da senhora Palmer — pontuou. — Iguais, exatamente. E a não ser que você tenha se deitado com Adam, o que sempre duvidei, Benjamin é filho dele e de Sandy Lee.

Ela sorriu por ele ser tão perspicaz:

— Quando foi que notou isso?

— Depois que levou o tiro em Bells. — Ele respirou fundo. — As coisas aconteceram depressa demais e não tive tempo de tocar no assunto. Mas nos dias que fiquei com ele enquanto esteve convalescente, notei que ele se parece em muito com o pai dele.

Beth Lee balançou a cabeça e se sentou depressa, Bob fez o mesmo.

— Ninguém pode saber, Bob. Todos têm que pensar que ele é meu.

— Por quê?

— Quando cheguei à casa de Geórgia, Sandy Lee estava grávida, por isso, Adam a deixou ficar no rancho, ela havia sangrado algumas vezes e ele não

queria perdê-la ou ao bebê. — Ela segurou a mão de Bob. — Ela me pediu ajuda por causa do filho que esperava, Bob. Ela não quer que o filho tenha o mesmo destino que ela teve.

Ele começava a compreender.

— Então, Adam não sabe que o filho segue vivo...

— Não — fez que não. — Ele pensa que o bebê morreu no parto. Quando ele chegou ao rancho, Sandy Lee havia feito uma cova de mentira para que ele tivesse certeza da morte do filho.

— Santo Deus! — Ele não podia acreditar.

— Nos meses que ficamos juntas, ela me ensinou tudo que sei para sobreviver ao velho oeste selvagem e ajudá-la — explicou. — Foi um tempo em que pudemos nos perdoar e nos conhecer melhor — suspirou. — Ela estava diferente, mais madura e a vida lhe ensinou duramente a verdade. E eu prometi a ela que cuidaria de Benjamin e que seria uma mãe para ele. Imagine o que as pessoas fariam se soubessem que ele é filho da Senhora Morte? — questionou com pesar. — Fariam Benjamin pagar por um crime que não é dele.

Bob a abraçou e beijou seus cabelos, seu rosto.

— Eu a admiro tanto, Beth Lee. — Ele se afastou para encará-la.

— Mesmo? — Ela duvidou. — Olha o que me tornei... Pensei que me desprezasse.

— Sabe que isso nunca ocorreu. Eu fiquei com muita raiva por ter fugido de mim, mas eu jamais poderia odiá-la, mesmo se quisesse.

Ela sorriu.

— Nós perdemos tanta coisa, Bob.

— E podemos ter tudo, agora — segurou seu rosto por entre as mãos. — Não vou cometer o erro de deixá-la se afastar de mim. Sou seu homem e enfrentaremos tudo, juntos. Não pense que depois do que houve aqui, poderá se afastar de mim.

Ela havia perdido a batalha para aquele sentimento há muito tempo. Quando caiu do cavalo quando tinha quinze anos.

— Não vou deixar que outro dia de sua vida comece sem mim...

— Bob...

— Vou fazer de Benjamin meu filho — determinou.

— Você faria isso?

— Claro que sim — respondeu sem hesitar. — E não é para agradá-la. Mas por minha honra e por saber que é minha responsabilidade a partir de agora cuidar dele e ser um bom pai.

Ela riu entre lágrimas.

— Acho que estou chorando o que não fiz nos últimos anos — disse emocionada.

— Desde que seja de felicidade, eu não me importo...

— Obrigada.

— Não precisa agradecer.

— Claro que preciso agradecer o fato de resgatar todo o amor que sempre sentimos um pelo outro. — Ela o beijou de leve nos lábios. — A minha vida não é nada sem a sua...

— Eu te amo, Beth Lee.

— Também amo você...

Ele a beijou com o ímpeto da paixão que sentia. Os lábios de Beth Lee eram o paraíso do qual ele não queria se afastar. De repente, ele não reconhecia mais a si mesmo, era o desejo puro e ardente. Bob segurou as nádegas macias e a ergueu, fazendo Beth Lee o enlaçar com as pernas. Ele ficou sobre ela beijando sua boca, seu pescoço, deixando um rastro de marcas, fazendo-a gemer alto.

Bob traçou um caminho com a língua, pelos seios macios, sugou-os, fazendo-a arquejar o corpo, implorar por mais, murmurar seu nome. Seguiu pela barriga lisa, beijou-a até alcançar o ponto mais sensível de seu corpo. Beth Lee agarrou seus cabelos, e a língua a acariciou e ela não acreditou que fosse possível sentir tanto prazer.

Ela estava perdendo a consciência outra vez, e não podia resistir, não queria. Precisava daquele deleite que apenas Bob era capaz de despertar, ou ficaria louca. Bob substituiu a língua pelos dedos e deu um sorriso desdenhoso ao notar que ela se arqueava e abria os lábios em busca de ar, gemendo. O rosto dela estava afogueado, os cabelos espalhados pelo feno. Aquela visão o deixou fora de si, tão excitado que não podia mais se controlar.

Ele a penetrou mais uma vez, ela estava molhada e abriu os olhos azuis para encará-lo e reconhecê-lo como seu. Bob começou a se mover, perdido dentro dela, tão loucamente excitado que não demorou muito para que ambos estivessem gozando mais uma vez.

Ele beijou sua boca, seus seios e se moveu mais uma vez dentro dela antes de sair e deitar-se ao seu lado. Ofegante, ela se aninhou a ele, deitou a

cabeça em seu peito e ouviu a batida de seu coração. Beth Lee teve a certeza de que seu lugar sempre seria ali e ninguém poderia afastá-la de seu destino.

Capítulo XVIII

Beth Lee e Bob voltaram para a casa quando a noite já avançava e todos já haviam se recolhido. Até mesmo os sapos e os grilos estavam em silêncio, deixando de entoar a melodia da noite. De mãos dadas, eles trocavam olhares apaixonados e sorrisos. Era um sonho que estivessem juntos novamente.

Entraram pela porta dos fundos e Bob pegou a vela na cozinha e subiram em silêncio para o quarto dela. Quando chegaram à porta, Beth Lee sabia que em nome da decência deveria mandá-lo para o próprio quarto, e entrar no seu, sozinha. Entretanto, depois de tanto tempo longe dele, a última coisa que ansiava era ficar afastada dele.

Ela abriu a porta e o fitou com intensidade e desejo. Bob mal teve tempo de pensar, Beth Lee o agarrou pela camisa e o puxou para dentro do quarto e ele chutou a porta para fechá-la. Tia Caroline acabara de sair do quarto e testemunhou a cena e ouviu a porta bater. Balançou a cabeça enquanto sorria e invejou as alegrias da juventude.

— Está vendo, John? — falou como se John pudesse ouvi-la de onde estava. — Eles estão bem.

Ela foi em direção à cozinha, mas parou ao pé da escada ao notar Jeremiah sentado no escuro, fumando e bebendo solitário. Desde a morte de Tim e a doença de John, ele tomara conta de tudo, fazendo Shepherd crescer, aumentando o lucro da família e fazendo do bom nome dos Clarckson se tornasse sinônimo de status.

Jeremiah Clarckson tinha as portas abertas onde quer que fosse, e tornara-se nos últimos anos, um homem temido e admirado. Alguns até diziam que era melhor administrador do que um dia seu pai fora. Possuía poder político e muitos pediam sua opinião antes de tomar qualquer decisão. Fazer excelentes investimentos e atrair dinheiro era a vida dele.

— Tudo bem, querido?

A voz da tia o assustou. Sorriu devagar enquanto ela se aproximava e parava diante dele.

— Está tudo bem, tia.

Ela o fitou com ternura. Dos quatro filhos, Jeremiah era o mais parecido com John. Ambos loiros, olhos muito azuis, alto, porte atlético de um cowboy da

lida. Os cabelos quase platinados estavam um pouco compridos, mas ele não tinha tempo para se cuidar nos últimos meses, a vida estava bem corrida. Talvez, quando fosse a San Antonio, iria ao seu barbeiro de costume. Ultimamente, não andava muito animado para viagens. Queria ficar em Shepherd.

— Parece preocupado. — Ela comentou se sentando na pequena mesa de centro, de frente para ele.

Jerry a estudou por um instante antes de perguntar:

— Alguma vez na vida, a senhora se sentiu... — buscou pela palavra certa. — Inquieta?

— Inquieta? — Ela achou interessante a colocação dele. — Prefiro dizer que quando era jovem, eu era tomada pela ansiedade de viver.

— Não é ansiedade — garantiu. — É como se eu estivesse desassossegado. Entende?

Ela compreendeu.

— Talvez seja o retorno inesperado de Bob e a situação delicada que ele vive hoje com Beth Lee. Isso acarreta muitas coisas para nós.

— Pode ser... — limitou-se a dizer, mas sabia que não era.

Ele se levantou e beijou a testa da tia.

— Já vai se deitar? — Ela perguntou.

— Não, vou cavalgar.

— A essa hora da noite? — havia preocupação em sua voz.

Ele novamente sorriu mostrando o quanto um homem podia ser bonito, mesmo que não estivesse querendo se exhibir. A preocupação de sua tia era um carinho que ele respeitava com prazer. Ela fora a mãe que ele nunca tivera. O pouco contato que teve com sua mãe foi terrível, antes dela morrer no parto de Donna Mae.

— Eu conheço cada pedra ou buraco de Shepherd, fique tranquila.

Ele saiu de casa e se dirigiu aos estábulos. De lá, olhou para a casa e a luz de uma vela que iluminava Bob e Beth Lee abraçados. Eles mereciam ser felizes depois de todo o horror pelo qual haviam passado e Jerry faria de tudo para que eles conquistassem a paz que mereciam.

Montou em seu cavalo pardo e saiu galopando pela noite. Sabia exatamente para onde estava indo e foi em direção à Cooperativa de Donna Mae. Havia vinte casas recém-construídas para abrigar as costureiras e suas famílias que vinham de outras cidades. Sua irmã era arrojada e graças a sua teimosia e

apoio de Dawson, ela enfrentou a família e conquistou o tão sonhado empreendimento. Jeremiah apenas cedeu parte das terras e construiu o primeiro galpão. Depois do trabalho árduo de Donna, agora já eram três galpões.

Parou diante da primeira casa e amarrou seu cavalo à varanda. Ele subiu as escadas e entrou sem bater como estava acostumado. Melissa estava deitada em sua pequena cama e ao vê-lo, levantou-se depressa, ajeitando o xale sobre os ombros.

— Pensei que não viesse hoje! — falou ajeitando os cabelos castanhos, indo de encontro a ele.

Jerry não disse uma palavra, sua expressão era impassível e ele a enlaçou pela cintura, e a beijou com ardor, antes de empurrá-la contra a cama e possuí-la sem rodeios. Queria apenas sentir a paixão que queimava dentro de seu peito. Melissa saboreou cada segundo nos braços dele e entregou seu corpo sem resistências. Tão logo terminou, ele se ergueu e fechou as calças. Infelizmente, não havia ajudado em nada. Sua carne, embora saciada, não estava satisfeita. Como sempre fazia, pegou o dinheiro na carteira e jogou sobre a mesa, pegou o chapéu que havia caído no chão e saiu da casa.

Respirou o ar frio da noite, e acendeu o cigarro enquanto descia as escadas lentamente. Caminhou se aproximando dos galpões, até que a luz lá dentro chamou sua atenção. Alguém se movimentava lá dentro ao carregar alguma vela ou lampião. Como Donna Mae e Brad haviam dormido em Shepherd naquela noite, era bem improvável que estivessem ali. Jerry se perguntou quem estava àquela hora andando pelo armazém. Intrigado, se aproximou depressa em direção às janelas e viu que a luz seguia para o fundo, onde ficavam as máquinas de costuras.

Erguendo a sobrancelha esquerda, ele andou depressa até a porta do barracão e entrou de forma sorrateira, se esgueirando nas sombras para surpreender o intruso. A luz parou perto das máquinas e Jerry caminhou a passos largos, tirou seu revólver do coldre e entrou de uma vez, com a arma em punho.

— Fique onde está! — Ele gritou apontando a arma para o intruso.

A mulher sentada à máquina de costura, o viu e gritou também. Assustada, ela levantou de uma vez e derrubou a vela. O fogo alastrou pelo tecido que ela segurava. Desesperada, ela bateu o pano no chão para apagar a chama, mas ao invés de conseguir seu intento, acabou colocando fogo também na cortina.

A moça de cabelos dourados gritou de novo soltando o tecido que queimava, afastou e tropeçou, caindo sentada. Jerry franziu o cenho e abaixou a

arma, devolvendo-a ao coldre, antes que aquela mulher se aproximasse dele e causasse um estrago maior. Era uma desastrada. Antes que tudo se incendiasse, ele abriu a janela, jogou o tecido e a cortina, saltando para fora e batendo os panos contra a terra até apagar o fogo.

— Oh! — Ele ouviu o murmúrio. — Graças a Deus!

Olhou para trás e a intrusa desastrada estava parada à janela. A maldita era bonita com aqueles olhos verdes grandes, que pareciam duas joias, os cabelos loiros estavam cheios de fios soltos, parecia uma pintura da renascença que Jerry vira em uma exposição em Nova Iorque.

— Obrigada, senhor. — Ela disse com voz agradável.

Jerry sentiu aquela estranha sensação que sempre o assolava quando era muito jovem: quando encontrava algo de valor inestimável.

— Obrigada? — Ele se aproximou de forma agressiva. — O que está fazendo esta hora da noite dentro do barracão e quem é você?

Ela deu um passo para trás diante daquele homem alto e forte que ameaçava atacá-la.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta, senhor. — Ela levou a mão ao peito chocada com a falta de bons modos dele. — Afinal, eu nunca o vi antes!

Ele ficou irritado com a petulância dela.

— Sou o dono de tudo isso aqui...

Ela riu dele:

— Não é mesmo! — fez que não. — Donna Mae é a proprietária. Agora, com licença!

Fechou a janela com muita força e o vidro mal colocado, soltou e caiu, quebrando. Ela arregalou os olhos tão assustada, que Jeremiah não aguentou o riso. Ela se afastou ofendida, ajeitou a postura e lhe deu as costas, caminhando na escuridão do barracão.

— Ai! — Ele ouviu um grito.

Jerry riu novamente ao ouvir outra exclamação de dor. E outra em seguida. Apressou-se para frente do barracão e quando ela abriu a porta e saiu, ele disse:

— Deveria ter saído pela janela — provocou. — Teria sido menos perigoso para sua vida!

Ela o fitou com desdém:

— Eu saio por onde eu quiser — respondeu mal-educada, fechando a

porta. — E o senhor deveria cuidar da sua vida, por sua causa queimei meu melhor vestido! — acusou.

— Eu? — apontou para si, incrédulo que ela o acusasse. Ela havia invadido o galpão e ele estava errado?

— Sim! Entrou como se fosse um assaltante, apontando essa arma enorme para mim — reclamou constrangida e começou a se afastar dele.

— Onde pensa que vai? — Ele inquiriu surpreso com a tempestade que aquela pequena mulher era.

— Vou dormir! — falou magoada com lágrimas nos olhos. — E chorar pelos trinta dólares que está perdido! O senhor não tem ideia de quanto tempo levei para juntar o dinheiro e comprá-lo! Boa noite!

Ela se despediu e atravessou o pátio e foi em direção às casas, pisando duro. Jeremiah riu dela outra vez, há muito não encontrava uma mulher tão desequilibrada e encantadora. Seu sorriso desapareceu quando se virou e viu Melissa parada a varanda de sua casa assistindo a cena. A última coisa que ele precisava era de uma amante ciumenta. Ele a ignorou por completo, montou em seu cavalo e partiu.

Melissa olhou para a mulher que entrava em sua casa e depois para Jeremiah. Aquela jovem recém-chegada pelo visto havia atraído à atenção de seu amante, ela concluiu. Mas não deixaria que outra ocupasse o lugar que havia conquistado com tanta dificuldade, afinal, não foi fácil atrair Jeremiah para sua cama. Irritada, virou-se e entrou em casa batendo a porta, enquanto Jerry cavalgava para casa, ansioso para encontrar Donna Mae e perguntar sobre aquela moça interessante.

Capítulo XIX

Beth Lee acordou na manhã seguinte assustada ao sentir que havia alguém deitado em sua cama. Levou alguns segundos para se lembrar da deliciosa noite que tivera nos braços de Bob. Ele estava completamente adormecido. Não conteve o sorriso ao se lembrar de cada detalhe do corpo dele junto ao seu.

Mas ficou tensa ao recordar que havia uma triste realidade esperando pelos dois, que os aguardava e ela não podia esquecer. Levantou o cobertor bem devagar, e quando jogou as lindas pernas nuas para fora da cama, Bob a enlaçou com seus braços fortes e a puxou de volta, fazendo-a deitar novamente e se colocar sobre ela.

— Aonde você pensa que vai? — Ele roçou os lábios nos dela antes de beijá-la com ardor profundo.

Ela o empurrou:

— Bob, o sol está alto, precisamos nos levantar. — Ela o reprovou.

— Não penso assim. — Ele a beijou mais profundamente, arrastando-a para o limbo do prazer que apenas ele podia lhe proporcionar.

Beth Lee sentiu um calor relaxante invadir seu corpo, e naquela luta por alguma sanidade, perdeu totalmente a razão nos braços dele, em seu toque avassalador. Com o corpo em chamas, Bob deitou-se de costas na cama, e a puxou para cima de seu corpo. As delicadas pernas abraçaram as coxas firmes, e os cabelos vermelhos caíram como uma cascata de cachos pelo corpo esguio e Bob os afastou para acariciar os seios macios e os bicos rosados. Ele jamais se cansaria de senti-los em suas mãos, em seus lábios.

Beth Lee abaixou-se para beijá-lo nos lábios, depois o queixo anguloso, o pescoço. As mãos de Bob alcançaram os delicados quadris e ele a empurrou para baixo, fazendo encaixar-se sobre ele, fechando os olhos para senti-la quente, apertada.

— Bob... — Ela gemeu.

— Sinta o quanto eu a desejo... — murmurou e ergueu o corpo, mantendo as mãos em seus quadris, ensinando-a a se mover sobre ele.

Ela começou a se movimentar, jogando o corpo para trás, enquanto a língua de Bob lambia seus seios. Ela se afogou nos movimentos rápidos e fortes,

enquanto sentia o corpo ficar ébrio de prazer. O orgasmo chegou como a seda que desliza sobre a pele e então alcançou seu ápice como água fervente.

Amar Bob era como a chegada de uma forte tempestade e em seguida sentir o frescor da tarde de primavera. Ela ficou abraçada a ele, ofegante, até que seu coração se acalmou e saiu de cima dele. Bob saltou da cama e foi vestir a calça. Ela puxou o cobertor contra o corpo e o fitou ansiosa:

— Aonde você vai?

— Preciso resolver algumas coisas urgentes — explicou sério e a fitou. — E falar com Dawson. Acredito que ele vai querer falar com você hoje ainda.

Ele se sentou na cama para vestir as botas e olhou para Beth Lee, ela era linda e totalmente sua agora. Quanto tempo esperou por aquele momento? Não deixaria escapar aquela felicidade nunca mais.

— O que foi? — Ela virou o rosto de lado ao notar o olhar apaixonado dele e sentiu o rosto queimar.

Ao vê-la ficar vermelha, ele sorriu satisfeito.

— Amo você — falou com carinho.

— Oh, Bob. Eu também amo você.

Ficou tão fácil dizer aquilo que ela estranhava as palavras saindo de seus lábios quando desejou durante tanto tempo odiá-lo.

— Não sabe o quanto estou feliz... — Ele comentou. — Eu não consigo deixar de te amar, Beth Lee.

— Não mais do que eu — garantiu com um sorriso tímido.

Ele a segurou pelo pescoço e a puxou para um beijo apaixonado antes de levantar e sair a passos largos. Beth Lee sorriu para si e mordeu o lábio, tentando acreditar que a felicidade estava de volta a sua vida e Bob estava ao seu lado. A última vez que aquele forte sentimento a consumiu, perdeu tudo da noite para o dia. Era inevitável se recordar.

Enrolada no cobertor, ela se levantou e se aproximou da janela, soltando um longo suspiro angustiado. Pensou em Sandy Lee e o quanto sua irmã sofria com aquela vida maldita. Batidas na porta interromperam seu fluxo de pensamentos.

— Sim? — perguntou.

Beth Lee deixou o cobertor de lado e colocou o vestido que usara na noite anterior pela cabeça, enfiando as mangas depressa.

— Sou eu, Donna Mae — avisou.

— Bom dia. — Beth Lee abriu a porta.

Donna Mae entrou.

— Bom dia, Beth Lee. — Donna sorriu. — Eu estava pensando se gostaria de passar o dia comigo, conhecendo a cooperativa?

Beth Lee a abraçou de repente e Donna Mae lhe devolveu o abraço carinhoso.

— Perdoe-me, Donna. — Ela se afastou para encarar a amiga. — Acredito que não fui uma boa amiga nos últimos anos.

— Não há o que perdoar, somos amigas, como irmãs. Compreendo perfeitamente seus motivos!

— Mas agi mal com você, e não tinha nada a ver com o que estava acontecendo.

— Você foi muito má comigo! — Donna observou sincera. — Porém, em seu lugar talvez eu fizesse pior. Eu atiraria em toda sua família!

Elas riram.

— Eu estava cega pelo ódio, pela decepção. Sinto muito por não estar ao seu lado quando seu pai se foi... Olhei apenas para a minha dor e me esqueci da sua, até mesmo sobre Tim.

— Digo o mesmo por seus pais ou por Sandy Lee. — Donna segurou a mão dela. — Mas o tempo cura tudo, até os mal-entendidos.

— Claro. — Beth Lee limitou-se a concordar.

— Pretende ficar aqui conosco, não é? Voltar para casa?

Ela e Bob não haviam falado sobre isso, a vida deles era tão diferente, agora. Ele era um Texas Ranger e não sabia o que seria do futuro deles ao enfrentar o Bando da Morte.

— Não é tão simples assim, Donna — encolheu os ombros. — O Bando da Morte ainda existe.

— Mas Bob e Brad vão ajudá-la a resolver isso. — Donna soltou a mão dela. — E tenho certeza que Bob não vai deixá-la ficar longe dele, nunca mais.

Sandy Lee não queria ficar feliz com aquelas palavras. Mas mesmo que conseguisse esconder o sorriso que se formou em seu rosto, seu coração a denunciava por bater tão forte.

— Quando esse Bando deixar de existir e minha irmã e Palmer pagarem pelo que fizeram, eu terei paz — afirmou.

— Sua irmã vai pagar pelos crimes que cometeu. — Donna ficou séria.
— Mas você não é responsável pelo caminho que ela escolheu, Beth Lee. Ajudá-la não significa anular a si mesma. Já faz muito cuidando de Benjamin.

Beth Lee a olhou perplexa:

— Como sabe? Bob falou com você?

— Não. — Donna riu dela. — Eu a conheço muito bem, Beth Lee, e como esse menino não se parece com Bob e tenho certeza que você jamais teria filhos com outro homem, foi fácil concluir que aqueles olhos azuis são de Adam Palmer e sei que você o odiava...

Será que Benjamin ficaria como o pai? Tinha que admitir que ele se parecesse muito com a família Palmer, mas ela preferia ignorar esse detalhe, por enquanto.

— Se você notou, outras pessoas podem notar — comentou preocupada.
— Seria perigoso para ele.

— Há muitas pessoas novas na cidade, a família Palmer se foi há muito tempo — argumentou. — Não deve se preocupar com isso e eu jamais repetiria isso para outra pessoa.

— Você é a melhor amiga que alguém pode ter, Donna Mae.

— Eu sei — brincou e elas riram. — Agora se arrume, vamos dar um passeio!

— Está bem! — concordou.

— Espero você na cozinha! — avisou e saiu.

Beth Lee assentiu e respirou fundo. Uma coisa era ser bem-recebida pelos Clarckson que gostavam de sua família, mas foi inevitável se perguntar como os moradores de Crescentfalls reagiriam quando soubessem que ela estava de volta.



— A cooperativa trabalha o dia todo para atender as encomendas. — Donna Mae explicava enquanto caminhavam através dos galpões.

Algumas pessoas reconheciam Beth Lee e paravam de trabalhar para vê-la passar. Cutucavam umas às outras e fofocavam. Alguns rindo, outros fazendo

comentários com desdém.

— Fechamos com um importante comerciante de Montana o estoque de couro para quatro lojas. — Donna contou orgulhosa e chegaram ao escritório repleto de papéis em cima das mesas. — A parte da negociação é comigo, e a velha Trulie me ajudava com a papelada, mas há um ano ela começou a ficar cega, e agora não pode trabalhar mais com esta parte burocrática — explicou.

— Tudo cresceu muito. — Beth Lee observou olhando a papelada em cima da mesa. — Como está fazendo para se organizar?

— Não estou fazendo — admitiu. — Por isso, a chamei aqui.

— O quê? — Beth Lee perguntou surpresa.

— Não vou mentir — falou indo para o outro lado da mesa e encarando a amiga. — Preciso de alguém de minha máxima confiança para organizar tudo, a parte burocrática, a papelada, contas para pagar, compras, pagar funcionários, contratar, e não consigo fazer isso sozinha. Preciso de você, Beth Lee.

— Eu? Mas, Donna...

— Não há ninguém melhor. — Ela a cortou. — Quando eu a vi ontem, tive certeza que você foi à resposta para as minhas orações!

— Exagerada. — Beth Lee não se gabou. — Eu não sei como vão ficar as coisas ainda — admitiu. — Preciso ajudar Sandy Lee e então poderei ter uma vida normal.

— Tudo bem. — Donna concordou. — Mas estes dias que está aqui, já não pode começar ajudando? — propôs. — Eu pago bem.

Beth Lee riu da amiga. Sabia que Donna não a deixaria em paz enquanto não a ajudasse. Era determinada demais para desistir de algo em que acreditava.

— Façamos assim. — Beth Lee resolveu propor. — Eu a ajudo esses dias sem cobrar nada e então, depois que tudo se resolver e eu e Bob decidirmos o que vamos fazer, ficar ou partir, falamos sobre um salário...

Donna soltou um grito de felicidade, correu e abraçou a amiga.

— Obrigada, Beth Lee. Podemos começar a organizar tudo agora?

— Claro...

Beth Lee se sentou à cadeira e começou a olhar os papéis enquanto Donna Mae começava a lhe contar sobre sua vida de casado com Bradford Dawson. Notou que sentira falta da amiga e de suas conversas. E sentiu que era bom estar de volta.

— Acha que aquela está de volta na cidade? — A costureira perguntou ao

ver Beth Lee sentada na cadeira ajudando Donna Mae.

Eva estava tão concentrada que se incomodou com o burburinho causado pela visitante que acompanhava a senhora Dawson.

— A irmã da maldita, também é maldita! — A outra disse.

E pelo visto, não era bem-vinda, Eva concluiu com pesar. Afinal, estava na língua das fofoqueiras e ela detestava falar da vida dos outros. As mulheres continuaram especulando se a visitante que se chamava Beth Lee estava de volta à cidade. Pelo nome, não foi difícil concluir que ela era irmã da perigosa Sandy Lee. Eva conhecera a criminosa, por isso, não conteve a curiosidade e olhou para a mulher de cabelos ruivos que parecia tão tranquila e serena ao lado de Donna Mae. Não tinha nada a ver com a mulher louca, de olhar invejoso com quem Eva teve o desprazer de encontrar uma vez. E a tal de Beth Lee não tinha que pagar pelos erros da irmã, detestava aquelas coisas que as mulheres continuavam dizendo.

Limpou a garganta algumas vezes, até as fofoqueiras notarem que estavam incomodando e pararam de falar. Mas não sem antes olhar com desdém para Eva. Ela queria apenas saber de trabalhar e juntar dinheiro para comprar outro vestido, o seu fora perdido no fogo na noite anterior por causa daquele louco.

Quando voltou para casa, no fim da tarde, estava exausta. Seus dedos doíam e ela colocou água para ferver no fogão de lenha para banhar sua mão com sal e relaxar. Acendeu duas velas e entrou em seu pequeno quarto carregando uma. Havia um lindo vestido verde em cima de sua cama. Aproximou-se com cautela e tocou o tecido que deslizou por entre seus dedos. Tentou não sorrir, mas apenas uma pessoa teria colocado um vestido novo ali.

Era um vestido lindo, seu tecido verde escuro era bordado de flores pretas, e embaixo dele abria uma saia preta maior e mais rodada. No colo, o bordado tinha um laço e subia pelos ombros em uma única alça. Há muito tempo, ela não via um vestido tão perfeito. Embora soubesse esconder muito bem seus sentimentos, seu coração se alegrou diante da atitude daquele bonito estranho.

— Gostou?

Ela assustou com a voz e soltou um grito, tropeçou na barra do próprio vestido ao tentar se virar para ver o intruso, e acabou se desequilibrando. Jeremiah foi rápido e a segurou pela cintura, mantendo-a de pé contra seu corpo firme. Ele não precisava mais do que aquele simples toque para saber que desejava aquela mulher e, por isso, não conseguia parar de pensar nela desde a

noite anterior.

Eva tocou o peito largo e duro como uma rocha e seu coração pulou dentro do peito com aquelas grandes mãos em sua cintura. Ele era lindo! E um devasso por entrar na casa dela daquela forma e segurá-la com tanta intimidade!

— Me solte! — Ela bateu contra o peito dele.

Jerry se ofendeu e a soltou. Eva caiu sentada no chão, aos pés dele.

— Oh! — levantou-se depressa e o encarou. — O que faz aqui?

— Vim lhe trazer um vestido novo — explicou paciente caminhando até a porta do quarto e parando para olhá-la. — Era o mínimo que podia fazer.

— Não deveria entrar sem bater ou ser convidado na casa das pessoas, sabia? — devolveu nervosa.

— As portas sempre estão abertas para mim — assegurou de uma forma que fez a arrepiar e ficou irritada por sucumbir ao charme daquele homem.

— Não as minhas portas...

Ele a ignorou.

— Gostou do vestido?

— É o vestido mais lindo que já vi — admitiu. — O senhor tem um excelente bom gosto. Mas eu não tenho onde usá-lo, senhor, é um vestido de festa. Pode leva-lo embora!

— Vai usá-lo hoje.

— Hoje?

— Vou levá-la a uma festa.

Ela o fitou, chocada.

— O senhor não me convidou e eu não aceitei...

Ele foi caminhando para a pequena sala e ela o seguiu, mas não sem antes tropeçar. Jerry voltou-se para ela preocupado:

— Já pensou em usar óculos?

— Óculos?

— Sim. Talvez seja desastrada por falta de óculos! — supôs.

— Não. Sempre fui assim — defendeu-se. — Mas o senhor não respondeu à minha pergunta.

Jerry respirou fundo, estava diante de uma mulher segundo os costumes de ser cortejada. Ele faria isso sem problemas. Mas porque era ela e nenhuma outra. E ele não estava acostumado a questionar a si mesmo por suas vontades.

Era dessa forma que queria e pronto.

— Gostaria de me acompanhar a uma festa, senhorita? — Ele se aproximou e pegou a mão delicada e a beijou.

Eva soltou um leve gemido. Estava perdida nas mãos daquele homem.

— Sim — respondeu sem pensar.

— Então se arrume. — Ele piscou para ela. — Voltarei em duas horas para buscá-la. — E saiu batendo a porta.

Eva se perguntou o que estava fazendo, ela não sabia o nome dele ou em que festa a levaria. Deveria ter enlouquecido, mas se permitiu tal imprudência. Estava em um lugar onde não a conheciam e podia se dar esse prazer de ser paquerada e paquerar um pouco. Por que não?

Capítulo XX

— Uma festa? — Donna Mae perguntou perplexa e encarou a tia. — Por que Jeremiah decidiu dar uma festa?

Caroline encolheu seus magros ombros com elegância:

— Em homenagem ao retorno de Bob e Beth Lee — explicou para as duas moças. — Você conhece seu irmão mais velho, adora um motivo para uma festa grandiosa.

— Por que isso me cheira a algo relacionado a alguma nova namorada? — Donna questionou.

— Pergunte a ele. — Caroline encolheu os ombros.

Ela jamais falava mal dos sobrinhos para quem quer que fosse, os defendia com unhas e dentes.

— Minhas roupas estão em minha casa! — Donna reclamou.

— Não se preocupe com isso. — Caroline avisou. — Jerry comprou vestidos novos para todas as mulheres da casa. — Ela riu balançando a cabeça. — Já está em seus respectivos quartos. Acredito que ele depenou o ateliê da senhora Brown. Ela ganhou o ano com todos os vestidos comprados.

Donna Mae olhou para Beth Lee e revirou os olhos.

— É apenas uma festa, Donna, por que está tão irritada?

— Porque trabalhei o dia todo e queria ficar em minha casa descansando ao lado do meu marido — falou de mau humor e bufou. — Fazer o quê, não é?

— Eu deveria estar irritada de ter que reencontrar todas as pessoas que falaram mal de minha família, não acha?

— Não se preocupe com essas pessoas arrogantes. — Caroline a tranquilizou. — Jerry nunca os convidou para nada, estarão presentes somente os moradores de Shepherd e alguns vizinhos muito queridos.

— Que bom — tentou sorrir aliviada.

— É melhor se arrumarem. — Caroline avisou. — Logo os convidados chegam e a festa começa.

— A senhora não vai se arrumar? — Beth Lee quis saber.

— Eu irei logo, preciso coordenar os empregados — sorriu e foi em direção a cozinha. — Não posso confiar que Jeremiah faça tudo, não é?

— Vamos... — Donna foi a frente, irritada.

Beth Lee foi para o seu quarto. Encontrou um vestido bege em cima de sua cama. Era lindo, de rendas da mesma cor que começavam no pescoço e desciam até a barra do vestido. As mangas eram compridas, mas apenas envoltas na renda transparente. Ela se limpou e o colocou. Chamou por Geórgia, mas um dos empregados avisou a Beth Lee que a senhora havia descido para a festa. Não a reprovou, afinal, duvidava Geórgia tivesse visto uma festa desde o próprio casamento.

Ajeitou os cabelos num coque fofo e riu de si mesma. Estava completamente diferente da Beth Lee dos últimos dois anos e exatamente igual à mulher feminina que sempre fora. Depois de pronta, desceu para a cozinha para ver se tia Caroline precisava de ajuda, estava receosa de encontrar os moradores de Crescentfalls. Não desejava criar um clima hostil na festa de Jeremiah. Bob poderia ter sido mais cavalheiro e esperado por ela. Notou que estava ficando ansiosa.

— Onde está à senhora Caroline? — Ela perguntou a Helen.

— Todos já estão no quintal — respondeu. — Poderia levar esse ramo de flores para a senhora Clarckson, por favor? Ela me pediu para colocar dentro de um dos vasos e preciso olhar as panelas com comida.

Beth Lee pegou o buquê de flores do campo e sorriu em afirmação. A porta da cozinha foi aberta e Jeremiah surgiu muito bem vestido com sua roupa impecável, chapéu de couro novo.

— Beth Lee!. — Ele lhe sorriu charmoso, pegou a mão dela e a beijou. — Está muito bonita!

— Obrigada pelo elogio e pelo vestido — olhou para si. — Você tem bom gosto para roupas.

— Foi Bob que escolheu o seu. — Ele confidenciou com um sorriso malicioso. — Ele jamais permitiria que outro homem que não ele, fizesse isso.

Ela riu nervosa.

— Ele amadureceu muito. — Jeremiah prosseguiu: — O seu amor por ele o transformou, mas ele ainda continua um ciumento.

Beth Lee riu dele.

— Não seja bobo...

Jerry sorriu outra vez e lhe ofereceu o braço:

— Entraria comigo na festa?

— Eu? — perguntou arregalando os olhos.

— Sim — insistiu.

— Tenho certeza que centenas de garotas estão lá fora querendo entrar com você na festa...

— Mas nenhuma delas é minha cunhada, se chama Elizabeth Lee Malick e vai ser o centro das atenções hoje! — Ele pontuou.

Sabia o que ele queria dizer e sentiu certo prazer por entrar na festa com Jeremiah para que todos soubessem que os Clarkson a recebia de volta.

— Está bem — concordou.

Aceitou o braço dele e Jeremiah a conduziu para os fundos da casa e saíram à porta.

O coração de Beth Lee parecia ter parado de bater quando ela vislumbrou a cena a sua frente. Havia um altar montado. Atrás do púlpito branco, havia um padre, a frente dele Robert Clarkson e ao redor dezenas de convidados. Ela apertou o braço de Jeremiah e ele murmurou para ela:

— Imaginei que não se importaria se eu a levasse até o altar...

Beth Lee não sabia o que dizer ou o que fazer. Olhou para Bob. Ele estava lindo com sua roupa impecável, o cabelo penteado e sorrindo para ela como se ela fosse a mulher mais importante do mundo. E sentiu que naquele momento era. Não resistiu a emoção que a acometia ao ver as pessoas que mais amava reunidas para o que parecia ser um casamento.

— Vocês me enganaram... — sussurrou.

— Foi tudo ideia de Bob — assegurou batendo levemente na mão dela sobre o seu braço. — Poderá reclamar com ele depois! Está preparada?

Ela fez que não, rindo entre as lágrimas.

— Era isso que eu esperava. — E começou a andar com ela em direção ao altar.

Beth Lee sentia seu corpo tremer e mordeu os lábios, enquanto as lágrimas teimosas escorriam por seu rosto. Não podia acreditar que Bob fazia aquilo com ela. Armou um casamento em segredo. Ele era louco?

Sem tirar os olhos dele, ela caminhou pelo corredor onde se dispunham os convidados. Ela não conseguiu enxergar ninguém além do homem que amava e por quem seu coração batia forte. A cada passo, ela se recordava dos momentos bons vividos juntos, com a certeza que nunca haveria outro homem em sua vida que não fosse Robert, o amaria até o fim de seus dias.

Agora entendia o buquê de flores que Helen lhe dera e riu disso. Fora enganada sem perceber. Jeremiah parou perto de Robert e beijou a mão de Beth Lee.

— Boa sorte — sorriu charmoso e foi para perto da moça loira de vestido verde que estava ao lado de Donna Mae.

A amiga lhe sorriu com carinho.

Robert a pegou pela mão e beijou sua testa. Beth Lee o encarou e foram para frente do padre que começou a cerimônia de casamento. Na hora das alianças, Geórgia veio trazê-las com Benjamin em seu colo, e Beth Lee se emocionou ainda mais. Quando Robert foi colocar a aliança em seu dedo, estava tremendo e seus olhos estavam carregados de lágrimas.

— Beth Lee, eu juro por minha honra ser o melhor marido que uma mulher pode ter. Vou amá-la, respeitá-la, cuidar de você até que a morte nos encontre. Nunca vamos nos separar, porque eu sei que viver sem você é morrer um pouco a cada dia. Eu te amo...

Ela chorou novamente. E o padre os declarou casados. Bob a beijou levemente nos lábios e todos gritaram e bateram palmas, dando início a festa.

— Não acredito que me enganaram! — Ela disse a Robert depois que se sentaram à enorme mesa onde todos os convidados estavam acomodados.

Todas as pessoas presentes. Pessoas queridas para Bob e Beth Lee e jamais a julgariam pelos erros de Sandy Lee.

— Foi tudo muito bem arquitetado. — Jeremiah garantiu com orgulho, sentado ao lado de Bob.

— Eu tive a ideia hoje de manhã quando acordamos e falei com Jerry durante o café, e ele disse que cuidaria de tudo para mim, que eu deveria procurar o pároco e comprar as alianças. — Bob contou.

— Meu trabalho foi distraí-la o dia todo e fazer parecer que a festa era algo normal de acontecer. — Donna Mae contou sentada ao lado de Beth Lee.

A noiva riu extasiada.

— Eu nunca desconfiei de nada...

Bob beijou a mão dela.

— Gostou da surpresa?

— Eu amei. — Ela riu novamente. — Você é louco, Bob!

— Louco por você!

Todos ao redor debocharam.

— A dança dos noivos! — Jeremiah avisou.

Beth Lee e Bob se levantaram e foram para o centro do pátio. Um grupo começou a tocar música e eles começaram a dançar lentamente, abraçados. Logo outros casais se uniram a eles, inclusive Donna e Brad e Jerry e a moça de vestido verde.

— Quem é esta moça que está com seu irmão? — Beth Lee perguntou curiosa.

— É uma das novas costureiras de Donna Mae. — Ele olhou para eles e depois para sua esposa. — Por quê?

— Nada, eu tenho a impressão de conhecê-la de algum lugar — forçou a memória. — Mas não me recordo de onde.

— Ela é nova aqui, sei que seu nome é Eva — contou. — Foi como Jerry a apresentou para mim...

— Entendo... — sorriu para Bob e mudou de assunto. — Não consigo acreditar que nos casamos.

— Eu também. Nós nos reencontramos e veja agora. — Ele ergueu a mão dela com a aliança. — É a senhora Clarckson.

— Vou ter que me acostumar com isso — sorriu.

— Vai se acostumar, é para sempre.

Ela suspirou.

— O que foi?

— Nossa vida fora dos limites de Shepherd — lembrou.

— Não vamos falar disso agora, está bem? — Ele sorriu com ternura. — É nosso casamento, temos que nos divertir e aproveitar.

— Tudo bem — concordou, resolvendo não estragar o delicioso momento.

Ele a girou na pista e ela riu feliz. Há quase um mês, ela salvou a vida de Bob e jamais poderia imaginar que aquele reencontro terminaria em uma cerimônia de casamento e ela cada vez mais apaixonada por ele. Bob tirou Geórgia para dançar e depois tia Caroline. Beth Lee conversou com algumas pessoas conhecidas e acabou por se aproximar da acompanhante de Jeremiah, Eva.

— Parabéns pelo casamento. — A moça falou simpática.

— Obrigada. — Beth Lee sorriu.

— Sou Eva. — Ela se apresentou.

— Beth Lee... Você é daqui de Crescentfalls?

— Não, vim trabalhar como costureira — explicou. — Sou de Austin.

— Longe — observou.

— Muito.

A mulher era evasiva, não dava respostas concretas, ou era tímida demais. Beth Lee acreditou por optar pela primeira impressão.

— Tive a impressão de já conhecê-la. — Beth Lee comentou. — Mas como nunca estive antes em Crescentfalls, na época em que morei aqui, acho que estou confundindo você com alguém...

— Sim, eu me lembraria se tivéssemos nos encontrado.

— Claro...

— Beth Lee. — Robert surgiu para puxá-la. — Acredito que está na hora de deixarmos à festa.

— Claro — olhou para Eva. — Com licença.

— Fiquem à vontade. — Eva falou animada.

Beth Lee e Robert saíram da festa sem chamar a atenção. Montaram no cavalo dele e Bob se foi a largo galope.

Jeremiah aproveitou e se aproximou de Eva, tocando suas costas com a palma da mão. Tocar o corpo dela era um prazer delicioso para ele. Era fácil, agradável e lhe dava prazer. Eva olhou para ele e sorriu. Não poderia imaginar que ele era Jeremiah Clarckson. E apesar dos riscos que corria sendo acompanhante dele e que descobrisse seus segredos, ela não conseguia se conter em não se aventurar ao lado dele. A atração que sentia por ele era um enigma inominável para ela. Não era o sobrenome que a atraía, era o homem.

— Quer dar um passeio pela noite? — Ele a convidou.

— Não sei se seria prudente — falou séria.

— E por que não?

Ela ergueu uma sobrancelha e o fitou com ironia:

— Porque a última coisa que preciso, senhor Clarckson, é ter meu coração partido. — Ela o encarou.

Jeremiah não esperava por tanta sinceridade. Ele usou do seu bom humor para enfrentar os sentimentos que o tomavam quando estava diante daquela mulher.

— Está dizendo que pode se apaixonar por mim?

— Tem alguma dúvida?

Jerry respirou fundo bem devagar analisando aquela situação toda. Não compreendia o que estava havendo, mas o olhar daquela mulher o fazia querer ficar de joelhos diante dela e implorar para que compartilhasse de sua cama. Entretanto, ele tinha um autocontrole ferrenho.

— Posso pelo menos levá-la até sua casa? — perguntou.

— Sim. — Ela respondeu com um sorriso genuíno. — Acredito que isso não me fará cair aos seus pés.

— Duvido, já que fez isso as duas vezes que nos encontramos — recordou.

Ela não queria rir, mas não conseguiu controlar e riu.

— Não fazia ideia de quem era... — precisou falar.

— Isso não importa — falou com o olhar intenso sobre ela. — Na verdade, quem fomos é o que menos me interessa, nesse momento.

Ela prendeu o fôlego. Aquele homem era a tentação em pessoa: bonito, charmoso e sarcástico. E o coração de Eva era muito frágil para suportar a força daquela paixão que espreitava suas emoções.

— Vamos?

Ela assentiu e seguiram caminhando lado a lado até a carroça perto dos estábulos.

— Quem é aquela moça que está com Jeremiah, Donna? — Caroline quis saber.

Donna olhou o casal que partia na carroça.

— Eva Joyce — respondeu. — Está trabalhando conosco há algum tempo na cooperativa.

Caroline estreitou o olhar.

— O que foi? — Donna quis saber.

— Conheci uma família Joyce, mas tenho certeza que nenhuma mulher da família deles trabalharia — comentou.

— Não sei muito sobre ela. — Donna prosseguiu com a conversa. — Apenas que veio de Austin para cá em busca de emprego. É uma das melhores costureiras que tenho, se não a melhor. Espero que Jeremiah não quebre o coração dela e eu perca minha melhor profissional...

— Ele parece bastante interessado nela. — Caroline falou pensativa. — Seu irmão nunca trouxe uma mulher a esta casa.

Donna olhou em direção ao casal que desaparecia na paisagem.

— Vamos torcer para que tudo dê certo entre eles, não é?

— Com certeza. — Caroline sorriu.

Jeremiah parou a carroça em frente à casa de Eva e foi ajudá-la a descer.

— Obrigada, senhor Clarckson.

— Quantas vezes já pedi para me chamar de Jeremiah?

— Inúmeras vezes — respondeu. — Mas não me sinto à vontade... Não somos íntimos.

Ele a beijou. Não foi um beijo longo, nem muito íntimo. Mas, o suficiente para despertar nos dois as mais intensas emoções.

— Por que fez isso? — Ela o questionou levando as mãos aos lábios.

— Agora somos íntimos? — devolveu sério.

— Eu deveria lhe dar um safanão por tamanha imprudência!

Jeremiah a segurou pela cintura e num ímpeto louco, a beijou novamente, estreitando seu corpo contra o dela. Sentindo cada centímetro daqueles lábios lindos juntos dos seus, trêmulos, apaixonados. Ela derreteu nos braços dele, e o abraçou sem conseguir resistir. Quando ele se afastou, sorria para ela, Eva estava perdida para sempre.

— Boa noite, Eva.

— Boa noite, Jeremiah...

Ele a soltou devagar, e ela deu um passo para trás, se desequilibrando, mas segurou na carroça. Disse *boa noite* mais uma vez e foi em direção às escadas, tropeçou ao subir os degraus e deixou a chave de sua casa cair duas vezes antes de conseguir abrir a porta e entrar. Encostou-se na porta e respirou fundo. Se naturalmente costumava cometer as maiores gafes, apaixonada por aquele homem teria que ser vigiada para não fazer uma besteira quando sabia que aquele beijo povoaria seus pensamentos o resto de sua vida.

Jeremiah sorriu e subiu na carroça, voltando para casa.

Nenhum deles notou que eram observados das sombras.

Capítulo XXI

Bob levou Beth Lee para a nova casa. Ele a pegou no colo e parou diante da porta da casa branca de janelas azuis e de dois andares.

— Que casa é essa?

— Construí quando nos separamos — contou.

Ele abriu a porta e entraram. Ele a deixou no chão e ela o encarou, perplexa, e depois olhou tudo ao redor. Os móveis lindos, novos e organizados.

— Você o quê?

— Eu queria me casar com você e acreditava que poderia convencê-la a voltar para mim, então, no primeiro ano que ficamos separados, construí essa casa para você...

Ela andou pela sala e viu que tudo era perfeito, da forma que sempre sonhara e dissera a ele que queria. Até mesmo a lareira, ou a cortina branca de bordado de flores, ou o móvel no canto com o vaso de flores do campo, suas preferidas.

— Fez tudo isso para mim? — perguntou emocionada.

— E vou fazer mais, Beth Lee. Vou te fazer a mulher mais feliz do mundo! Eu prometo!

Ela foi até ele e o beijou apaixonada. Nada na vida podia ser mais importante do que estar com Bob. Ela se perguntou como conseguiu ficar tanto tempo longe dele.

— Quero fazer amor com você em todos os cômodos. — Ela pediu contra os lábios dele.

— Farei o que quiser, meu amor...

E a beijou empurrando-a contra a parede, beijando seu pescoço, desatando o coque de seu cabelo, passando as mãos pelo corpo.

— Faça amor comigo, agora! — Ela implorou.

Bob ergueu sua saia e segurou firme suas nádegas, fazendo-a abraçá-lo com as pernas, abriu suas calças e a possuiu com frenesi. Ela segurou nos móveis enquanto ele seguia dentro dela, entregando-se, enlouquecendo-a. Ela gemia alto livre e ele encostou a cabeça em seu ombro quando o corpo de ambos começou a perder os sentidos e o gozo os tomou, completamente. Bob beijou sua

boca e sem deixar de carregá-la, subiu as escadas para o quarto, pronto para tê-la mais uma vez e tocar seu corpo até que ela implorasse para ele parar.

Ele ia recuperar todo o tempo perdido.



Beth Lee acordou de manhã e se espreguiçou, antes de virar-se na cama e abraçar Robert, ele dormia profundamente. Beijou os cabelos do marido e saltou da cama, estava com fome. Foi até a cozinha e abriu os armários e não encontrou nada. Quando fechou a porta se deparou com uma mulher parada em pé no meio de sua cozinha.

Soltou um grito e viu Sandy Lee desmaiar. Correu até ela e notou que ainda respirava. Bob surgiu no mesmo instante, usando apenas a calça.

— O que foi?

— Sandy Lee! — falou desesperada. — Ela desmaiou.

Bob também constatou que ela estava viva e a ergueu em seu colo.

— O que vai fazer? — Beth Lee o seguiu.

— Levá-la para o quarto de hóspedes, o que achou que eu ia fazer? — perguntou por cima do ombro.

Bob chutou a porta do quarto de hóspedes e depositou Sandy Lee em cima da cama. Ela estava pálida e ele colocou a mão em sua testa.

— Está ardendo em febre — constatou.

Beth Lee se aproximou da irmã olhando-a a procura de qualquer ferimento. Abriu seu casaco, havia muito sangue na parte superior da camisa e o cheiro era muito forte. A ferida do tiro que ela levara em Bells estava infeccionada, e pelos cálculos de Beth Lee ela estava assim há quinze dias.

— Precisa chamar um médico, Bob, ela não está bem! — olhou para o marido.

Bob tocou seu ombro com carinho.

— Fique aqui com sua irmã, eu vou buscar o médico — avisou solícito.

Ela segurou a mão dele e a beijou com delicadeza.

— Obrigada.

Ele assentiu, olhou para Sandy Lee preocupado e saiu. Sabia que aquela ferida era grave, já vira outras antes e tinha certeza que sua cunhada não tinha muito tempo de vida, a ferida fedia e estava gangrenando. Ou ela perderia o braço ou a vida.

Com cuidado, Beth Lee tentou tirar a jaqueta da irmã, e Sandy Lee acabou acordando, gemendo de dor por sentir o corpo queimar. Confusa, levou alguns segundos para reconhecer sua irmã mais nova.

— Beth — murmurou.

— Sandy Lee — acariciou o rosto quente. — Como me encontrou?

— Não foi difícil — forçou um sorriso. — Fui até o rancho de Geórgia e um vizinho me disse que ela havia fugido com uma mulher doente e um Ranger. Não foi complicado deduzir que era Robert. — Ela segurou a mão de Beth Lee. — Vocês se casaram, finalmente.

— Sim — assentiu.

— Eu vi tudo ontem, e os segui até aqui...

— Deveria ter me chamado — repreendeu.

— Já carrego muitas culpas, Beth Lee. Não poderia carregar a responsabilidade de estragar sua noite de núpcias... Imagina o que as pessoas fariam se soubesse que estou aqui.

Beth Lee riu e lágrimas vieram aos seus olhos.

— Como conseguiu fugir?

Sandy Lee engoliu em seco sentindo que o corpo queimava e estava ficando difícil respirar.

— Matei Palmer e fugi. — As lágrimas escorreram pelo rosto frágil de Sandy Lee e contou como fizera. — Deixei o mundo livre dele.

— Sinto muito que tenha feito isso.

— Foi o melhor. Palmer não ia parar nunca... — falou magoada. — Ele se tornou um monstro sanguinário e a responsabilidade foi toda minha.

— Chega de culpas...

— Não — fez que não. — Vou levar as minhas comigo, Beth Lee, e você não vai me impedir. Eu destruí todos ao meu redor por causa do meu egoísmo: acabei com a vida de Frank, de Palmer, matei nossos pais. — Ela tossiu. — E quase destruí a sua...

— É melhor parar de falar! — Beth Lee não conteve as lágrimas. A mão da irmã estava ficando cada vez mais fria. — Precisa descansar até o médico

chegar.

Sandy Lee a ignorou:

— Queria tanto poder voltar atrás. — Ela prosseguiu: — Queria tanto ter casado com Palmer e ter levado a vida simples no rancho com ele. Benjamin teria irmãos — falou magoada consigo. — E Palmer jamais teria roubado gado com Tim Clarckson. Ele fez tudo aquilo por minha causa, se envolveu com Joyce para me dar uma vida melhor e veja o que eu fiz...

— Esqueça isso, você vai dar a volta por cima, eles a julgarão e cumprirá sua pena e poderá ser uma boa mãe para Benjamin...

— Você e seu mundo rosa! — debochou. — Sempre senti inveja de você, Beth Lee.

— Bobagem e não quero ouvir isso.

— É verdade... E tentei impedi-la de ser feliz de todas as formas, e veja no que deu. Você colheu o que plantou e está feliz. Espero que um dia me perdoe...

— Eu já a perdoei, Sandy Lee...

Sandy Lee tossiu e dessa vez saiu sangue. Betty Lee pediu em uma silenciosa prece que o médico não demorasse com Bob.

— Sempre sonhei em ser uma senhora rica e veja no que me tornei, em um monstro!

— Todos nós temos direito a uma segunda chance. — Beth Lee relutou em aceitar os argumentos da irmã. — Não pode morrer, agora. Tem muito que viver.

— Eu não mereço — assegurou e os lábios tremeram para chorar e ela soluçou respirando fundo. — Você não tem ideia das coisas horríveis que fiz, estou cansada de tudo: dos erros, das almas que me perseguem... Não posso mais, não quero mais...

— Não diga isso...

Sandy Lee tossiu novamente e quase sufocou no sangue. Ela apertou a mão de Beth Lee e não a deixou se afastar.

— Nunca deixe Benjamin saber que é meu filho ou de Palmer — exigiu. — Prometa que nunca dirá nada a ele.

— Mas...

— Prometa, Beth Lee — exigiu. — Eu estou morrendo e a única coisa que peço é que nunca diga a ele sobre nós.

Beth Lee soluçou chorando e assentiu:

— Está bem, juro nunca dizer nada...

Sandy Lee tossiu.

— É melhor você descansar. — Beth Lee recomendou com medo que ela realmente morresse.

— Não há tempo! — Ela sabia que sua hora havia chegado. — As cartas... — murmurou e tossiu.

— Que cartas?

— As cartas... — respirou fundo se afogando no sangue. — Eu as guardei em meu quarto.

Beth Lee franziu o cenho:

— Na pensão?

— Sim... Cartas... Joyce...

Ela tossiu e levou alguns segundos para conseguir respirar normalmente.

— Estou com medo, Beth Lee. — Ela abraçou a irmã desesperada. — Tenho medo do que me espera do outro lado...

Abraçadas as duas começaram a chorar.

— Estou aqui, Sandy, não vou deixá-la ir...

Ela abraçou a irmã com mais força e ouviu um gemido rouco vindo de Sandy Lee e então ela afrouxou o abraço. Beth Lee sabia que ela havia partido. Para sempre...

— Não! — sussurrou e foi soltando a irmã aos poucos, até deitá-la na cama e chorar abraçada a ela.

Seu coração se quebrou em mil pedaços. Nunca imaginou que perder Sandy Lee seria tão doloroso e triste. Não precisava ter sido assim, mas infelizmente, Beth Lee não podia controlar as auguras do destino. Lembrou-se de quando eram meninas e brincavam juntas, jurando que seriam amigas até o fim dos dias. Caso pudesse voltar no tempo, ela teria abraçado Sandy Lee mais e dito a ela que era amada, talvez, ela não tivesse buscado tantas coisas ruins para se sentir satisfeita.

Quando Bob chegou com o médico e Dawson já era tarde demais. Ela correu para ele e o abraçou, chorando copiosamente. Bob a estreitou entre seus braços e o médico se aproximou da cama e constatou que Sandy Lee estava morta.



Dawson aconselhou que não a enterrassem junto da família no cemitério de Crescentfalls. Poderia chamar a atenção de curiosos e alguns mais afoitos por vingança. Um enterro discreto nas terras dos Clarkson seria o suficiente, além disso, ninguém além deles quatro deveriam saber. Caso um dos empregados da fazenda descobrisse, a notícia iria se espalhar e seria pior.

O que era para ser o primeiro dia de casados de Beth Lee e Robert se tornou um dia triste e nublado. Beth Lee ficou o resto do dia junto de Benjamin, como um consolo para mais uma perda irreparável. Ela estava sentada com o menino na varanda, brincando, quando Dawson se aproximou:

— Sei que é uma hora delicada, Beth Lee, mas precisamos conversar.

— Talvez seja melhor você esperar... — Bob interviu.

— Ele tem razão, Bob. — Ela disse com delicadeza. — Vocês têm que se reportar as autoridades de Austin.

— Eu fico com o menino para vocês conversarem. — Caroline falou saindo para a varanda e pegou Benjamin no colo. Geórgia também estava fechada no quarto chorando a perda de Sandy Lee.

Dawson esperou que ela entrasse na casa e se voltou para Beth Lee:

— Ela disse alguma coisa que possa nos ajudar?

Beth Lee respirou fundo e fez que sim:

— Contou que matou Adam Palmer — começou a falar.

— Ela explicou como o matou? Quando ou onde?

— Sim, ela o matou com excesso de um remédio que o médico mandou aplicar e fugiu — falou com pesar. — A conversa foi muito rápida, não tivemos tempo suficiente para detalhes.

Os homens se entreolharam. Sabiam que era importante cada coisa, por menos importância que aparentasse ter.

— Terei de informar meus superiores. — Bob disse a Dawson. — Já que

eu estava à frente da diligência. Eles vão mandar Texas Rangers para varrer a região de Nicholsonbridge atrás do corpo.

— Ela pode tê-lo enterrado. — Beth Lee supôs.

— Não se ela fugiu. — Dawson se atentou para esse detalhe. — E se não tiverem um corpo, as autoridades não o considerarão morto.

— A morte deles, entretanto, não impede que o General Joyce continue matando inocentes. — Bob conjecturou. — O Bando da Morte pode ter outros líderes.

Beth Lee se levantou e encarou o marido:

— Há uma maneira de incriminá-lo, talvez.

— Como?

— Sandy Lee contou que quando Brad foi prendê-la, ela guardou as cartas que Joyce escrevia para eles debaixo do piso, no assoalho.

— Quando ela lhe contou isso?

— Minutos antes de morrer — falou séria.

— Bennett reformou a pensão, pode ser que tenha encontrado e jogado fora. — Bob supôs.

— Mas não custa tentar. — Dawson retrucou.

— Vou até lá e pegar essas cartas. — Bob avisou.

— Vou com você. — Beth Lee disse e se virou para o marido. — Vou apenas trocar de roupa, me espere.

Beijou-o rapidamente e entrou.

Bob sabia que não adiantava discutir com Beth Lee. Ela iria com ele até o inferno se fosse necessário. Além disso, sabia o quanto era importante para ela ver o fim daquela história e participar era encontrar a própria paz. E ele não estava disposto a decepcioná-la novamente.

— Não acha que está arriscando muito a levando? — Dawson o questionou.

Bob não iria censurá-lo:

— É porque você não a viu atirar em três índios Sioux. — Bob falou orgulhoso. — Ou usar um chicote contra um homem...

Dawson estreitou o olhar:

— Está falando de Beth Lee?

— Exatamente.

— Não pode ser... — balançou a cabeça.

— E ainda atira montada em um cavalo — contou com admiração.

Dawson riu e balançou a cabeça:

— Não conte para Donna ou ela tentará fazer o mesmo — pediu.

— Pode deixar. — Bob respondeu rindo.

— Obrigado. — Dawson acenou com o chapéu. — Espero por notícias de vocês na delegacia. — E se foi.

Bob sabia que com a morte de Sandy Lee e a de Palmer, uma parte da história deles se findava, e o passado ficava para trás. Agora, cabia a ele decidir o que fazer dali para frente, continuar sendo um Ranger ou seguir em Crescentfalls cuidando de Shepherd junto de Jeremiah. Entretanto, havia algo muito simples naquela história toda que incomodava: como tudo se findou.

Independente da prisão do General Joyce, a morte prematura de Sandy Lee e Palmer tirava dele o direito à vingança. Notou que estava sendo tolo ao pensar nisso ainda, nada traria seu irmão de volta ou seu pai, muito menos os pais de Beth Lee. O importante era que estava casado com Beth Lee e começariam uma vida juntos. Pensando nisso, ele foi para os estábulos, arrumar os cavalos para eles irem à cidade.

Capítulo XXII

Beth Lee ouviu Bob argumentar com Bennett por alguns minutos e isso aumentou sua impaciência. O homem se recusava a deixá-los subir até o quarto. Donna lhe emprestara algumas roupas para ir até a cidade e ela pôde finalmente substituir o vestido por calças e camisa. Felizmente, ela e a amiga tinham o mesmo porte físico e pela primeira vez, vestiu-se como um homem sem ficar desmazelada. Bob até a elogiou dizendo que ficara bonita demais e talvez ele tivesse que proibi-la de sair de casa. Ela riu extasiada com a brincadeira dele.

Alguns hóspedes da pensão se aproximaram de Bennett e ele teve que lhes dar atenção e Bob ficou aguardando para continuarem conversando. Ela aproveitou a distração deles e subiu as escadas que davam para os quartos. Não imaginou que voltar a pensão lhe traria tantas lembranças doloridas. Enquanto subia as escadas pôde ver o pai descendo os degraus e sorrindo para ela, lhe dando um bom dia. Viu a mãe no alto da escada, com seu sorriso amistoso, segurando o cesto de roupas e dizendo que precisaria da ajuda dela para as tarefas da pensão e que tinham muito que fazer.

Chegou ao corredor, agora reformado, mas que mantinha as mesmas cores brancas na parede e o tapete vermelho no chão. Lembrou-se de si e de Sandy Lee correndo ali mesmo, sua irmã havia pegado sua boneca de pano Loly e não queria devolver:

— Devolva minha boneca, Sandy Lee! — dizia chateada pela irmã ser tão má.

— Não devolvo e veja o que eu faço com ela! — E Sandy Lee arrancou a cabeça da boneca.

Beth Lee gritou desesperada e foi para cima da irmã derrubando-a no chão. O pai teve que separá-las e Beth Lee arrancou sangue do rosto da irmã.

— Nunca mais toque no que é meu! — avisou com ódio por ela ter separado a cabeça de Loly. Por sorte, conseguiria costurá-la.

Sandy Lee mostrou a língua para ela. Deveria ter previsto que aquela diferença entre as duas se tornaria uma guerra para Sandy Lee e a levaria à loucura. Entretanto, jamais poderia imaginar que chegaria aquele ponto tão trágico.

Continuou andando até o fim do corredor, onde ficava o quarto de Sandy

Lee. Bateu à porta, mas como não houve resposta, abriu e entrou. O quarto estava vazio e a decoração completamente diferente. A cama de solteiro fora substituída por uma de casal. Havia uma nova cômoda com espelho perto da varanda e as cortinas eram de um xadrez vermelho. Ela tentou não se lembrar, mas viu a irmã sentada na cama sorrindo para ela, dizendo que ia se casar com Frank e que seria a mulher mais rica do Texas.

Engoliu em seco diante das emoções fortes que tomavam conta dela enquanto andava pelo quarto batendo o pé no chão em busca de alguma madeira solta. Felizmente, o piso não fora modificado, portanto, a chance de encontrar as cartas era grande.

Pisou na madeira e ela rangeu. Voltou e olhou para o chão e agachou. Bateu contra o piso e ele fez um barulho oco. Enfiou os dedos nas beiradas da tábua e a puxou com facilidade. Havia uma pequena caixa escondida ali. Com as mãos trêmulas, ela a pegou e viu mais um grande pacote, o pegou também.

— O que faz aqui? — A voz de Bennett soou atrás dela.

Beth Lee se levantou depressa e olhou para ele e para Bob que também entrava no quarto. Ele a reprovou com o olhar por ter entrado sem esperar por ele, mas não a repreendeu na frente de um estranho.

— Tudo que estiver nessa casa é minha propriedade! — Bennett avisou.

— Tente tirar isso de mim e estouro seus miolos! — Ela ameaçou.

Bennett engoliu em seco e deu um passo para trás.

— Isso pertenceu a minha família e é meu agora. — Ela falou sem rodeios.

— Vou chamar o xerife! — disse com a voz trêmula.

— Chame sua mãe para limpar suas calças! — Ela falou por entre os dentes.

Ele comprimiu os lábios para não responder. Viu as duas enormes pistolas no coldre de Beth Lee e sabia que ela poderia usar contra ele. Bob teve vontade de rir ao notar que a nova Beth Lee agressiva estava de volta. Concluiu que ela seria aquela mulher meiga e apaixonada apenas com ele, com os outros continuaria com aquele traço de sua personalidade forte e indomável.

— Vamos embora! — Bob falou e saíram do quarto.

Saíram da pensão e ele voltou-se para ela:

— Deveria ter me esperado!

— Eu sei — admitiu. — Mas se dependêssemos dele, não pegaríamos

esse pacote nunca.

— As cartas estão aí?

— Não tive tempo de ver e...

— Assassina! — Uma mulher gritou chamando a atenção deles. Era uma nova moradora de Crescentfalls e eles não a conheciam.

— O que foi que disse? — Bob desceu um degrau e notou que as pessoas começavam a se juntar na frente da pensão como se estivessem esperando a saída deles.

— Bob. — Beth Lee tentou segurá-lo.

— Ela é uma assassina! É uma Malick que mata inocentes!

O sangue de Bob ferveu. As pessoas começaram a gritar contra Beth Lee, a chamando de todos os nomes horríveis, gritando que ela fosse embora, que eles não a queriam ali. Ele não se conteve. Olhou para a esposa assustada, que não sabia o que fazer e então tomou a decisão. Pegou seu revólver e atirou para cima, fazendo a aglomeração de pessoas se calarem no mesmo instante.

— Para quem não me conhece, sou Robert Clarckson. — Ele gritou para eles. — Sou dono da Fazenda Shepherd e um Texas Ranger. E esta. — Ele puxou Beth Lee para seu lado. — É a senhora Elizabeth Lee Clarckson, minha esposa. Quem tiver qualquer coisa contra ela, pode vir e falar comigo. Do contrário, se ousarem ofender minha esposa, vocês estarão ofendendo a mim. Se a xingarem, estarão xingando a mim. Terão de resolver comigo qualquer coisa que acreditem ter contra ela. Fui claro?

A mulher que havia iniciado aquela revolta contra Beth Lee se encolheu. E os outros também.

— A maioria de vocês depende de Shepherd para sobreviver e tenho certeza que não vão querer ter que deixar a cidade por causa de um mal-entendido e ter os Clarckson como inimigos! — ameaçou claramente.

Dawson estava encostado na varanda da delegacia e sorriu ao ver o acontecimento. Era um prazer ver aquela gente se calar diante da autoridade de um homem apaixonado. Ele mesmo fizera isso por Donna Mae.

As pessoas começaram a se dispersar e Bob segurou a mão de Beth Lee e foram para a delegacia.

Um homem que estava à frente do saloon, usando uma grande capa e um chapéu que tampava seu rosto, os viu entrar na delegacia, acompanhados de Dawson. Sem ser notado, devido à movimentação do comércio na rua do vilarejo, ele atravessou até a delegacia com sua bota de esporas de prata e foi para

a lateral, onde havia uma janela e ele podia ouvir a conversa.

— Conseguiram as cartas? — Dawson perguntou se sentando à mesa e olhando para o casal.

Beth Lee jogou o pacote em cima da mesa e a caixa também.

— Era isso que estava debaixo do piso, como Sandy Lee contou. — Ela falou.

— Posso? — Dawson pediu permissão para mexer.

Ela assentiu e ele pegou a caixa. Abriu-a e havia inúmeras cartas. Constatou que todas eram endereçadas a Adam Palmer ou Timothy Clarckson, em nome do General Joyce, mas eram assinadas por E. Joyce.

— Estão aqui. — Dawson falou aliviado. — Vou lê-las se não se importar e ver o que podemos fazer com elas.

— Não me importo. — Beth Lee assegurou.

— E esse pacote? — Bob apontou.

Dawson abriu. Era dinheiro. Muito dinheiro.

— Deve ser o dinheiro que conseguiam com o roubo do gado. — Ele supôs.

— Provavelmente... — Bob concordou. — O que servirá apenas como prova, afinal, todos os interessados estão mortos.

— Esse dinheiro é da sua família. — Dawson comentou. — O pagamento pelo gado.

— Dinheiro maldito. — Bob falou com desprezo.

— Vou reportar que o encontramos, e então poderá decidir o que fazer com isso.

— Caso não queria o dinheiro de volta, deixe-o para Benjamin. — Beth Lee observou. — Não paga o fato de ele ser filho de quem é, mas tenho certeza que Sandy Lee deixaria para o próprio filho o dinheiro que pertencia a ela e a Palmer.

Eles não responderam, ouviram um barulho na lateral da delegacia e Dawson se levantou para ver o que era. Olhou através da janela e não viu ninguém. Voltou para perto da mesa.

— Já enviei o telegrama a Austin avisando da morte de Sandy Lee e de Palmer, eles vão buscar pelo corpo. — Bob avisou. — Talvez eu devesse me juntar a eles.

— Eu irei com você... — Beth Lee o informou.

— Estarão reunidos um grupo de Rangers, não posso levá-la.

— Então, não vou com você. — Ela retrucou. — Vou sozinha. Eu encontrarei o corpo de Palmer.

— Teimosa! — Ele disse entre os dentes.

— Não vai me impedir, Bob — olhou para Dawson. — Até mais ver. — E saiu da delegacia seguida pelo marido.

— Beth Lee! — Ele a chamou de volta e ela continuou andando em direção aos cavalos amarrados à frente da pensão. — Beth Lee!

Ele a segurou pelo braço e ela se soltou com violência.

— Não tem ideia do quanto isso é importante para mim, não é?

— Não precisa se arriscar mais. — Ele justificou sua preocupação. — Sandy Lee se foi e Benjamin precisa de você!

Ela se ofendeu.

— Eu vivi sozinha nos últimos dois anos, em uma vida errante, atirando em criminosos e os prendendo, e você quer me proteger? — Ela fez que não. — Não vai me manter presa dentro de casa, entendeu?

— Você é que não entende...

— Entendo perfeitamente. — Ela o cortou. — Dentro de casa você não vai ter que se preocupar comigo. Eu ficarei quietinha e você fará o que gosta de fazer. Vou lhe avisar uma coisa, Robert Clarckson, eu também gosto de perseguir criminosos e enquanto não ver o corpo de Adam Palmer, não terei sossego, não ficarei em paz. Deveria ter pensado nisso antes de se casar comigo...

Ela fez menção de andar e ele a segurou outra vez:

— Do que está falando?

— O fato de que parte de mim continua sendo aquela garota apaixonada por você e capaz de tudo para fazê-lo feliz, não significa que voltei a ser frágil e medrosa — explicou claramente. — Se casou comigo por causa do que vivemos nos últimos dias, cometeu um grande erro. Eu mudei e gosto de mim muito mais agora do que antes.

Ele estreitou o olhar e a fitou de forma impassível:

— Não é disso que estou falando.

— E do que é? Acostumou-se com a mulher frágil que eu era e tem medo do que me tornei?

Ele a segurou pelos braços:

— É uma tola se pensa assim! Eu amo pelo que foi e pelo que é! Eu admiro a mulher forte que se tornou! Contudo, estamos falando do meu trabalho e você sabe que não posso levá-la junto, eu seria punido por isso — justificou irritado. — Mesmo sabendo que você trabalha melhor que todos nós.

Ela arregalou os olhos surpresa com as palavras dele.

— Pare de agir na defensiva comigo — exigiu. — Estou do seu lado e não contra você! Pensei que isso tivesse ficado claro. Quer ir? Vá... Eu jamais a impediria de fazer o que deseja mesmo que eu saiba que Palmer ou qualquer um do Bando estará esperando você para lhe dar um tiro bem no meio do peito!

Ele a soltou e engoliu em seco.

— Se quer correr o risco, vá. — Ele falou sério. — Mas não me culpe por querer protegê-la, eu amo e farei isso sempre, mesmo que isso a ofenda!

— Bob...

Ele fez que não:

— Vá para casa, tenho que me reportar aos meus superiores — cortou.

Deu as costas e voltou para a delegacia a passos largos e determinados.

Beth Lee acatou o que ele disse e foi em direção ao seu cavalo e montou. Não adiantava discutir agora, seria uma bobagem. Quando estivessem mais calmos, discutiram o assunto de uma forma mais civilizada.

Capítulo XXIII

— Você e Bob brigaram? — Geórgia perguntou logo após o jantar.

— Por que está dizendo isso? — Beth Lee devolveu com os braços cruzados depois de colocar Benjamin no berço.

— Porque é o primeiro casal recém-casado que não se aproxima um do outro por horas.

Desde o retorno de Bob para casa, eles não haviam sequer se falado ou trocado olhares apaixonados. Jantaram ambos em silêncio, mal tocando na comida, enquanto todos falavam sem parar. Estavam se evitando, mas não poderiam ficar fazendo isso o resto da vida. Beth Lee não respondeu e Geórgia resolveu mudar de assunto:

— Quando vão se mudar definitivamente para a casa de vocês?

Beth Lee estava com raiva do marido, faria de tudo para contrariá-lo, mas sabia que isso era infantil e não gostava de ficar mal com ele.

— Amanhã levarei minhas coisas — comentou.

— Espero que não se importe se eu ficar aqui com Caroline. — Geórgia observou.

— De modo algum. — Beth Lee assegurou.

— Nós faremos companhia uma para a outra agora que somos viúvas — explicou.

— Vai ser muito bom para vocês...

— Vai levar Benjamin com vocês? — Ela quis saber.

— Provavelmente — sorriu. — Não saberei viver longe dele. — E encarou a senhora. — Mas talvez esses dias, eu e Bob fiquemos ausente. Então, ele irá conosco quando voltarmos.

— Terei prazer em cuidar dele, sempre.

— Obrigada, Geórgia.

— Não agradeça. Amei sua irmã e você como se fossem minhas, e Benjamin é meu neto — falou com carinho. — Vou descansar um pouco, até amanhã, querida.

— Até.

Geórgia saiu e Beth Lee olhou para Benjamin. Era um menino tão lindo e inocente, ele merecia o melhor da vida e ela lhe daria, seria a melhor mãe que alguém poderia ter. Todo amor que tinha pela irmã e pelos pais transferiria para ele.

A porta do quarto se abriu e ela pensou que fosse Bob. Mas sentiu o sangue gelar de repente ao notar a figura alta envolta em uma capa negra. Levou a mão ao coldre, mas havia deixado suas armas no quarto que ocupara na casa, já que não precisaria delas ali dentro.

O homem tirou o chapéu lentamente e ela reconheceu Adam Palmer. Sua boca secou pelo pânico quando um sorriso de deboche se formou no rosto dele.

— Ora... Ora... Se não é a senhora Clarckson. — Ele zombou.

— O que faz aqui?

— O quê? — Ele deu um passo para ela. — Pensou que eu estivesse morto?

— Sandy Lee o matou — disse por entre os dentes se colocando entre ele e o berço.

— Ela não fez isso — falou tranquilo. — Sandy Lee jamais me mataria. Ela apenas fugiu depois que o médico me sedou.

Ela franziu o cenho. Será que a irmã se enganara? Achou que havia matado Palmer e aplicou o remédio errado?

— E vocês a mataram! — Ele acusou.

— Não! — Beth Lee o enfrentou. — Ela morreu por causa da infecção do ferimento.

Os olhos dele ficaram cheios de lágrimas e raiva.

— Por sua causa! Você a entregou aos Rangers! — acusou.

Sabia que nada do que dissesse o faria mudar de ideia.

— O que quer, Palmer?

— Vingança... — Ele fez uma pequena pausa. — E o meu filho...

— Filho? — Ela franziu o cenho fingindo não compreender.

Seu coração disparou e ela se lembrou que Bob estava conversando com Jeremiah e Dawson no escritório, mesmo que ela gritasse, eles não a ouviriam. E não sabia da reação de Palmer, tinha medo por Benjamin.

— Ouvi sua conversa com o xerife esta tarde — contou. — Sei que ele é meu filho e de Sandy Lee. O que foi que fez? Disse a ela que o bebê estava

morto? — Ele foi para cima dela e a segurou pela camisa. — Enganou sua irmã?

Beth Lee notou que ele ficava cego quando o assunto era Sandy Lee. Ele jamais aceitaria que fora enganado pela mulher que amava sem restrições. E tentar fazê-lo enxergar a verdade seria pior.

— Eu troquei os bebês — mentiu. — Dei o meu morto para ela e fiquei com Benjamin.

— Maldita! — Ele bateu contra o rosto dela e ela caiu no chão. — Levante-se, vamos dar uma volta!

Benjamin acordou e começou a chorar. Palmer se aproximou do berço, ela tentou impedi-lo, mas ele a chutou e ela caiu de lado e se encolheu. Ele olhou emocionado para seu filho. O menino era sua cara, impossível de dizer que não era seu filho, fruto do amor dele e de Sandy Lee. Com cuidado e todo amor que sentia, pegou o garotinho no colo e ele parou de chorar.

— Benjamin — ele falou com os olhos carregados de lágrimas — Meu filho — murmurou com orgulho.

Há muito Adam Palmer deixara de amar a humanidade e as coisas que o cercavam. Devotava seu coração apenas a Sandy Lee, vivia e respirava por ela. Nunca pensou que poderia voltar a amar alguém, mas ao olhar para o filho e senti-lo em seus braços foi como se o mundo tomasse cores e a vida, de repente, valesse a pena.

— Meu filho — repetiu.

Pegou a arma e apontou para Beth Lee. Ela merecia morrer por ter causado tanto sofrimento a ele e a Sandy Lee. Ele chorou tanto pela perda prematura do filho, viu sua sepultura e tudo por causa daquela maldita.

— Você merece morrer...

Ela o fitou com desprezo:

— Atire e você não sairá vivo dessa fazenda. — Ela murmurou sentindo o gosto de sangue nos lábios. — Atire covarde! — gritou.

Ele sabia que tinha razão. O som do tiro atraía a atenção dos moradores de Shepherd e a única coisa que ele queria era sair dali com seu filho e seguir com sua vida. Poderia matar os Clarckson, mas deixaria isso para uma outra ocasião.

— Levante-se! — Ele mandou e ela não o fez. Adam a chutou de novo. — Eu mandei levantar! — Percebeu que ela não queria colaborar. Ele então apontou a arma para a cabeça de Benjamin. — Vou tirar nele se não me obedecer.

Ela sentiu medo por Benjamin. Não sabia até que ponto aquele homem estava louco. Com dificuldade se ergueu.

— Vamos. — Ele apontou para a porta. — E sem gracinhas ou não hesitarei em atirar contra o menino!

Ela assentiu e saiu à frente. Abriu a porta devagar e se certificou que o corredor estava vazio.

— Para onde quer ir? — Ela perguntou.

— Temos que sair sem sermos vistos...

— É melhor pelos fundos então...

Ele concordou e saíram pelo corredor vazio.



Bob estava sentado no escritório pensando em Beth Lee e na forma fria e indiferente que ela o tratara desde que havia chegado a casa. Odiava admitir que isso mexesse com ele mais do que qualquer outra coisa e acabava com seu dia. Mas também estava com raiva dela por ser tão ingrata e pensar que ele não amava o suficiente para compreendê-la.

— Está ouvindo o que eu disse, Bob? — Jeremiah perguntou.

— O quê? — perguntou bebendo o resto de seu uísque.

Jeremiah fez que não:

— Eu estava dizendo a Dawson que apenas as cartas não vão incriminar totalmente Joyce...

— Por quê?

— Eram assinadas por E. Joyce. E nenhum dos filhos dele tem essas iniciais. — Dawson comentou.

— Talvez a esposa. — Donna Mae se meteu na conversa.

— Ela se chama Norma. — Jeremiah comentou.

— Como sabe tanto sobre eles? — Donna Mae quis saber.

Ele encolheu os ombros.

— Nosso pai e ele tinham divergências, você não sabia?

— Acho que por ser mulher, vocês sempre me deixaram de fora desses

assuntos. — Ela disse com sarcasmo.

— Parece que Alan Joyce e mamãe tiveram um *affair* no passado, mas ele não podia se casar com ela porque tinha uma carreira no exército e ela era a filha de um rancheiro pobre. — Jeremiah contou. — Então, ela se casou com o papai.

Donna se mostrou surpresa:

— Sempre uma novidade sobre Amanda Clarckson. E como vingança ela separou tia Caroline do papai — concluiu.

— É o que parece. Se ela não podia ser feliz, ninguém seria. — Jerry concordou.

— Uma pena! Morreu infeliz...

Jeremiah encolheu os ombros.

— A verdade é que por isso entendo porque Alan Joyce aceitou comprar o gado roubado de Shepherd, apenas para afrontar nosso pai. — Bob concluiu.

— E para não se comprometer, alguém da família escrevia as cartas para ele e assinava. Precisaríamos dessa pessoa para depor contra ele e dizer que as escrevia. — Jeremiah explicou. — Do contrário, será apenas como atirar contra o vento. Ele será acusado, mas sairá impune por falta de provas concretas.

— Isso é tão frustrante! — Donna falou com pesar.

— Posso usar de minha influência, mas ele também tem amigos, sem nada concreto, não há o que fazer. — Jeremiah garantiu. — Os filhos dele se chamam Judson, Stephen, Noah e Taylor.

— Ninguém mais? Um irmão? Uma filha bastarda? — Ela riu nervosa.

Jeremiah parou para pensar:

— Não me recordo.

— Acho que ele tem uma filha. — Dawson comentou. — Lembro de vê-la em um dos eventos, em Austin.

— Ah, você se lembra dela? — Donna perguntou com ciúme.

— Não me recordo dela, mas lembro de ver uma moça tímida ao lado de Norma Joyce. — Ele forçou a memória. — Lembro de um dos rapazes falando dela.

— Rapazes? — Donna ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

Dawson sorriu charmoso.

— Se eu a achei bonita, essa beleza deixou de existir quando a vi, Donna

Mae. — Ele galanteou.

Ela sorriu satisfeita com a resposta.

— Somente de você não se lembrar o nome dela, isso significa que ela não marcou você...

— Eva! — Ele se lembrou satisfeito. — O nome dela era Eva Joyce.

— Eva Joyce? — Donna franziu o cenho. — É o nome da namorada de Jeremiah!

— Namorada? — Ele se fez de desentendido. — Eu não tenho namorada!

Jerry tinha certeza que não falavam da mesma pessoa. *Sua Eva* não era filha de Joyce ou ele saberia.

— Sim, minha costureira que você estava beijando outro dia depois do casamento! — Ela falou e ele arregalou os olhos surpreso. — Querido irmão, você é Jeremiah Clarckson. Tudo que você faz é visto e comentado.

— Está falando de Eva? — perguntou sério.

— Sim, você não sabia que ela se chamava Joyce?

— Não — falou com secura, escondendo a exaltação que sentia se formar em seu peito. — O que a herdeira rica de Joyce faz em minhas terras se passando por uma costureira?

Todos se calaram diante da raiva na voz dele.

— Vou falar com ela. — Donna se levantou.

— Eu faço isso! — Jeremiah falou decidido de uma forma que ela não pôde contestar. — Eu e essa senhorita precisamos ter uma conversa!

— Não vai assustá-la, não é? — Dawson o precaveu.

— Não — respondeu sombrio. — Vou apenas convencê-la a depor contra o próprio pai... — E saiu do escritório a passos largos.

— Vou aproveitar e falar com Beth Lee. — Bob disse se levantando.

Imaginou que ela deveria estar escondida no quarto que ocupara. Não a encontrou lá e foi até o quarto de Benjamin. Nenhum sinal dela. Mas algo lhe chamou a atenção. A aliança de casamento estava caída no chão e nenhum sinal de Benjamin. Correu até o quarto de Geórgia e perguntou por eles:

— Eu os deixei no quarto de Benjamin, por quê?

O coração de Bob parou de bater.

Ela lhe deixou o anel como um aviso. Alguém os levara dali, sob sua

proteção. Ele jamais se perdoaria se algo acontecesse com eles, e sem dizer nada a Geórgia, saiu correndo para procurar sua esposa.

Capítulo XXIV

Eva estava bordando uma nova fralda. Uma das costureiras estava para ser mãe novamente e tinha pouco enxoval, por isso, decidiu ajudá-la. Sentada embaixo da luz do lampião, ela colocava ponto a ponto com uma delicadeza sublime, bordar a fazia se acalmar e pensar sobre a vida. E não pensar em Jeremiah, embora isto estivesse se tornando impossível. A cada batida de seu coração se recordava do beijo dele, de sua mão na cintura dela, de seu olhar carregado de desejo. Aquele homem deveria saber o quanto sua risada poderia ser letal para a sanidade de uma mulher.

E como um vendaval, ele entrou na casa de Eva e ela se assustou, furando o dedo na agulha.

— Ai! — reclamou. — Não sabe bater à porta?

Ele parecia um touro bravo enquanto caminhava na direção dela. Ele colocou as mãos nos braços da poltrona e a prendeu ali, fazendo-a encolher diante do furor de seu olhar. Jerry se abaixou e a encarou bem de perto:

— Quem é você? E por que está em minhas terras?

Ela sentiu um gelo pelo corpo e engoliu em seco. Ele descobrira sua verdadeira identidade. Por isso, não contara. Sabia que ele ia odiá-la, como seus pais se odiavam. Os Joyce e os Clarckson não passavam juntos debaixo da mesma porta. Caso soubesse quem ele era antes de ter aceitado o convite para ir à festa de casamento, teria fugido dele. Mas apaixonar-se por ele foi tão natural desde o momento em que se viram no barracão, que ela se esqueceu de contar a verdade.

— Se está aqui com toda essa raiva, é porque descobriu quem eu sou — falou séria, tentando manter a calma.

Não queria brigar com Jeremiah e não desejava trazer seu passado de volta.

— Por que escondeu de mim quem era? — Ele estava com muita raiva.

— Se afaste ou está pensando em me bater? — Ela o enfrentou, mas sem se alterar.

Jerry fez uma careta de desgosto e não se afastou um centímetro.

— Nunca precisei agredir uma mulher, senhorita, e não vou começar agora — elucidou com uma frieza bem distante dos beijos que haviam trocado

há duas noites. — Agora, responda o que lhe perguntei — exigiu.

— O que quer saber?

— Por que não me contou que era filha de Alan Joyce?

— Porque não sou mais — disse a verdade. — Porque eu fugi de casa.

Ele franziu o cenho e se afastou, erguendo o corpo.

— Fugiu de casa? Está tentando me enganar?

— Se duvida, mande um telegrama para um vizinho ou qualquer pessoa próxima a meu pai e saberá que a única filha do General Joyce desapareceu, deixando uma carta pedindo que não a procurassem mais! — Ela se levantou e andou pela casa, irritada.

— E por que veio para cá? Justo para Shepherd?

Ela encolheu os ombros e olhou para ele:

— Eu viajei até San Antonio de trem, sem destino. Então, vi no jornal o anúncio de emprego como costureira e não pedia qualificações ou indicação, me pareceu oportuno, porque também oferecia casa e comida — contou. — Eu tentei a sorte.

Ele fez que não.

— Quer que eu acredite que abriu mão de ser herdeira do papai e veio até a fazenda do homem que ele odeia, apenas para fugir? — questionou incrédulo.

Ela ficou magoada por ele a chamar de mentirosa.

— Pense o que quiser. Essa é a verdade.

— E por que fugiu? — Ele quis saber.

— Isso não é da sua conta!

Jerry cobriu o espaço que os separava.

— Não acredito em você porque se não tivesse nenhum interesse escuso, teria dito a verdade, ou pelo menos, não teria escondido seu sobrenome de mim! — acusou.

Ela nunca dissera seu sobrenome porque ele não perguntara e quando descobriu quem ele era, estava apaixonada e não queria causar um mal-estar antes que ele a conhecesse bem e soubesse que era diferente de seu pai e não se importava com aquela rixa ridícula entre as famílias. Todavia, nada do que dissesse o faria acreditar nela, Jeremiah estava com raiva, se sentia enganado.

— Se pensa que sou uma traidora, por que veio aqui? — Ela devolveu.
— Simplesmente não precisava mais falar comigo, poderia me ignorar.

Ele sentiu raiva por ela não negar as acusações. Sentiu-se traído e ludibriado. Ela brincou com ele.

— Descobrimos que seu pai tem patrocinado o Bando da Morte. — Ele foi direto. — Ela não ficou surpresa com a notícia. — Sabia disso?

Eva sempre primou pela verdade. Não mudaria agora, mesmo que isso lhe causasse grande vergonha.

— Sim, sabia.

— Foi conivente com os crimes de seu pai! — Ele concluiu.

— Entenda como quiser — abraçou o próprio corpo.

— Precisamos parar seu pai, Eva — falou ríspido. — Sandy Lee e Adam Palmer estão mortos, entretanto, isso não vai parar seu pai.

— Não vai mesmo. — Ela concordou. — A ganância dele não tem limites.

Jerry aquiesceu. Como poderia ter se interessado por essa mulher?

— Mas temos provas contra ele — contou.

— Provas?

— As cartas que você escreveu para Adam Palmer e enviava a Sandy Lee quando eles roubavam gado...

— Pensei que estas cartas estivessem perdidas — comentou.

— Errou! — Ele deu um sorriso sarcástico. — E estão assinadas por você.

Agora ela compreendia como ele a havia encontrado. Eva Joyce. Isso tudo era tão irônico.

— Sim, estão. Meu pai pediu que eu as escrevesse, para que não ficasse nada documentado em seu nome.

— Vai ter que contar isso ao juiz. — Jerry exigiu.

Eva ficou pálida como um papel.

— Não pode me pedir isso! Ele é meu pai... — Tentou argumentar aflita.

— Pensei que não fosse mais. — Ele usou as palavras dela contra ela.

Deu um passo para ele.

— Ouça, Jeremiah, uma coisa é um desentendimento com meu pai, outra é colocá-lo na cadeia para sempre. Ele pode ser condenado à morte!

— Tem ideia de quantas pessoas seu pai tem matado todos os dias por causa desse Bando que ele criou e o protege de seus crimes? — Ele a desafiou e

ela engoliu em seco, não podia negar que aquilo era verdade. — A escolha é sua: ou depõe contra o seu pai, ou juro, que será a senhorita a pagar pelos crimes que ele cometeu e garanto-lhe que a prisão não é nem um pouco generosa com a filha de um general inescrupuloso.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela e Jeremiah lhe deu as costas. Não queria vê-la chorar. Ela havia mentido para ele e o estava enganando, não podia ter pena dela, nem se comover com sua dor.

— Tem até o amanhecer para decidir. — Ele foi até a porta e a abriu.

Eva viu que havia homens a sua porta e escutou Jeremiah falar com eles:

— Vigie a senhorita Joyce, não a deixe sair — ordenou. — Voltarei amanhã de manhã. — E bateu a porta.

Eva ficou com raiva e deixou as lágrimas cederem uma a uma. Mais uma vez os erros de seu pai voltavam a assolá-la, mesmo fugindo, o passado parecia persegui-la. E quando pensou que a vida poderia lhe sorrir ao deixá-la ficar nos braços de um homem encantador como Jeremiah, veio o vento do norte e soprou contra ela, derrubando-a novamente em seus próprios erros.

Sabia que deveria ter-lhe dito sobre sua verdadeira identidade, mas sabia que a reação dele seria aquela: de repúdio e indiferença.

Pensou em seu pai e no quanto era um homem ruim e sem escrúpulos, capaz de tudo para conseguir o que desejava. Inclusive matar pessoas inocentes. Foi por isso que se afastou de sua família, por causa dos crimes que cometiam e nunca pagavam por eles. Porque estava cansada de ser conivente com as barbaridades que faziam.

Sim, ela escrevera aquelas cartas. Chorando, com seu pai lhe ditando cada palavra. Muitas e muitas vezes se obrigou a fazer o que ele lhe exigia, apenas em respeito e submissão ao fato dele ser seu pai e lhe prover tudo o que precisava. Até que se cansou e partiu, e soube que ele a havia rechaçado, nunca mais poderia voltar para perto dos Joyce ou rever sua mãe. Seu pai a mataria se o fizesse.

Durante a viagem encontrou com Beth Lee Malick no meio do caminho. Ela a ajudou a fugir de uns homens que a perseguiam perto de San Antonio, durante a viagem de trem. Por isso Beth Lee a conhecia, mas não se recordava exatamente de onde. Eva se lembrava dela, jamais esqueceria aquela mulher forte que fez dois homens implorarem pela vida e mijarem nas calças.

Quando ela a reconheceu, deveria ter contado tudo a Jeremiah, mas então ele a beijou e ela perdeu a coragem. E no temor de perder a atenção dele, acabou

arruinando sua confiança.

Comprimiu os lábios, angustiada.

Como poderia testemunhar em uma corte contra seu próprio pai?

Como poderia permitir que pessoas inocentes continuassem morrendo?

Estava perdida.



Beth Lee precisava manter a calma e não se precipitar. Palmer estava com Benjamin no colo, com a arma apontada para ele. Seu coração sangrava toda vez que o menino levava a mão ao cano da arma, achando que era um brinquedo. Temia que isso irritasse Palmer e ele acabasse atirando no menino.

— Meu cavalo está logo abaixo. — Ele apontou para além da cerca. — Vamos — ordenou.

Ela fez que sim e seguiu na frente. Sabia que ele não a levaria junto, ele iria matá-la antes e levar Benjamin.

— O que pensa em fazer, Palmer? — perguntou enquanto seu cérebro tentava maquirar uma rota de fuga com Ben.

— Isso não é da sua conta!

Benjamin choramingou no colo dele.

— Mamá!

— Ela não é sua mãe! — Palmer gritou com ele e o menino chorou mais.

— Deixe-me pegá-lo. — Ela se voltou para ele angustiada. — O menino está assustado.

— Vocês o colocaram contra mim e ele não reconhece o próprio pai! — gritou e isso fez Benjamin gritar mais ainda.

— Fique calmo, está assustando-o!

— Cale a boca — gritou com ela. — Melhor eu me livrar de você!

E apontou a arma para ela. Foi quando ela notou que o braço que segurava Benjamin não tinha a mão, apenas um toco coberto por uma faixa branca. Fechou os olhos por alguns segundos e respirou fundo, pensando que se

tivesse que morrer agora, que pelo menos Deus salvasse a vida de Benjamin e não o deixasse ser como o pai.

— Palmer! — Alguém gritou.

O tiro ecoou pela noite e quando Beth Lee abriu os olhos, não sentia nada de estranho. Ele não havia atirado nela. Bob estava de pé, atrás de Adam Palmer e atirou bem em sua cabeça quando o criminoso olhou para trás, sem piedade, derrubando-o no chão. Benjamin havia caído sobre o corpo do pai, e Beth Lee correu para pegá-lo, aliviada pelo marido ter aparecido.

- Vai ficar tudo bem, meu amor – ela o pegou no colo e se afastou tentando acalmá-lo.

Bob correu para ela e a beijou e a abraçou, ansioso.

— Sinto muito, meu amor, pensei que a tivesse perdido. — A beijou. — Perdoe-me.

— Também amo você, Bob.

Ela sabia que se Bob não tivesse aparecido, estaria morta agora e Palmer teria fugido com Benjamin. Dawson e Donna Mae surgiram no quintal, acompanhados de outras pessoas da fazenda. Agora Adam Palmer estava morto e seu sangue escorria pela terra de Shepherd.

— Ouvimos um tiro. — Dawson falou olhando o corpo de Palmer.

— Vocês estão bem? — Donna quis saber e pegou Benjamin no colo. — Vamos sair daqui e deixar que eles façam o resto.

— O que vai fazer com o corpo dele? — Beth Lee quis saber.

— Entregá-lo às autoridades. — Dawson garantiu.

Ela sorriu satisfeita e com a ajuda de Donna Mae entrou na casa e abraçou Benjamin. Sua irmã fora vingada.

— Vá ficar com sua mulher, Bob. — Dawson mandou. — Eu e os outros tomaremos conta de tudo.

Ele concordou e seguiu atrás dela.

Bob a encontrou no quarto de Benjamin junto de Geórgia e Donna Mae. Quando o viu, Geórgia se aproximou dela:

— Pode descansar, querida. Eu cuido dele.

Ela concordou e foi até Bob. Ele a abraçou e a levou para o quarto de hóspedes. Em silêncio, eles entraram e ela segurou sua mão.

— Obrigada por salvar minha vida mais uma vez, Bob.

— Não tem que agradecer, sabe que salvar sua vida é um prazer para mim — beijou sua mão.

— Acabou. — Ela murmurou e foi inevitável deixar as lágrimas escorrerem.

— Há Joyce...

— Não. — Ela fez que não. — A morte de Palmer era o meu objetivo, não preciso mais caçar criminosos ou tentar salvar Sandy Lee. Minha missão acabou. Agora serei apenas mãe de Benjamin e sua esposa.

Ele acariciou seu rosto.

— Não vai mais sair por aí se arriscando?

Ela riu dele.

— Não disse isso — corrigiu e ficou séria. — A paz de espírito que eu precisava, acabei de encontrar quando vi aquele homem morto. Acabou de verdade.

Bob a beijou, não conseguiu evitar. Era sua forma de consolar a esposa em um momento como aquele. Ele a despiu e puxou os cobertores para que ela deitasse. Ele tirou as próprias roupas e se uniu, aconchegando o corpo delicado de encontro ao seu. Ela deitou a cabeça no peito dele e ficou ouvindo as batidas de seu coração. Aquelas eram a música, a poesia e a promessa de uma vida toda juntos.

Naquele momento, ela precisava de Bob e o silêncio. E foi o que ele lhe deu: segurança e compreensão.

Não havia outro homem em sua vida que pudesse compreendê-la tanto e amá-la de uma forma tão intensa.

Um capítulo da vida deles findava e começava um novo com o poder do amor que sentiam um pelo outro.

Epílogo

— O general Alan Joyce se matou esta manhã, em Washington. — Jeremiah contou a Bob enquanto tomavam café, no hotel, em Austin.

— Como sabe?

— Não se fala em outra coisa — falou sério. — E o governador acabou de mandar me avisar.

Bob assentiu. Havia acabado de assinar sua carta, pedindo seu afastamento da corporação dos Rangers, alegando não poder mais oferecer seus serviços de maneira mais eficaz ao regimento. Depois do que acontecera com Redgrave, ele preferiu deixar a corporação e seguir com sua vida pacata de fazendeiro ao lado de Beth Lee como sempre sonhara. Ela seguiria trabalhando com Donna Mae e teriam filhos e cuidariam de Benjamin. Nada na vida poderia ser melhor e valer mais.

— Ele deve ter feito isso quando descobriu que não havia escapatória para ele. — Jeremiah comentou.

— Na verdade, ele deve ter feito isso quando descobriu que o depoimento da filha acabaria com suas chances de ser absolvido e ele seria condenado à morte provavelmente, envergonhando todo um país que acreditou em suas boas ações — Bob comentou sério.

Na manhã seguinte, quando Jeremiah voltou à casa de Eva, ela não quis falar com ele. Pediu para tratar tudo com o xerife Dawson. Ele ficou irritado, mas acatou a vontade dela. Eva nunca mais lhe dirigiu um olhar de carinho ou sorriu para ele. Ela aceitou depor contra o pai, e disse a Dawson que fazia isso em nome das famílias dos entes assassinados por seu pai e irmãos. Todos os filhos responderiam processo, mas Alan Joyce deixou uma carta de próprio punho, assumindo todos os crimes e eximindo os filhos de qualquer culpa, agindo eles sob as ameaças do pai.

Jeremiah voltou a encontrá-la, em Austin, junto de Dawson e o advogado que Jeremiah contratara para acusar Joyce. Mas ela o ignorou por completo, mesmo quando ele se aproximou dela, Eva lhe deu as costas e não falou com ele. Isso fora há mais de uma semana. Ela jamais o perdoaria pelas ofensas que lhe fez e por tê-la obrigado a depor contra o próprio pai, ele tinha consciência disso e não a obrigaria a falar com ele.

— Acredito que depois do que ela fez, Eva merece uma segunda chance, não acha, Jeremiah?

Ele fitou o irmão de soslaio:

— Ela mentiu para mim, Bob — justificou. — Não poderei confiar nela novamente.

— E ela lhe explicou por que mentiu?

Jeremiah não respondeu. Ele não a deixou falar muito naquele dia, pelo que se lembrava.

— Talvez, ela mereça ser ouvida.

— Está dizendo isso por que está casado com a mulher que ama? — zombou.

— Não. — Bob se levantou. — Quem fala com você é um homem que quase perdeu a mulher que amava por causa de orgulho. Deveria seguir meu exemplo e não cometer o mesmo erro.

Mas Jeremiah não amava Eva. Era apenas um desejo forte e estúpido que logo seria esquecido. A vida seguia. Ele não precisava dela para nada e nem ela dele.

— Faça uma boa viagem de retorno para casa — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Obrigada, irmão. Espero por você, em Shepherd.

Jeremiah concordou e Bob se foi.

Robert chegou à fazenda, morto de saudades por ter ficado mais de uma semana longe de casa. Trouxe um cavalo de madeira para Benjamin e encontrou o garoto com tia Caroline, brincando no jardim.

— Sabe onde Beth Lee está?

— Na cooperativa com Donna Mae — contou.

Antes de ir para lá, ele roubou algumas flores do jardim de Shepherd, sabendo que tia Caroline o xingaria mais tarde. E foi ao encontro da esposa. Quando entrou no galpão, as costureiras e funcionárias pararam para olhar o homem lindo que carregava o buquê de flores. Quando seu olhar caiu sobre Beth Lee, elas morreram de inveja. Qualquer mulher adoraria ser cortejada por um homem, ainda mais se ele fosse Robert Clarkson. Mas talvez não fosse o homem que elas cobiçassem, mas o sentimento puro, verdadeiro e intenso que ele nutria cegamente pela esposa.

Beth Lee estava concentrada em seu trabalho quando sentiu o arrepio

pelo corpo e ergueu o olhar. Bob estava parado a porta do escritório, segurando um enorme buquê de flores do campo. O coração dela bateu forte e levantou-se correndo para abraçá-lo.

— Está de volta — comentou feliz.

— Pensou que eu nunca mais voltaria?

— Fiquei com medo que eles não te dispensassem — admitiu.

— Esse é o lado bom de ter um cunhado influente na corporação — contou e sorriu. — O que acha de dar uma volta comigo? — propôs. — Tenho algo importante para lhe mostrar...

— Acho que posso terminar o serviço depois. — Ela colocou o buquê em cima da mesa, fechou a porta do escritório e olhou para a moça que ajudava a cuidar de tudo. — Diga a Donna Mae que fui resolver algo com meu marido e já retorno.

— Está bem...

Ele a conduziu para fora do barracão e montaram em seus respectivos cavalos.

— Siga-me. — Ele pediu.

Bob cavalcou para mais a sul da fazenda, até chegar à margem do Rio Cleveland. Ele desmontou e deixou o cavalo pastando e ela fez o mesmo.

— O que quer me mostrar? — Ela quis saber.

— Você já vai ver.

Eles caminharam por entre as árvores até chegar a um trecho em que ninguém podia vê-los.

— O que foi? — Ela perguntou olhando ao redor.

Bob a beijou com ardor e saudade. Ela correspondeu ao beijo e deixou o desejo tomar conta de seu corpo.

— Isso. — Ele murmurou contra os lábios dela. — Eu queria mostrar a você o quanto eu a desejo, Beth Lee. — E a beijou mais uma vez.

Os braços deslizaram ao redor dela e a apertaram contra ele. Bob se livrou da própria camisa, e depois tirou a de Beth Lee. Ele olhou para o espartilho e bufou irritado:

— Por que tem que usar tantas roupas? — reclamou e voltou a beijá-la enquanto desamarrava e ela o ajudava de forma frenética.

Tiraram as botas e as calças, rindo um do outro e quando Bob voltou a

beijá-la pôde sentir o corpo nu e quente contra o seu. Ele enredou os dedos em seu cabelo e aprofundou o beijo. Ele a segurou pelos quadris e a ergueu, Beth Lee o abraçou com as pernas e ele a levou para dentro da água fria. Arrepiou-se toda, mas seu pensamento se perdeu quando a mão de Bob invadiu o centro de suas pernas e a acariciou. Ela sentiu o corpo amolecer. Como podia ele ter tamanho poder sobre ela?

— Você é linda... — murmurou contra sua boca.

A combinação do toque quente dele e a água fria tornavam tudo mais excitante. Ela agarrou os ombros dele e Bob lhe beijou o lóbulo da orelha, o pescoço e a segurando pelos quadris, a possuiu de uma vez. Ele perdeu o controle dentro dela e entregou-se à paixão que a consumia.

— Agora sei como lhe despertar imensa paixão. — Ela murmurou depois de atingirem o orgasmo.

— Como?

— Ficar uns dias longe de você... — Ele riu e voltou a beijá-la. — Era isso que queria me mostrar?

— Sim, o quanto minha saudade fez aumentar meu desejo...

Ele a olhou com devoção.

— Sabe o que é mais estranho, Bob?

— O quê?

— Tenho a sensação que eu passaria tudo de novo, apenas por este momento.

Ele sorriu.

— Também amo você, Beth Lee, para sempre.

E a beijou selando o amor deles com toda a paixão que sentia.

Fim

OUTROS LIVROS DA AUTORA

ROMANCES HISTÓRICOS

SÉRIE CASAMENTO ARRANJADO

Lançados pela Editora Portal – <https://bit.ly/2CufAPk>

O DUQUE <http://a.co/d/fq3JCTx>

A inglesa Victoria Longford foi prometida em casamento ao decrepito francês Sebastian Funevaire, desde os treze anos, quando sua irmã fugiu com um estranho e deixou Funevaire no altar. Fadada à infelicidade, longe do olhar da sociedade, espera angustiantemente completar dezoito anos para que o casamento seja realizado. Mas seu caminho cruza com o de Philip Beltoise Cevert, o arrogante e prepotente Duque de Trintignant. Ele lhe rouba um beijo durante uma festa, em Paris, e ela paga um alto preço por isso. Com sua honra manchada, um casamento desprezível a caminho, ela terá de abrir mão de todo seu orgulho para tomar um novo rumo em sua vida...

O YANKEE <http://a.co/d/icbgrMT>

A inglesa Helena Thompson foi criada pelo pai para ser uma linda senhora casada e com filhos e uma vida próspera. Entretanto, sua alma aventureira e rebelde a levou a se envolver com a Guerra de independência dos Estados Unidos, mas ela não estava do lado de seus compatriotas e sim dos colonos americanos. Sua escolha vai levá-la a conhecer o enigmático Capitão Maximillian Taylor, e se apaixonarem perdidamente, entretanto o amor deles é impossível, ele é um ianque que entregou o coração ao mar e ela uma inglesa que jurou a si mesma nunca mais confiar em um homem. Contudo, o destino vai conspirar contra esses dois corações teimosos e suas vidas vão se entrelaçar de uma forma inesperada...

O PLEBEU <http://a.co/d/3knFChB>

Stefano De Marco é um simples fazendeiro da região de Sevilha, na Espanha, quando sua vida é bruscamente destruída através de segredos e uma grave traição que o levará à Prisão Provincial, em Madri. Filho bastardo do Conde de Montebanco, ele é resgatado da forca e sua vida totalmente transformada ao herdar do falecido pai o título e toda sua riqueza. Inclusive, um Casamento Arranjado com sua suposta madrastra, Valentina de Astoria e Valência. O que Stefano não esperava era que fosse se apaixonar de forma avassaladora por Valentina e descobrir que ela era muito mais que uma nobre dama: é uma princesa cigana que mantém seu passado em segredo. Preso à promessa de vingança contra os que o enganaram no passado, o novo Conde se vê enredado em uma trama de preconceito, poder e guerra. Ele terá que fazer difíceis escolhas, em que a única chance de sobreviver será agarrar-se ao mais forte sentimento da vida: o amor.

SÉRIE IRMÃOS MONJE CRUZ

DANIOR – LIVRO 1 <http://a.co/d/7uz8AH7>

1782. O Rei da Espanha odeia os ciganos e os persegue sem qualquer piedade, dizimando tribos, torturando-os e os matando. Danior Monje Cruz, líder no povo Rom, se tornara uma lenda de justiça e poder, e o maior inimigo da coroa, após perder seu grande amor, Serena, em um ataque contra sua tribo. Entretanto, depois de alguns anos de guerra fria e vivendo escondidos, o destino resolve desafiar a paz que Danior conquistara para seu povo, e o amor vai acontecer em sua vida de uma forma que ele nunca poderá acreditar. Atormentado por erros do passado, e pela necessidade de um futuro melhor, Danior terá seu coração arrancado do peito mais uma vez e ele terá que fazer uma escolha entre o amor e ódio.

SÉRIE CONTOS DE NATAL

A CASA DA COLINA <http://a.co/d/daHrVi9>

1860. A Inglaterra está a pleno vapor com a Revolução Industrial, e não é diferente na pequena Shetwood, aonde as minas de carvão se movem dia e noite. A vida de Phedra Johnson sempre foi difícil, mas ela nunca perdeu as esperanças de dias mais felizes. E mesmo quando seu pai morreu e seu primo Scott Fielding apareceu para tomar posse da herança, ela deixou de acreditar que as coisas poderiam melhorar. E enquanto todas as moças de Shetwood querem casar-se com Scott, seu único desejo é manter seu emprego, ser independente e partir para Londres, aonde recomençaria sua vida. Mas há a Casa da Colina, o lugar em que Phedra nasceu; a pequena Beatrice por quem ela tem um grande carinho; e também há a possibilidade de um novo e poderoso amor. O natal está chegando, e por que não acreditar que as boas novas estão por vir? Descubra neste conto um presente de natal.

DE VOLTA A CASA DA COLINA <http://a.co/d/0HwJLia>

Beatrice foi adotada por Vincent e Phedra Turner, os Condes de Waterford, e eles moram em Londres, onde ela tem uma vida de regalias na nobreza. Os anos passaram, mas a jovem nunca deixou de ser aquela garota das minas de Shetwood, por isso, ela opta por voltar às suas origens e decidir o que fazer de sua vida. Entretanto, Shetwood não é mais aquele simples vilarejo, tornou-se a maior produtora de carvão da Inglaterra industrial e ela vai encontrar o caos movido pela ambição do dono das minas, Robert Stanford, filho dos Duques de Montgomery: Farell e Meredith. E isso vai contra todas as crenças e convicções da jovem. Porém, as coisas não são como parecessem ser e Beatrice ficará dividida entre passado e futuro, em meio ao amor e seus valores. De Volta à Casa da Colina é mais um conto de natal como presente para aquecer os corações dos leitores.

O CAVALHEIRO DE SHETWOOD <http://a.co/d/gnrgClz>

O dia de Alegria Keller não foi dos melhores. Ela foi abandonada, humilhada e rechaçada de uma forma tão cruel, que cega pelo desespero, se jogou no lago gelado da propriedade. Entretanto, um corajoso cavaleiro a salva e seu tio os obriga a casar, para abafar o escândalo que se formara na vida da jovem. Alegria não tem muitas expectativas sobre a vida, a não ser encontrar o amor. Contudo, uma pergunta paira no ar: como é o amor e como ele acontece? Será que Alegria será capaz de descobrir esse tão sublime sentimento quando encontrá-lo? Descubra isso em mais este conto de Natal.

SÉRIE DAWSON WESTERN

A FORÇA DO AMOR <http://a.co/d/1kEcQ01>

Donna Mae Clarckson é uma mulher à frente do seu tempo, preocupada em tornar o vilarejo em que mora no velho oeste, em uma cidade próspera que conste no mapa. Ela não está ansiosa para encontrar um marido e ter filhos, ao contrário, há muito tempo esse detalhe foi riscado de sua lista de prioridades. Entretanto, a chegada do novo padre no povoado, não vai somente mudar a rotina das pessoas, mas fazer com que a destemida Donna Mae tenha medo dos desejos de seu coração e passe a querer mais do que pode ter...

Bradford Dawson foi enviado para Crescentfalls para averiguar as mortes misteriosas dos últimos cinco padres e, nada melhor do que se passar por um pároco para fazer sua investigação. Mas de todos os perigos, o mais temível deles resolve bater a sua porta: a bela e corajosa Donna Mae Clarckson, que ameaça os planos de Brad de nunca entregar seu coração a uma mulher...

O PODER DO AMOR

Robert Clarkson e Beth Lee Malick são noivos, completamente apaixonados um pelo outro, até que o ciúme e a insegurança dele os separam, em meio à amargura e o ódio entre suas famílias. Os anos passam e ambos acreditam que nunca mais ficarão juntos, até que o destino resolve uni-los novamente de uma forma inesperada e surpreendente. Eles já não são os mesmos, as feridas os transformaram em novas pessoas e a mágoa ainda persiste entre eles. Entretanto, o velho sentimento está lá, e o amor insiste em aparecer nos momentos mais inoportunos. Poderão superar suas diferenças e as amarguras para ficarem juntos? Poderá Beth Lee aprender a perdoar e Bob a confiar cegamente na mulher que sempre será dona de seu coração e sua alma? Será que o amor tem poder suficiente para curar e seguir rumo à felicidade?

HISTÓRICOS HOT

O CONDE DE DENBIGH <http://a.co/d/hBYXndU>

Ethan Parker, o Conde de Denbigh, está acostumado à vida sem regras, e gastou toda sua fortuna até chegar à falência, e ser obrigado a se casar com a enteada de seu tio, a solteirona, Nora Howard, uma mulher à frente de seu tempo e com pensamentos de prosperidades para a propriedade abandonada de seus parentes. Ethan não quer se casar, mas recebe uma proposta indecente de sua noiva, algo que ele nunca poderia imaginar: ela pagaria suas dívidas, lhe daria dinheiro para sustentar seu vício nas mesas de jogo, e em troca ele deveria ser um marido fiel, bom amante e manter as aparências como um conde íntegro. Nora é madura suficiente para lidar com a situação e Ethan um libertino, portanto romantismo estava longe de existir entre eles. Mas tudo pode mudar do dia para a noite, e uma paixão avassaladora tomar conta daqueles dois corações solitários, mudando suas vidas para sempre.

O PIRATA E A PRISIONEIRA <http://a.co/d/9VhJHoa>

Quando os olhos do Pirata Derek Coleman caem sobre a prisioneira Ravena Bryant, ele não faz ideia da aventura que está prestes a embarcar. Acostumado à vida errante, ele quis Ravena apenas para satisfazer seus desejos durante a viagem de Londres às Treze Colônias, enquanto levava os prisioneiros condenados à expatriação. Quando Derek lhe propõe que se torne amante dele, Ravena sente vontade de desafiar e se libertar das amarras da sociedade que a condenou. Entretanto, mais do que gemidos e novas sensações, ela vai compreender o nascimento de um forte sentimento que se espreita nas sombras do navio Savage.

VOLUME ÚNICO

A CARTA <http://a.co/d/7u9MB83>

Meredith Willcox, a Condessa de Durant, ficou viúva há pouco tempo e vive isolada ao norte da Inglaterra, sem qualquer plano de voltar a Londres. Até que ela recebe a visita de Farell Stanford, sobrinho de seu falecido marido, e a quem ela amou com todas suas forças no passado, o mesmo homem que a desgraçou, abandonando-a sem piedade. Farell viajou por vários dias até Pharosburg, para que o testamento de seu tio se cumprisse e ele pudesse finalmente se vingar daquela vil mulher, que destruiu seu coração e ainda se casou com seu tio por interesse. Entretanto, a forte nevasca o prende naquele inóspito lugar e ele é obrigado a enfrentar seus sentimentos profundos por Meredith e a confrontá-la com a carta que ela escreveu há dez anos. A Carta que os separou. Segredos serão revelados e, feridas novamente se abrirão de forma devastadora. Pode o amor sobreviver a tantas mentiras?

ROMANCE HISTÓRICO LGBT

SUBLIME <http://a.co/d/5HQc5EK>

No século XIX, Elise Lewis é a filha de um poderoso banqueiro inglês, destinada a casar-se com Henry Harington, um homem muito rico e intensamente apaixonado por ela. Elise é infeliz e se sente culpada por não sentir nada por Henry. Sua vida muda quando Anne Handerson atravessa seu caminho. Anne está destinada a ser freira e falta pouco tempo para isso e Elise será sua dama de companhia até que ela se vá. Entretanto, há certos sentimentos que são mais fortes que as regras sociais e elas vão se apaixonar perdidamente. Mas o que o futuro lhes aguarda?

CONTEMPORÂNEOS

SÉRIE DAWSON (COWBOY)

UMA SEGUNDA CHANCE <http://a.co/d/4fb>

Mitchell Dawson está fora de casa há dez anos. Quando retorna ao haras Dawson, ele é recebido a tiros por uma linda morena de temperamento um tanto hostil, Terence Reynolds. Através dela descobre que as terras de sua família estão endividadas e destruídas, e que seu irmão Steve está preso, acusado de matar a ex-mulher e o amante. Para completar ainda tem dois sobrinhos gêmeos precisando de seu carinho. Terence era babá dos gêmeos no haras e está disposta não somente a ajudar Mitchell a recuperá-los, mas também salvar as terras e provar a inocência de Steve, mesmo que segredos de seu passado tão obscuros viessem à tona. Em meio a intrigas, mentiras e morte, o que ambos não esperavam é que um momento de solidão fosse despertar um sentimento tão forte, que levaria Mitchell a lutar por esse amor com todas as suas forças.

O FALCÃO DO DESERTO <http://a.co/d/hd7JhwH>

Depois de ser acusado da morte da esposa e de ficar sete meses em uma prisão, a única coisa que Steve Dawson queria era apenas trabalhar no haras da família, criar seus filhos gêmeos, James e John e viver em paz. Entretanto, quando a jovem Dakota Seymour precisa de sua ajuda, ele percebe que é impossível estar alheio ao desejo natural que os homens sentem pelas mulheres. Ele vai lutar contra esse sentimento com todas as forças que possui, até perceber que o que está escrito ninguém pode mudar.

CONTOS ERÓTICOS DE NORA

O BAILE DE CARNAVAL COM O CHEFE <http://a.co/d/f68vT9e>

"Alguma vez na vida, você já quis tanto uma pessoa que estava além da sua realidade? E você a desejava de tal forma que seria capaz de qualquer coisa para ficar com ela? Eu não sei explicar como tudo aconteceu, mas ainda me lembro do dia em que coloquei os pés naquele escritório de engenharia e me apaixonei perdidamente pelo meu chefe. Isso mesmo. Não estou falando de coisas românticas, como uma vida toda ao lado da pessoa, amor, jantares a luz de velas, flores, encontros... Não! Para com isso! Estou falando de sexo, da pura luxúria de seu corpo precisar de outro para se saciar."

Nora está louca para transar com seu chefe, Hector Vaz, mas tem medo de perder seu emprego. Quando está prestes a desistir e afogar suas mais intensas fantasias, surge uma grande oportunidade de finalmente se tornar seu amante, em um baile de máscaras durante o carnaval. Tudo parece perfeito... Ou quase tudo...

Um conto hot onde a liberdade está em quem sabe seus limites.

FIM DE SEMANA COM O CHEFE <http://a.co/d/fQZBU3s>

Nora realizou sua fantasia e transou com seu chefe, Hector Vaz, em um Baile de Máscaras e sua vida teve uma reviravolta: perdeu o emprego. Mas por sorte, está se mudando para São Paulo e vai trabalhar em uma multinacional francesa. O que ela poderia querer mais? No seu último fim de semana no Rio de Janeiro, ela participa da festa de quinze anos de sua sobrinha, Larissa, e vai reencontrar Hector e sentir que a química

entre eles é mais forte do que ela imaginava. Apesar das diferenças, eles vão se entregar ao desejo e aprimorar o prazer entre eles. Entretanto uma nova conexão pode surgir: o sentimento. Como eles vão reagir ante esta novidade?

COMÉDIA ROMÂNTICA

QUERO ME CASAR <http://a.co/d/2SIVhNN>

Melissa Albuquerque sempre foi obcecada pela palavra casamento, tanto que tem seu próprio Buffet. Ela está prestes a se casar com seu atual namorado e realizar seu grande sonho. Jonathan Ávila é um homem de negócios frio e prático, que decidiu se casar para dividir a responsabilidade de cuidar de seus sobrinhos. O caminho deles se cruza e uma química forte explode e tudo vira do avesso. Entre traições, segredos e escândalos, suas histórias vão mudar para sempre...

O EDITOR <http://a.co/d/1Oiz4Ey>

Ela é a jornalista mais bem paga e ele o editor do jornal mais vendido. Elizabeth e Alex se detestam. Mas os tabloides dizem que eles estão tendo um caso. Eles têm duas escolhas: ignorar o fato ou ganhar dinheiro com a publicidade gratuita. Como sempre, eles decidem ganhar e uma improvável atração explode entre eles. Entretanto, o mundo da notícia pode ser uma faca de dois gumes e Elizabeth tem inimigos que querem tirá-la do caminho a ponto de não poder confiar em ninguém, inclusive, no homem que a faz delirar de prazer. O que ela não sabe é que Alex também não ficou imune ao que aconteceu entre eles e será capaz de tudo para tê-la de volta. Pode Elizabeth aceitar que todos merecem uma segunda chance? Inclusive, o insuportável Editor?

CONTOS

ESCOLHAS <http://a.co/d/aYDaL53>

Esse conto narra a história de amor intenso de Melany e Jerry. Dois jovens tão apaixonados e dispostos a cometer erros terríveis e esconder segredos dolorosos. Numa narração moderna entre presente e passado, esses dois vão descobrir que o amor pode ser mais forte que a morte.

FLÁVIA PADULA

É jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher e escritora.

Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*.

Recebeu vários prêmios literários no Brasil.

Também é autora dos romances históricos *O Duque*, *O Yankee*, *O Plebeu*, *A Casa da Colina*, *De Volta à Casa da Colina*, *O Cavalheiro de Shetwood*, *A Carta*, *Conde de Denbigh*, *Sublime*, *A Força do Amor*, *O Poder do Amor*, *Danior*, *O Pirata e a Prisioneira*, *Maldição do Rei*. De literatura contemporânea iniciou com *Uma Segunda Chance*, *O Falcão do Deserto* e do conto *Escolhas*. Estreou na Literatura Erótica com os Contos *O Baile de Carnaval*, *Fim de Semana* e com a Comédia Romântica *Quero Me Casar e o O Editor*.

Facebook

<https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora>

Instagram
@flaviapadulaescritora

Table of Contents

[NOTA DA AUTORA – A ORIGEM DE TUDO](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Epílogo](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[FLÁVIA PADULA](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)